



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – *CAMPUS I*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

ANA DE JESUS LIMA

**GRAMATICALIZAÇÃO DE *ENTENDER* NO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO: DE
VERBO COGNITIVO A MARCADOR DE REQUISITO DE APOIO DISCURSIVO**

Salvador
2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – *CAMPUS I*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

ANA DE JESUS LIMA

**GRAMATICALIZAÇÃO DE *ENTENDER* NO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO: DE
VERBO COGNITIVO A MARCADOR DE REQUISITO DE APOIO DISCURSIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens do Departamento de Ciências Humanas – *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho

Salvador
2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Professor **Edivaldo Machado Boaventura** - UNEB – Campus I
Bibliotecária: Célia Maria da Costa – CRB5/918

L732g Lima, Ana de Jesus
Gramaticalização de entender no português moçambicano: de verbo cognitivo a marcador de requisito de apoio discursivo/ Ana de Jesus Lima . - Salvador, 2025.
147 f. : il.

Orientador: Cristina dos Santos Carvalho.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL, Campus I. 2025.

Contém referências.

1. Língua portuguesa – Moçambique – Uso. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Língua portuguesa – Gramaticalização. I. Carvalho, Cristina dos Santos. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. III. Título.

CDD: 469.5

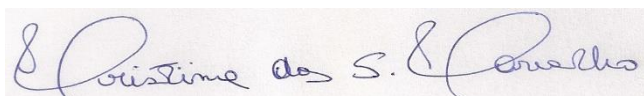
ANA DE JESUS LIMA

**GRAMATICALIZAÇÃO DE *ENTENDER* NO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO: DE
VERBO COGNITIVO A MARCADOR DE REQUISITO DE APOIO DISCURSIVO**

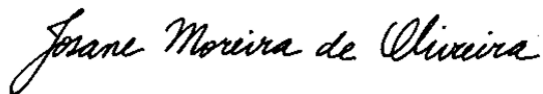
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens do Departamento de Ciências Humanas – *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Data de aprovação: 11/06/2025

Banca Examinadora



Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho - Professora Orientadora
PPGEL - UNEB



Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira - Membro Titular (Externo)
PPGEL - UEFS / PPGLinC - UFBA



Prof. Dr. Pedro Daniel dos Santos Souza - Membro Titular (Interno)
PPGEL - UNEB

Dedico este trabalho a todas as mulheres da minha vida, em especial a Ana Rosa e a Ana Vitória. Os motivos não cabem aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me mostrar, nas grandes e pequenas coisas, que a Sua presença é o que me sustenta e dá sentido à minha vida.

À família que construí: a Ana Vitória, por ter me inspirado, desde a concepção, a ser uma pessoa melhor e querer um mundo melhor para ela e para todos; a Miguel, por ser o espelho da minha alma e tornar os meus dias mais leves com a sua pureza e simplicidade.

À família que o universo me deu: à minha mãe, Ana Rosa, por seu amor, demonstrado através do exemplo de força e coragem de que sempre precisei para não desistir daquilo que realmente importa; aos meus irmãos, Goreth, que, mesmo distante fisicamente, sempre se fez presente em amor, carinho e aconchego protetor, Carlos e Joaquim, para quem gosto de saber que sou exemplo e inspiração.

À professora Cristina dos Santos Carvalho, por ter me proporcionado a grata surpresa de conhecê-la para além da função de orientadora. Pelo seu trabalho de excelência e, principalmente, por ter segurado a minha mão, ter ofertado compreensão nos momentos difíceis sem perder o foco no compromisso e na seriedade do trabalho a que nos propomos a realizar.

Ao professor Pedro Daniel dos Santos Souza (UNEB) e à professora Josane Moreira de Oliveira (UEFS/UFBA), pela leitura atenta e pelas importantes contribuições para esta pesquisa. Acrescento um agradecimento especial à professora Josane, por ter me aceitado como aluna especial em seu curso no programa PPGEL/UEFS, o que contribuiu muito no meu processo de escrita.

Às professoras Elisângela Santana dos Santos (UNEB) e Gessilene Silveira Kanthack (UESC), por terem aceitado participar da minha Banca de Defesa como membros suplentes.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB), por oferecer excelente qualidade acadêmica aliada a um ambiente humano, leve e acolhedor.

Aos/às colegas da turma do Mestrado pelas trocas, companheirismo e pelos momentos de descontração que tornaram o processo mais leve e significativo.

Às minhas amigas, por terem sido apoio e colo em momentos de lágrimas e desânimo, mas que também foram risos sinceros nos momentos de alegria.

*Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo. (Milton
Nascimento)*

RESUMO

Nesta dissertação, temos como objetivo geral analisar, no português moçambicano (PM), os usos, gramaticalizados ou não, do verbo **entender**, nas seguintes formas e/ou construções: **entende**, **entendes**, **entendem**, **tá entendendo**, **está a entender**, **entendeu** e **entendeste**. Mais especificamente, pretendemos: (i) identificar os usos do verbo **entender** na variedade em questão; (ii) distinguir os usos menos e mais gramaticalizados desse verbo; (iii) descrever a trajetória de gramaticalização dos usos de **entender** no PM; (iv) verificar quais parâmetros linguísticos estão correlacionados à gramaticalização de **entender**. Para tanto, baseamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo norte-americano (Hopper, 1987; Martelotta; Areas, 2003; Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003 etc.), especialmente naqueles da abordagem clássica da Gramaticalização (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003[1993] etc.), e em trabalhos sobre a trajetória de gramaticalização de verbos que passaram a funcionar também como marcadores discursivos de requisito de apoio discursivo (RAD) (Valle, 2001, 2014; Freitag, 2008 etc.). Para a descrição dos usos de **entender**, utilizamos dados empíricos do PM contemporâneo (século XXI), extraídos do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006). Realizamos uma pesquisa de viés metodológico qualiquantitativo, considerando os seguintes parâmetros linguísticos: tempo e modo verbais; pessoa gramatical do sujeito; explicitude/omissão do sujeito; contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta; presença e tipo de complemento verbal; tipo de sequência linguística. Os resultados demonstram que **entender** tem sido empregado, no PM, como: verbo pleno com diferentes acepções relacionadas à atividade mental (funcionando, portanto, como verbo cognitivo); verbo modal; marcador discursivo do tipo RAD; desses usos, o mais frequente na amostra é o de verbo pleno, que tende a ocorrer no presente do indicativo (nas formas **entendem** e **entende**), com sujeito explícito na terceira pessoa do singular (P3), em contexto não interrogativo, com sintagma nominal como complemento e em sequências expositivas. Em relação ao processo de gramaticalização, pudemos: (i) evidenciar uma mudança categorial de verbo pleno para verbo modal, uso em que **entender** deixa de ser elemento lexical e ganha função gramatical e valor volitivo; (ii) confirmar a hipótese de que o uso como marcador discursivo é o mais gramaticalizado e, conseqüentemente, mais abstratizado ao exercer funções interacionais. Quanto à correlação entre os usos gramaticalizados e os parâmetros linguísticos considerados na pesquisa, verificamos que **entender**: (i) como verbo modal, é mais utilizado no pretérito perfeito do indicativo (na forma **entendeu**), com sujeito explícito na terceira pessoa do singular (P3), em contexto não interrogativo, com oração encaixada não-finita como complemento e em sequências narrativas; (ii) como marcador discursivo, tende a ocorrer mais no presente do indicativo (na forma **entendes**), com sujeito implícito na segunda pessoa do singular (P2), em contexto interrogativo com pergunta retórica, sem complemento verbal e em sequências argumentativas. Ademais, a partir dos dados examinados, propusemos duas trajetórias de mudança para o verbo **entender** – verbo pleno > verbo modal e verbo pleno > marcador discursivo –, que ilustram um fenômeno denominado, na literatura funcionalista, de poligramaticalização (Braga; Paiva, 2003). Consideramos que, nas duas trajetórias, há atuação da metáfora como mecanismo motivador das mudanças categoriais de **entender**.

PALAVRAS-CHAVE: Usos de **entender**. Funcionalismo. Gramaticalização. Português moçambicano.

ABSTRACT

In this dissertation, our general objective is to analyze, in Mozambican Portuguese (PM), the uses, grammaticalized or not, of the verb **entender** ('to understand'), in the following forms and/or constructions: **entende**, **entendes**, **entendem**, **tá entendendo**, **está a entender**, **entendeu** e **entendeste**. More specifically, we intend to: (i) identify the uses of the verb **entender** in the variety in question; (ii) distinguish the less and more grammaticalized uses of this verb; (iii) describe the grammaticalization trajectory of the uses of **entender** in PM; (iv) verify which linguistic parameters are correlated with the grammaticalization of **entender**. To this end, we base ourselves on the theoretical and methodological assumptions of North American Functionalism (Hopper, 1987; Martelotta; Areas, 2003; Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003 etc.), especially those of the classical approach to Grammaticalization (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003[1993] etc.), and on works on the grammaticalization trajectory of verbs that also began to function as discursive markers of discursive support requirement (RAD) (Valle, 2001, 2014; Freitag, 2008 etc.). To describe the uses of **entender**, we use empirical data from contemporary PM (21st century), extracted from the Corpus of Portuguese (Davies; Ferreira, 2006). We conducted a qualitative and quantitative methodological study, considering the following linguistic parameters: verbal tense and mode; grammatical person of the subject; explicitness/omission of the subject; interrogative/non-interrogative context and type of question; presence and type of verbal complement; type of linguistic sequence. The results show that **entender** has been used in the PM as: full verb with different meanings related to mental activity (therefore functioning as a cognitive verb); modal verb; discursive marker of the RAD type; of these uses, the most frequent in the sample is that of full verb, which tends to occur in the present indicative (in the forms **entendem** and **entende**), with an explicit subject in the third person singular (P3), in a non-interrogative context, with a nominal phrase as a complement and in expository sequences. Regarding the grammaticalization process, we were able to: (i) evidence a categorical change from full verb to modal verb, a use in which **entender** ceases to be a lexical element and gains grammatical function and volitional value; (ii) confirm the hypothesis that the use as a discourse marker is the most grammaticalized and, consequently, most abstracted when performing interactional functions. Regarding the correlation between the grammaticalized uses and the linguistic parameters considered in the research, we found that **entender**: (i) as a modal verb, is more used in the past perfect indicative (in the form **entendeu**), with an explicit subject in the third person singular (P3), in a non-interrogative context, with a non-finite embedded sentence as a complement and in narrative sequences; (ii) as a discourse marker, it tends to occur more in the present indicative (in the form **entendes**), with an implicit subject in the second person singular (P2), in an interrogative context with a rhetorical question, without a verbal complement and in argumentative sequences. Furthermore, based on the data examined, we proposed two trajectories of change for the verb **entender** – full verb > modal verb and full verb > discursive marker –, which illustrate a phenomenon called, in functionalist literature, polygrammaticalization (Braga; Paiva, 2003). We consider that, in both trajectories, metaphor acts as a motivating mechanism for the categorical changes of **entender**.

KEYWORDS: Uses of understanding. Functionalism. Grammaticalization. Mozambican Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Trajetória de gramaticalização dos verbos	50
Figura 2: Gramaticalização do verbo principal	53
Figura 3: Mapa de Moçambique no continente africano	71
Figura 4: Mapa da divisão político-administrativa de Moçambique	72
Figura 5: Página inicial do <i>Corpus</i> do Português	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Valores semânticos dos verbos cognitivos	22
Quadro 2: Classificação dos marcadores	59
Quadro 3: Síntese dos trabalhos sobre RAD	68
Quadro 4: Contextos em que mais se instanciam os usos de entender	130

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Distribuição dos usos de entender na amostra	106
Gráfico 1: Distribuição dos usos de entender no PM (percentuais)	108
Tabela 2: Distribuição dos usos de entender de acordo com tempo e modo verbais	111
Tabela 3: Distribuição dos usos de entender de acordo com formas/construções relacionadas ao tempo e modo verbais	113
Tabela 4: Distribuição dos usos de entender de acordo com a pessoa gramatical do sujeito	115
Tabela 5: Distribuição dos usos de entender de acordo com a explicitude / omissão do sujeito	118
Tabela 6: Distribuição dos usos de entender de acordo com o tipo de contexto e pergunta	121
Tabela 7: Distribuição dos usos de entender de acordo com a presença e o tipo de complemento verbal	125
Tabela 8: Distribuição dos usos de entender de acordo com o tipo de sequência linguística	128

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CP: *Corpus* do Português

D&G: *Corpus* Discurso & Gramática

GELINS: Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade

MC: Marcador conversacional

MD: Marcador(es) discursivo(s)

PB: Português brasileiro

PM: Português moçambicano

RAD: Requisito de apoio discursivo

VARSUL: Variação Linguística na Região Sul do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A CLASSE SEMÂNTICA DOS VERBOS COGNITIVOS: O CASO DO VERBO ENTENDER	20
2.1 VERBOS COGNITIVOS: DEFINIÇÃO	20
2.2 O VERBO ENTENDER: ETIMOLOGIA	23
2.2 O VERBO ENTENDER EM DICIONÁRIOS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO	25
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
3.1 O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO	30
3.2 A ABORDAGEM DA GRAMATICALIZAÇÃO	34
3.2.1 Princípios de gramaticalização	37
3.2.2 A hipótese da unidirecionalidade	40
3.2.3 Mecanismos de gramaticalização	43
3.2.4 Motivações de gramaticalização: a reanálise e a analogia	46
4 UMA DISCUSSÃO SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS E MARCADORES DISCURSIVOS	49
4.1 GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS	49
4.2 MARCADORES DISCURSIVOS: CONCEITUAÇÃO, TRAÇOS DEFINIDORES E MULTIFUNCIONALIDADE	56
4.3 MARCADORES DISCURSIVOS DE REQUISITO DE APOIO DISCURSIVO	60
4.3.1 Definição e características	60
4.3.2 Estudos sobre marcadores discursivos de base verbal com a função de requisito de apoio discursivo	62
5 METODOLOGIA	70
5.1 NOSSO <i>LOCUS</i> DE INVESTIGAÇÃO: A VARIEDADE MOÇAMBICANA E O <i>CORPUS</i> DO PORTUGUÊS	70

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS	77
5.2.1 Valores semântico-funcionais de entender	79
5.2.2 Parâmetros linguísticos controlados	83
5.2.2.1 Tempo e modo verbais	83
5.2.2.2 Pessoa gramatical do sujeito	86
5.2.2.3 Explicitude / omissão do sujeito	88
5.2.2.4 Contexto interrogativo / não interrogativo e tipo de pergunta	89
5.2.2.5 Presença e tipo de complemento verbal	91
5.2.2.6 Tipo de sequência linguística	94
6 ANÁLISE DOS DADOS	99
6.1 USOS DO VERBO ENTENDER E SEUS DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS NO PM	99
6.1.1 Usos de entender e gramaticalização no PM: distribuição das ocorrências na amostra	106
6.2. ATUAÇÃO DE PARÂMETROS LINGUÍSTICOS	109
6.2.1 Tempo e modo verbais	109
6.2.2 Pessoa gramatical do sujeito	113
6.2.3 Explicitude /omissão do sujeito	117
6.2.4 Contexto interrogativo / não interrogativo e tipo de pergunta	119
6.2.5 Presença e tipo de complemento verbal	122
6.2.6 Tipo de sequência linguística	126
6.2.7 Síntese dos resultados	129
6.3 O VERBO ENTENDER: USOS E POSSÍVEIS TRAJETÓRIAS DE GRAMATICALIZAÇÃO	132
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	142

1 INTRODUÇÃO

A mudança linguística é um fato inerente a todas as línguas naturais e está intrinsecamente ligada ao funcionamento destas. No dizer de Martelotta (2011, p. 27), a mudança “é um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionado às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso”.

Um dos fenômenos específicos de mudança linguística é a gramaticalização, que, nos termos de Hopper e Traugott (2003 [1993]), é um processo através do qual itens ou construções lexicais assumem funções gramaticais, ou ainda, itens/construções gramaticais podem se tornar mais gramaticais. Para esses autores, além de ser um processo, a gramaticalização pode ser entendida também como abordagem teórica que estuda o próprio fenômeno da mudança por gramaticalização.

Em uma definição mais ampla e tendo em vista seu caráter unidirecional, a gramaticalização pode continuar ocorrendo em estruturas já gramaticalizadas (Freitag, 2009). Segundo a autora, “o percurso de mudança de itens lexicais pode não acabar com o ganho de funções gramaticais, mas pode continuar em direção a funções de natureza pragmática, ligadas à interação e ao processamento da fala” (Freitag, 2009, p. 2).

Nesse sentido, na nossa investigação, entendemos, com base em Traugott (1997), Freitag (2009) e Martelotta (2011), que o escopo da abordagem da gramaticalização também inclui o desenvolvimento de marcadores discursivos. Esses elementos “veiculam estratégias discursivo-pragmáticas, indicando a atitude ou a perspectiva do falante em relação ao conteúdo transmitido ou sua preocupação com a recepção desse conteúdo pelo ouvinte” (Martelotta, 2011, p. 93).

Nas línguas humanas, uma das categorias linguísticas que têm sido alvo de gramaticalização é o verbo. Nesse processo de mudança, o contexto morfossintático tem sido considerado fonte do processo de gramaticalização, podendo exercer forte influência no resultado da forma gramaticalizada (Hopper; Traugott, 2003 [1993]; Carvalho, 2011, 2017; Silva; Carvalho, 2013). O contexto de segunda pessoa do singular, por exemplo, tem se mostrado relevante na gramaticalização de verbos para marcador discursivo, como ilustram, entre outras, as formas **sabes?**, **sabe?**, **entende?**, **entendeu?** (Valle, 2014).

Entre os verbos estudados sob a ótica da gramaticalização, está o verbo **entender**, objeto de estudo desta pesquisa. Alguns trabalhos sobre o português brasileiro (PB) (Valle, 2001, 2014; Trapp, 2014; Zanin; Gonçalves, 2022) têm examinado a trajetória de mudança linguística

desse verbo cognitivo, conjuntamente com outros verbos, para marcador discursivo de requisito de apoio discursivo (RAD), que corresponde a um tipo de subgrupo dos marcadores discursivos com, entre outras, a função de requisitar atenção do interlocutor e promover a manutenção da interação.

Nesta dissertação, temos como objetivo geral analisar os usos, gramaticalizados ou não, do verbo **entender** no português moçambicano (PM), a partir de dados empíricos extraídos do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006). Centramos nossa atenção nos usos desse verbo nos contextos de presente (**entende, entendes, entendem**), presente progressivo (**tá entendendo, está a entender**) e pretérito perfeito do indicativo (**entendeu, entendeste**), com ênfase nas formas/construções que também podem estar atreladas à segunda pessoa do singular e do plural. Os exemplos abaixo ilustram alguns dos usos de **entender** nos contextos supracitados, atestados na amostra: verbo pleno (cognitivo), com as acepções de ‘perceber; compreender’ (1) e ‘julgar; interpretar’ (2)¹; verbo modal (3); marcador discursivo do tipo requisito de apoio discursivo (RAD) (4).

- (1) De debate nada fazes. Qual é o artigo de a Constituição da República de Moçambique que a Quitéria viola? Já leste bem a CRM? Eu te pedi para dizeres em que **entendes** sobre o que é patriotismo e anti-patriotismo contra-argumentando a o que Laude Guiry trouxe como definição. Não consegues nos trazer ao invés de escreveres palavras vazias? Sabes, Basílio a quem se trata de traidor de a pátria em a China, em a Correia do Sul, em o Japão, apenas para citar alguns países? Sabes quem se suicida em aqueles países por se sentir traidor de a pátria? (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)
- (2) A organização vai interceder junto de o Governo norte-americano para evitar que aquele aprove uma lei que imponha sanções económicas a o Zimbabwe. A SADC considera que o mundo não **está a entender** com a necessária profundidade "« o esforço empreendido por o Governo zimbabweano com vista a a aquisição e distribuição ordeira de a terra "». Esta organização regional também vai tentar mudar a posição de o Governo britânico em o sentido de angariar o maior apoio possível para o programa de reforma agrária em o Zimbabwe, visando contrariar o comportamento hostil de a opinião pública internacional. (<http://www.mol.co.mz/notmoc/000814po.html>)
- (3) Quer dizer que dívida se mantinha e era exigida, com a diferença de se utilizar um novo nome. 9.1 Dado que o Governo português actual se pretende herdeiro parcialmente de o regime colonial-fascista, e por isso mesmo **entende** exigir a satisfação de um "« contencioso económico-financeiro "», a Frelimo propõe que o Governo português, por razões de coerência, assuma inteiramente essa herança. 9.2 Em este quadro propomos que "« o contencioso económico-financeiro "» seja

¹ Como será visto nas seções de metodologia e análise dos dados, registamos outras acepções de **entender** como verbo pleno (cognitivo).

examinado em a perspectiva de 500 anos de dominação colonial. (CP, <http://www.macua.org/documentos28.html>)

- (4) De aí um dia estou andando em a rua e alguém de cor diferente de a minha me esmurre por as costas sem eu fazer nada. De aí, se eu revidar, significa que eu sou racista, **entendeu**? Você diria: "« Que absurdo! Você apenas revidou por que ele te espancou e não porque você é racista "». Pois é, de aí depende de quem é a pessoa que julgará a situação. Se o juiz fosse quem bolou esta contradição, certamente eu seria condenado por racismo. (CP, <http://forum.cemimz.org/index.php?topic=19.0>)

Para a descrição do nosso objeto de pesquisa, como aporte teórico, embasamo-nos em pressupostos do Funcionalismo norte-americano (Hopper, 1987; Martelotta; Areas, 2003; Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003 etc.) sob a perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993] etc.). Assumimos também, com base em Hopper e Traugott (2003 [1993]), uma concepção mais ampliada da gramaticalização que passou a analisar não somente itens, mas também as construções nas quais tais itens estão inseridos.

Tendo em vista o nosso objetivo geral e a perspectiva teórica aqui adotada, buscamos, na pesquisa, responder às seguintes questões: (i) Quais são os usos atribuídos às formas/construções do verbo **entender** aqui examinadas no PM? (ii) Dentre esses usos, quais se encontram mais ou menos gramaticalizados? (iii) Em que formas/construções do verbo **entender** ocorrem os seus usos mais gramaticalizados? (iv) Quais parâmetros² linguísticos – tempo e modo verbais, pessoa gramatical do sujeito, explicitude/omissão do sujeito, contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta, presença e tipo de complemento verbal e tipo de sequência linguística – motivam a gramaticalização do verbo **entender**?

Considerando o objetivo geral e as questões de pesquisa, definimos os seguintes objetivos específicos:

- (i) identificar os usos do verbo **entender** na variedade moçambicana do português;
- (ii) distinguir os usos menos e mais gramaticalizados do verbo **entender** na variedade em questão;
- (iii) descrever a trajetória de gramaticalização dos usos de **entender** no PM;
- (iv) verificar quais parâmetros linguísticos estão correlacionados à gramaticalização do verbo **entender**.

² Neste trabalho de orientação funcionalista, em que investigamos um fenômeno de mudança linguística e não de variação linguística, optamos por utilizar o rótulo parâmetro (em vez de variável) para os possíveis condicionadores da gramaticalização de **entender** no PM.

Levando em conta os objetivos específicos e as questões de pesquisa supracitadas, levantamos as seguintes hipóteses mais gerais: (i) No PM, há distintos usos do verbo **entender** que representam diferentes instâncias de gramaticalização; (ii) Entre esses usos provavelmente, o mais gramaticalizado é o de marcador discursivo por já desempenhar uma função interacional, sinalizando a “preocupação [do falante/escritor] com a recepção desse conteúdo pelo ouvinte” (Martelotta, 2011, p. 93); (iii) os usos gramaticalizados de **entender** podem ser explicados por distintas trajetórias de gramaticalização; (iv) há contextos linguísticos que motivam a instanciação dos usos gramaticalizados de **entender**³.

Com o intuito de verificar se as hipóteses aventadas na pesquisa podem ser confirmadas, partimos da análise de dados linguísticos provenientes do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006), banco de dados composto por amostra de textos de quatro variedades do Português: angolana, brasileira, moçambicana e portuguesa. Para a análise, examinamos ocorrências empíricas do verbo **entender**, extraídas de textos moçambicanos presentes nesse banco de dados.

A escolha por desenvolver esta pesquisa se deu pelo fato de só termos encontrado estudos sobre os usos do verbo cognitivo **entender** atrelado a outros verbos que também funcionam como marcadores discursivos do tipo RAD; ademais tais estudos têm se restringido ao exame de dados empíricos do PB. Sendo assim, optamos por desenvolver a pesquisa no PM pelo fato de notar que as pesquisas que buscam descrever essa variedade do português ainda se mostram incipientes. Dessa forma, assumimos também uma postura decolonial (Barboza; Nicolini; Freisleben, 2023) à descrição de variedades africanas do português. Esperamos que os resultados desta pesquisa sobre os usos do verbo **entender** no PM possam contribuir para a descrição e o mapeamento linguístico dessa variedade do português.

Esta dissertação é composta por sete seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção, mencionamos as acepções do verbo **entender** em alguns dicionários: Ferreira (*on-line*) e Aulete (*on-line*). Na terceira seção, expomos os fundamentos teóricos do Funcionalismo norte-americano com destaque para a abordagem da gramaticalização. Na quarta seção, trazemos um panorama sobre a gramaticalização de verbos e marcadores discursivos com ênfase nos marcadores do tipo RAD. Na quinta seção, apresentamos uma descrição do *corpus* e da variedade do português selecionados para a pesquisa bem como dos procedimentos metodológicos adotados. Na sexta seção, procedemos à análise dos dados com enfoque

³ Essa hipótese mais geral se desdobra em hipóteses específicas relacionadas aos parâmetros linguísticos considerados na pesquisa. Tais hipóteses se encontram na seção de metodologia deste trabalho.

qualiquantitativo. Em seguida, explicitamos as considerações finais a respeito do nosso objeto de investigação. Por fim, listamos as referências do trabalho.

2 A CLASSE SEMÂNTICA DOS VERBOS COGNITIVOS: O CASO DO VERBO ENTENDER

Nesta seção, fazemos uma discussão a respeito dos verbos cognitivos, dando ênfase ao verbo **entender**, objeto de investigação desta pesquisa. Na subseção 2.1, apresentamos uma definição dessa classe semântica de verbos. Na subseção 2.2, tratamos de questões relacionadas à etimologia do verbo **entender**. Na subseção 2.3, abordamos os sentidos desse verbo registrados em dois dicionários da língua portuguesa, os de Ferreira (*on-line*) e de Aulete (*on-line*)⁴.

2.1 VERBOS COGNITIVOS: DEFINIÇÃO

Os verbos cognitivos (também chamados de atividade mental) correspondem a um subgrupo de verbos que expressam processos mentais, dentre os quais se insere o verbo **entender**. A esse respeito, Costa e Furtado da Cunha (2016, p. 251) afirmam que os verbos cognitivos “não correspondem a ações do mundo material, mas referem-se a atividades que se processam mentalmente”. Na mesma direção, Barbosa e Fortilli (2018, p. 226) pontuam que esses verbos “exprimem processos psíquicos que, no âmbito da mente, dão origens a crenças, percepções, conclusões e raciocínios relacionados a um determinado conteúdo”. Essas autoras apresentam alguns exemplos de usos de verbos cognitivos; dentre eles, citam os verbos **imaginar** (5), **reconhecer** (6) e **pensar** (7)⁵.

(5) “**Imagino** o sopro de angústia que atravessou a reunião dos com-teto (e que tetos!) do eixo Leblon/Lagoa.” (FSP – Colunistas – Demétrio Magnoli – Com que cara o PSOL denuncia Bolsonaro enquanto celebra a ditadura chavista? – 06/01/2018)

(6) “**Reconheci** a voz do baiano ao mesmo tempo em que ele dizia pausadamente ‘João Gilberto’”. (FSP – Colunistas – Juca Kfoury – Por triste ironia, recluso João Gilberto termina seus dias exposto – 28/12/2017)

⁴ Ressaltamos que buscamos, em algumas bibliotecas de universidades e na *internet*, dicionários da variedade moçambicana do português, mas não os encontramos. Tivemos notícias de um projeto em andamento, de responsabilidade do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), para a construção do primeiro *Dicionário do Português de Moçambique* (DiPoMo), a ser elaborado e editado em um país africano da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Esse projeto se dá na sequência da construção e publicação, em 2014, do *Vocabulário Ortográfico Moçambicano da Língua Portuguesa* (VOMOLP), obra que possibilitou descrever o PM, tornando-se, assim, o “primeiro recurso linguístico de larga escala” em Moçambique (cf. blog do IILP disponível em: <https://iilp.wordpress.com/2021/03/10/projeto-dipomo-dicionario-do-portugues-de-mocambique>). Todavia, não conseguimos obter mais informações sobre esse projeto.

⁵ Barbosa e Fortilli (2018) não citam exemplo com o verbo **entender**.

- (7) “**Penso** em começar a fotografar e publicar os pavorosos buracos e remendos porcos do asfalto.” (FSP – São Paulo – 18 personalidades revelam promessas para melhorar a capital e a própria vida em 2018 – 14/01/2018)⁶

De acordo com os usos atestados nos exemplos, os verbos cognitivos exprimem processamentos mentais vinculados ao conhecimento do falante e, conforme Barbosa e Fortilli (2018, p. 227), “expressam diferentes nuances de significado, devido à atividade mental que cada um desenvolve”. Desse modo, em (1), o uso está relacionado à concepção de uma imagem vinculada a uma ocorrência no meio político. Segundo as autoras, esse uso está fortemente vinculado ao sentido principal de ‘formar imagem mental de algo não presente ou inventar’, o que reforça a relação com a base cognitiva desse tipo de verbo. Isso pode ser constatado também em (2). Nesse exemplo, a ação de **reconhecer** vincula-se “à codificação, identificação e distinção de características que estão presentes na memória do indivíduo” (Barbosa; Fortilli, 2018, p. 227). Semelhantemente em (3), constatamos “a combinação de conhecimentos e ideias que estão presentes no seu intelecto, expressando, assim, hipóteses formuladas interiormente, em seu pensamento” (Barbosa; Fortilli, 2018, p. 227).

Para Costa (2017), além de **entender**, compõem o grupo dos verbos cognitivos **decidir, considerar, achar, supor, acreditar, imaginar, lembrar, esquecer, saber, perceber, compreender e pensar**. Temos, então, verbos que “estão relacionados à decisão, à consideração ou à crença, à memória e à compreensão” (Costa, 2017, p. 14). Ainda segundo a autora, além dos valores semânticos mencionados anteriormente, os verbos cognitivos podem expressar também os sentidos de conhecimento, opinião, percepção, suposição, reflexão, habilidade, preocupação, resolução, previsão, memória e intenção.

O Quadro 1 apresenta uma relação dos verbos atrelados aos sentidos que expressam, com base nos resultados mais significativos encontrados em Costa (2017)⁷.

⁶ Exemplos extraídos de Barbosa e Fortilli (2018, p. 226).

⁷ Informações extraídas das Tabelas 3 a 11 de Costa (2017, p. 93 – 103).

Quadro 1: Valores semânticos dos verbos cognitivos

VALOR SEMÂNTICO	VERBOS
Conhecimento	Saber, conhecer, descobrir, aprender.
Opinião	achar, pensar, acreditar, crer.
Suposição	achar, pensar.
Crença	acreditar, crer, saber, confiar.
Memória	lembrar, esquecer, saber.
Avaliação	achar, crer, considerar, imaginar.
Compreensão	entender, saber.
Percepção	descobrir, ver, perceber.
Reflexão	pensar, raciocinar.

Fonte: Elaborado a partir de Costa (2017).

Dentre os verbos analisados por Costa (2017), os valores semânticos conhecimento e opinião foram os mais recorrentes. Os demais valores que não aparecem no Quadro 1, como habilidade, preocupação, resolução, previsão e intenção, não foram registrados pela autora devido ao pequeno número de ocorrências encontradas no *corpus*.

Considerando a aproximação com o nosso objeto de estudo, destacamos exemplos com os verbos **entender** (8) e **saber** (9), atrelados ao valor semântico de compreensão.

(8) E: a narração do ... da ... a narrativa recontada ... de uma linda mulher ... eu senti que foi um filme bem interessante ... mas eu não **entendi** como foi direito ... você podia repetir ... como é que foi essa ... esse filme ... só esse filme? (Narrativa recontada, oral, p. 111)

(9) ... eu **sei** que que você tá querendo dizer ... que não vai trazer a pessoa de volta matando o assassino ... mas pelo menos é uma forma de justiça ... né? (Relato de opinião, oral, p. 115) ⁸

No excerto (8), o uso do verbo **entender**, atrelado ao valor semântico de compreensão, expressa o fato de que o sujeito (*eu*) não compreendeu direito o filme. (Costa, 2017). Em (9), o sujeito (*eu*), ao enunciar “eu sei que você tá querendo dizer”, externa a sua compreensão a respeito da opinião do interlocutor.

⁸ Exemplos extraídos de Costa (2017, p. 101).

A respeito dos verbos **saber** e **entender** atrelados ao processo cognitivo de *compreensão*, Costa (2017) sugere, levando em conta os resultados da pesquisa, que esses dois verbos apresentam alta competitividade para esse valor semântico. Isso é atestado na quantificação dos dados que apontou 50% das ocorrências para cada um desses verbos.

Ainda em Costa (2017), uma importante consideração acerca dos verbos cognitivos que são utilizados como marcadores discursivos, diz respeito ao fato de que, nesses casos, os verbos não recebem complementos, como podemos ver em (10) e (11) com o verbo **saber** e em (12) com o verbo **entender**.

- (10) ... o ônibus lotado e tudo e já tinha algumas amigas minhas... tavam lá atrás e foram logo me chamando... “Gerson ... vem pra cá ... pra cá cantar” ...não **sei** que ... não **sei** que mais lá ... e eu tava com um menino ... o Sandrinho ... né ... (D&G/Natal, oral, p. 79)
- (11) ... foi uma história que eu nunca esqueci... ... foi ... na minha infância e se identifica muito comigo esse negócio de complexo ... **sei** lá coisa assim ... (D&G/Natal, oral, p. 84)
- (12) ... começa é ... ir na casa dela e tudo mais ... por amizade ... e ... descobre que ela ... que é ela que escrevia ... as cartas ... pela letra conheceu a letra e tudo ... e algumas coincidências que ela falava um negócio e ele dizia ... como é que tu sabe disso? E tudo mais ... **entendeu?** (D&G/Natal, oral, p. 83)⁹

Após ter caracterizado, do ponto de vista semântico, os verbos cognitivos, na próxima seção, centramos nossa atenção em um desses verbos, **entender**, destacando aspectos referentes à sua etimologia.

2.2 O VERBO ENTENDER: ETIMOLOGIA

De acordo com Ferreira (*on-line*), o verbo **entender** origina-se do latim *intendere*, e seu sentido de origem pode se distanciar do que se conhece atualmente. Para Ferreira (1976¹⁰ apud Valle, 2001, p. 9-10), o conjunto de sentidos desse verbo “parece se dividir em dois grupos: um mais ligado a experiências físicas (*estender em certa direção, esticar, dirigir, virar-se para*) e outro mais voltado a ações mentais (*ter a intenção de, pretender*)”.

⁹ Exemplos extraídos de Costa (2017, p. 22).

¹⁰ FERREIRA, Antônio Gomes. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Porto, 1976.

O primeiro grupo inclui os sentidos ‘estender para, estender’ (1) e ‘dirigir, dirigir para, dirigir-se para’ (2), (3).

- (1) *Dextram ad statuas intendere*
Estender a mão direita para a estátua (Cícero)¹¹
- (2) *Acie in omnes partes intendere*
Dirigir os olhares para todas as partes (Cícero)
- (3) *Intendere animum in rem*
Dirigir o seu espírito sobre qualquer coisa, aplicar-se a (Cícero)

Já o segundo grupo engloba as seguintes acepções: ‘ter a intenção ou a pretensão de’, ‘propor-se, intentar, projetar’, ‘afirmar’, ‘sustentar’, ‘pretender’ (4).

- (4) *Intendit se oportere facere...*
Pretende que devia fazer... (Cícero)

O Dicionário Etimológico (*on-line*) aponta que o verbo *intendere*, traduzido como ‘estender’, está relacionado à ideia metafórica do entendimento: o ato de estender conhecimentos, a fim de chegar ao objetivo pretendido.

Na mesma direção, Valle (2001, p. 88) explica que houve um processo de expansão metafórica (generalização), no português brasileiro contemporâneo, referente ao verbo **entender**, que “tem seu sentido de *perceber coisas audíveis* estendido para *perceber, compreender outras coisas*, inclusive processos mentais”, conforme ilustra o exemplo (13).

- (13) Adriana **entende** matemática.¹²

A autora chama a atenção para o complemento do verbo **entender** que se refere a um componente que envolve processamento mental. Ainda ressalta que, a partir do significado de compreensão, esse verbo passa a admitir outros complementos, inclusive, oracionais, como podemos ver em (14).

- (14) Ela **entende** que o seu filho cresceu.

A restrição de a complementação de **entender** ter de ser sempre algo ou situação vinculados a processos mentais ocorre também em contextos interrogativos em que **entender** associa-se a perguntas WH-, como mostra (15).

- (15) a. Que horas são?

¹¹ Exemplos extraídos de Valle (2001, p. 10).

¹² Os exemplos de (13) a (15) foram extraídos de Valle (2001, p. 88).

- b. **Entende** que horas são?
- c. **Entendeste** que horas são?

A partir do exemplo (15), Valle (2001) elucida que complementos que não estejam associados a processos mentais podem ser vinculados a **entender** se o verbo estiver no passado, como em (15c). Nesse caso, o verbo se restringe ao significado ‘perceber após ouvir’, diferentemente do que ocorre em (13) e (14), em que o sentido do verbo “impõe certas restrições àquilo que pode ser seu complemento, aceitando como tal somente algo ou alguma situação que possa ser compreendida, que envolva processos mentais” (Valle, 2001, p. 88).

Assim, no português contemporâneo, os sentidos do verbo **entender** estão relacionados, principalmente, para expressar ações referentes ao processamento mental e/ou às atitudes do falante. Na subseção seguinte, elencamos os usos desse verbo com base em dois dicionários da língua portuguesa: Ferreira (*on-line*) e Aulete (*on-line*).

2.3 O VERBO **ENTENDER** EM DICIONÁRIOS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Em seu dicionário, Ferreira (*on-line*), partindo da classificação sintática do verbo **entender**, relaciona os tipos sintáticos às acepções desse verbo:

(i) como verbo transitivo direto indica:

a) ‘ter ideia clara de; compreender, perceber’:

(16) Sua resposta exata mostra que **entendeu** minha explicação.

b) ‘ter experiência ou conhecimento de; ser perito ou prático em’:

(17) Conta-se que S. Francisco de Assis **entendia** a linguagem dos animais.

c) ‘inferir, deduzir, concluir, depreender’:

(18) Pelos gestos do amigo **entendeu** que devia calar-se.

d) ‘crer, achar, pensar’:

(19) **Entendia** que, resolvido aquele problema, tudo lhe correria bem.

e) ‘julgar; interpretar’;¹³

f) ‘alcançar a significação, o sentido, a ideia de’:

(20) É hermético: não **entendo** sua poesia.

g) ‘ter intento, propósito, tenção de’:

(21) **Entende** fazer longa viagem.

h) ‘Ouvir, perceber’:

(22) A balbúrdia não me permitiu **entender** o conferencista.

(ii) Como verbo transitivo indireto, expressa o sentido de:

a) ‘meditar, cogitar’:

(23) Com o seu invento, **entendia** em revolucionar a humanidade.

b) ‘ocupar-se; cuidar’:

(24) Desde criança **entende** nestes estudos.

c) ‘ter conhecimento e/ou prática; ser hábil ou perito’:

(25) “Você talvez não **entenda** disso, mas o talento está muito desvalorizado.” (Joraci Camargo, Anastácio, p. 87); “Nunca **entendi** de móveis, nem então me preocupei com isto.” (Gerardo Melo Mourão, O Valete de Espadas, p. 11).

d) ‘dizer respeito; relacionar-se’:

¹³ Não há exemplos dessas acepções no dicionário de Ferreira (*on-line*).

(26) Resolveu tudo o que **entendia** com a sua especialidade.

e) ‘contender; altercar’:

(27) “sentado à porta da rua, **entendia** com quem passava e com quem estava pelas janelas, de maneira que ninguém por ali gostava dele.” (Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um Sargento de Milícias, p. 120).

(iii) como verbo intransitivo, indica ‘exercer mando ou vigilância’:

(28) Ausente o capataz, é ele quem **entende** na fábrica;

(29) Não penses em opinar, há ordens para que apenas o chefe **entenda**.

Ainda encontramos, em Ferreira (*on-line*), referência aos significados de **entender** empregado como verbo pronominal:

a) ‘saber o que faz’;

b) ‘aplicar-se em; ocupar-se’;¹⁴

c) ‘travar e/ou manter entendimento; comunicar-se; dialogar’:

(30) Quis **entender-me** com ele, e não o consegui;

(31) Não podem continuar juntos, pois há muito não **se entendem**.

Já Aulete (*on-line*), em seu dicionário, descreve os seguintes usos do verbo **entender**:

a) ‘perceber, usando inteligência, memória, intuição etc., captar o significado de (texto, o que foi dito, situação, problema, processo etc.)’:

(32) Nada foi dito, mas só de olhar as fisionomias ela **entendeu** que tudo fora resolvido.

(33) Não sabia inglês, e não **entendeu** o que o turista lhe perguntara.

b) ‘ter conhecimento, experiência, sapiência em relação a; conhecer; saber’:

¹⁴ Ferreira (*on-line*) não cita exemplos para os dois primeiros sentidos apresentados.

(34) Você **entende** código Morse?

(35) Pode confiar nele, ele **entende** de eletrônica.

c) ‘perceber (intenção, situação, motivo), intuir, inferir, deduzir’:

(36) Pelo rumo da conversa **entenderam** que era hora de se despedir e ir embora.

(37) Examinando a lista dos aprovados, pôde **entender** o critério da classificação.

d) ‘crer, pensar, achar, ter como verdade, como certo’:

(38) **Entendo** que é necessário prorrogar os prazos deste projeto.

e) ‘ter a intenção, ter como objetivo, decidir; pretender’:

(39) Que medidas você **entende** adotar?

(40) Ela **entendeu** de fazer este curso, e nada a demoverá.

f) ‘perceber, captar pela audição’:

(41) O ar condicionado fazia tanto barulho que não **entendemos** o que ele falou.

g) ‘interpretar (significado, mensagem etc.)’:

(42) É um apelo à solidariedade, assim **entendi** esse filme.

h) ‘saber por informação, tomar conhecimento de’:

(43) Assim que **entendeu** o problema do filho correu para ajudá-lo.

i) ‘concernir a, dizer respeito a, ter relação com’:

(44) Esqueça o assunto, esse problema não **entende** contigo, nem com o regulamento.

j) ‘exercer vigilância ou direção sobre’:

(45) Este comitê **entende** nas questões sociais dentro da empresa.

(46) Passa a tarde **entendendo-se** com seus poemas, seus contos, sua literatura.

l) ‘saber (alguém) o que está fazendo ou tencionando fazer, fazer uso da lógica ou da razão’:

(47) Deixe por conta dela, ela se **entende** muito bem.

m) ‘ter facilidade de ter entendimento com (outrem) por similaridade de atitude, por amizade, por interesse comum etc.’:

(48) Ela se **entende** muito bem com a irmã.

(49) As duas irmãs se **entendem** muito bem (cada uma se entende com a outra).

n) ‘chegar (mais de uma pessoa) a entendimento, acordo’:

(50) Já se **entenderam** quanto ao negócio, só falta assinar o contrato.

Como será visto na seção de análise dos dados, registramos alguns dos usos explicitados pelos dicionários consultados nos dados empíricos do PM levantados para a pesquisa. Neste trabalho, buscamos analisar esses e os novos usos do verbo **entender** encontrados na amostra, verificando a atuação do processo de gramaticalização. Para tanto, baseamo-nos nos fundamentos teóricos do Funcionalismo norte-americano, sob o prisma da abordagem clássica da gramaticalização, os quais discutiremos na próxima seção.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, explicitamos o referencial teórico que norteia esta pesquisa. Para a descrição e análise do fenômeno investigado, assumimos como fundamentos teóricos os pressupostos do Funcionalismo norte-americano (Hopper, 1987; Martelotta; Areas, 2003; Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003 etc.) sob a perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993] etc.). Na primeira subseção, trazemos alguns pressupostos e princípios do Funcionalismo norte-americano. Na segunda subseção, discutimos a abordagem da gramaticalização, destacando as seguintes questões: os princípios de gramaticalização postulados por Hopper (1991); a hipótese da unidirecionalidade; os mecanismos (metáfora e metonímia); e as motivações (reanálise e analogia) da gramaticalização.

3.1 O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO

A corrente teórica denominada Funcionalismo prevê a língua como um sistema não autônomo inserido em um contexto de interação social (Martelotta; Areas, 2003). Desse modo, o foco dos estudos funcionalistas não está na forma da língua, e sim na função, no seu uso como instrumento de interação, ou seja, essa teoria baseia-se no contexto linguístico e na situação extralinguística para explicar a língua (Furtado da Cunha, 2011). Nos termos de Neves (1997), o modo como os usuários da língua interagem com eficiência é o que interessa a qualquer tratamento funcionalista de uma língua natural.

Essa abordagem teórica, conforme Castilho (2022), configurou-se como uma reação aos estudos formalistas, os quais não relacionam a língua a fatores históricos e sociais. Para o autor, “esse ramo de estudos ‘desencapsulou’ a língua e seus rígidos limites estruturalistas e gerativistas, estabelecendo correlações entre os fatos gramaticais e os dados da comunidade que os gerou” (Castilho, 2022, p. 68). Ainda sobre essa questão, o autor acrescenta que os funcionalistas

[...] não escondem seu desgosto quando confrontados com as análises gramaticais que tomam sentenças descontextualizadas como matéria-prima para as reflexões. A esse respeito, Halliday (1974:98 e ss) propõe claramente uma mudança de enfoque, mediante a concentração da atenção nos usuários e nos usos da língua, valorizando o emissor, o receptor e a variação linguística no quadro da reflexão gramatical (Castilho, 2022, p. 68).

Para Neves (1997), caracterizar o funcionalismo não é uma tarefa simples, uma vez que os estudos dessa vertente estão, por vezes, ligados aos estudiosos que os desenvolveram e não às características das teorias às quais eles se vinculam. A autora apresenta os principais modelos que são intitulados, em seu estudo aqui mencionado, de “os diferentes funcionalismos”. De acordo com Nichols (1984 apud Neves, 1997, p. 55-56)¹⁵, há três tipos de funcionalismo, explicados a seguir:

O tipo conservador apenas aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura. O tipo moderado não apenas aponta essa inadequação, mas vai além, propondo uma análise funcionalista da estrutura. O funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura como estrutura e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas (Neves, 1997, p. 55-56).

Representando os modelos mencionados acima, Neves (1997), com base em uma classificação de Van Valin (1990)¹⁶, aponta os seus principais representantes: num primeiro grupo, considerado do tipo “extremo”, estão Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. No grupo considerado “conservador”, tem-se Susumu Kuno. Já no grupo dos “moderados”, enquadra-se o funcionalismo de Dik, Halliday, Givón em algumas de suas obras (as de 1984, 1990 e 1993)¹⁷ e o próprio Van Valin (Neves, 1997, p. 56-57). Independentemente dessa classificação, para os funcionalistas, o foco está nas funções que as formas da língua desempenham em situações reais de comunicação, em oposição aos formalistas, cujo interesse é a análise da forma linguística em detrimento da função.

Dentre os modelos funcionalistas, destacamos a vertente que emerge nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, com as pesquisas de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que, conforme Martelotta e Areas (2003), foram os principais linguistas responsáveis pela consolidação do Funcionalismo nos Estados Unidos. Para esses linguistas, a sintaxe da língua resulta da interação discursiva, o que implica que, “para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é construída” (Martelotta; Areas, 2003, p. 24).

Seguindo essa mesma linha, Tavares (2013) enfatiza que, para essa vertente teórica, a gramática de uma língua e o conhecimento dos seus falantes a respeito dela são provenientes

¹⁵ NICHOLS, Johanna. Function theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, v. 43, p. 97-117, 1984.

¹⁶ VAN VALIN, Robert D. Functionalism, anaphora and syntax. Review article on Susumo Kuno: functional syntax: anaphora, discourse and empathy. **Studies in Language**, v. 14, n. 1, p. 169-219, 1990.

¹⁷ GIVÓN, Talmy. **Syntax I**. Nova York: Academy Press, 1984.

GIVÓN, Talmy. **Syntax II**. Nova York: Academy Press, 1990.

GIVÓN, Talmy. **English grammar**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

de experiências particulares com as formas linguísticas, considerando a frequência e o contexto de uso. Desse modo, nos estudos funcionalistas de vertente norte-americana, é relevante a concepção do que Hopper (1987) denominou “gramática emergente”, considerando que tais estudos “ênfatizavam, nas suas análises, a relação entre fatores pragmáticos e fenômenos linguísticos e a relação entre gramática e discurso” (Carvalho; Lopes; Rodrigues, 2020, p. 9).

Para Hopper (1987), é o discurso, a partir da experiência dos falantes e o contexto de fala, que molda a gramática de uma língua, a qual está em constante processo evolutivo e, portanto, incompleta. O autor opõe-se à ideia de gramática como um conjunto de regras ou um sistema abstrato. Para ele, as formas gramaticais resultam do discurso e são modificadas pelo uso. Na mesma linha de raciocínio, Gonçalves et al. (2007a) enfatizam a ideia de que o fenômeno da mudança linguística, como é o caso da gramaticalização, faz da gramática um organismo maleável e destacam o fato de que essa característica é própria de qualquer língua humana.

A corrente funcionalista norte-americana apresenta alguns princípios e categorias para os quais o processo de gramaticalização constitui um ponto privilegiado (Furtado da Cunha, 2011). Para Martelotta e Areas (2003), esses princípios vão de encontro aos dogmas da linguística estrutural e comprovam a influência do discurso nas mudanças gramaticais.

O princípio da iconicidade está ligado à correlação natural entre forma e função e entre código linguístico e seu conteúdo (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003). Esse princípio manifesta-se em três subprincípios: o da quantidade, o da integração e o da ordenação linear.

O subprincípio da quantidade prevê uma correspondência entre a quantidade de informação e a quantidade da forma. Assim, “a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa, [...] ou seja, a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão” (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003, p. 32). O exemplo a seguir, extraído do *corpus* de fala de Natal, corresponde a um caso de dupla negação.

(51) ... e um motorista dele... nesse tempo ele... num era... *num era ele o motorista dele não...* era do hotel... porque ele ficou sem motorista (*corpus* D&G/ Natal: 244).¹⁸

Em relação ao discurso falado em (51), Furtado da Cunha, Costa e Cezario, (2003, p. 33) explicam a motivação icônica para o acréscimo do segundo *não* – “quanto mais imprevisível se torna a informação, mais codificação ela recebe”.

¹⁸ Os exemplos de (51) a (53) foram extraídos de Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 32-33).

Segundo o subprincípio da integração, os conteúdos que estão mais próximos no plano cognitivo terão maior integração no plano morfossintático, podendo também acontecer o oposto, como se observa em (52).

(52) Há pouco tempo atrás, *dois bárbaros assassinos*, o da atriz Daniela Perez e o da menina que foi queimada pelos sequestradores *ressuscitou* a polêmica da pena de morte (*corpus D&G/ Natal: 321*).

De acordo com a explicação de Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), a introdução de um elemento de apoio entre o sujeito e o verbo, que no caso foi um aposto, motivou a falta de concordância verbal em (52). Essa análise reforça a ideia da não arbitrariedade sintática da língua (Martelotta; Areas, 2003) e a motivação natural entre forma e função.

O subprincípio da ordenação linear prescreve que a relevância da informação para o falante determina a ordem dos elementos no enunciado. Ou seja, a informação mais importante aparece em primeiro plano na sequência enunciativa (53) (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003).

(53) ... o pai dela tava ... tava tomando banho ... o gato apareceu na ... na janela lá do ... do ... do banheiro ... ele tava tomando banho na banheira ... ele pulou dentro e rasgou o ... o ... o pai dele todinho num matou não ... só fez arranhar né ... depois ele pegou um cabo de vassoura ... meteu no gato e o gato foi embora (*corpus D&G/Natal: 28*).

No exemplo (53), observamos que os eventos são narrados de acordo com a ocorrência lógica e cronológica da trama, ou seja, o falante reproduz os fatos de acordo com a relevância das informações. A partir do que foi exposto, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 34) reforçam que “[...] a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas”.

O Funcionalismo norte-americano considera também um outro princípio - o da marcação, o qual corresponde à distinção das categorias marcadas e não marcadas com base em três critérios (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003, p. 34):

- (i) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa estruturalmente do que a não marcada;
- (ii) Distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente que a não marcada;

(iii) Complexidade cognitiva: a estrutura marcada apresenta mais complexidade cognitiva do que as não marcadas.

Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003) acrescentam ainda que, em muitos casos, pode haver uma coincidência dos três critérios de marcação, o que configura o reflexo mais geral da iconicidade na gramática. Nos termos de Givón (1995 apud Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003), a marcação depende do contexto e sustenta-se em fatores socioculturais, cognitivos ou biológicos. Na mesma direção, Furtado da Cunha (2011) afirma que uma construção pode ser marcada em um dado contexto e não-marcada em outro. Ilustra essa afirmação da seguinte forma: “[...] a voz passiva sintética (“Vende-se casa”) é muito marcada na língua oral por ser bastante comum. Entretanto, num texto escrito formal, ela não é marcada, já que ocorre com relativa frequência” (Furtado da Cunha, 2011, p. 171).

Os estudos funcionalistas têm como um de seus principais interesses o tema da mudança linguística. Nesse contexto, muitas pesquisas têm surgido dando ênfase a um tipo específico de mudança: a gramaticalização. Na próxima subseção, tratamos dessa abordagem teórica no que concerne ao conceito, surgimento, princípios, mecanismos e motivações.

3.2 A ABORDAGEM DA GRAMATICALIZAÇÃO

No âmago dos estudos funcionalistas, a gramaticalização tem sido uma das principais abordagens teóricas nos estudos referentes à mudança linguística. Na literatura linguística, o termo gramaticalização tem sido entendido tanto como um paradigma quanto como um fenômeno (Hopper; Traugott, 2003 [1993]). Enquanto fenômeno, implica um processo que ocorre quando um item/construção lexical adquire caráter gramatical ou quando um item/construção já gramatical se torna mais gramatical (Hopper; Traugott, 2003 [1993]). Como paradigma, constitui uma abordagem teórica que estuda o próprio fenômeno da gramaticalização.

O termo gramaticalização foi originalmente cunhado, no início do século XX, por Antoine Meillet que buscava explicar o surgimento de novas palavras em uma língua. Para Rosário (2010), o entendimento de Meillet (1912), ao compreender a gramaticalização “como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma”, está muito próximo ao conceito adotado pelo Funcionalismo (Rosário, 2010, p. 2). Já para Freitag (2010), a acepção de Meillet pode estar ligada ao processo pelo qual itens, com o passar do tempo, podem se tornar mais gramaticais, ou ainda, conforme Hopper e Traugott (2003 [1993]), associa-se à ideia

de abordagem ou paradigma em que se observam o surgimento e os usos de formas e construções gramaticais e como estas modelam a língua (Freitag, 2010, p. 144).

Muito antes de Meillet, no entanto, já se encontram indícios de estudos passíveis de serem considerados como gramaticalização. Conforme panorama apresentado por Rosário (2010), por volta do século X, um escritor da dinastia Yuan, chamado Zhou Bo-qi, ao tratar da mudança de símbolos cheios para símbolos vazios, poderia estar apontando para o que hoje conhecemos como gramaticalização. No século XVIII, o desenvolvimento continua com Condillac e Rosseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra); já no século XIX, temos Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelentz (na Alemanha) e Whitney (nos Estados Unidos). Por fim, no início do século XX (1912), temos como figura central Meillet, na França (Rosário, 2010).

A partir de então, começam a se desenvolver muitas pesquisas mais aprofundadas sobre gramaticalização por inúmeros linguistas, como Lehmann, Heine, Claudi, Hünemeyer, na Alemanha, e Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, entre outros, na Costa Oeste Americana (Gonçalves et al., 2007a).

Conforme ressaltam Gonçalves et al. (2007a), há dois pontos sobre os quais há consenso entre todos os estudiosos citados anteriormente:

- (i) fazem a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro;
- (ii) consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras (Gonçalves et al., 2007a, p. 19).

Considerados os principais nomes representativos nos estudos do fenômeno da gramaticalização, Hopper e Traugott (2003 [1993]) o compreendem “como um processo através do qual itens e construções lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 1)¹⁹. Essa ideia de *continuum* aponta para um aspecto muito importante que é o da unidirecionalidade nos processos de mudança por gramaticalização.

A gramaticalização ocorre, de acordo com a literatura linguística, por motivações associadas ao contato linguístico e por motivações comunicativas (Martelotta, 2011, p. 110-115). Para o autor, as motivações mais significativas para a gramaticalização assim como para

¹⁹ Do original: “[...] with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 1, tradução nossa).

a mudança linguística, de modo geral, estão atreladas a fatores de natureza comunicativa e se manifestam também no processo de unidirecionalidade da mudança, entre os quais destaca: a) a necessidade de expressar domínios abstratos da cognição em termos de domínios concretos; b) a negociação do sentido por falante e ouvinte no ato da comunicação; c) a tendência dos ouvintes para selecionar estruturas ótimas; d) a tendência dos falantes para usar expressões novas e extravagantes; e) iconicidade, marcação e frequência.

Segundo Hopper e Traugott (2003 [1993]), a gramaticalização pode ocorrer tanto em itens específicos quanto em construções nas quais itens estão inseridos. Um exemplo disso, demonstrado pelos autores, é a gramaticalização do verbo *go*, no inglês, inserido na construção *be going to*, que passa a exercer a função de marcador temporal. O item *go*, na função de verbo pleno (54), estabelece um sentido de deslocamento espacial: no excerto (54), o sujeito da oração está em direção a um lugar, Londres; já a construção gramaticalizada *be going to* não expressa o sentido inicial de movimento, ocorrendo, assim, uma abstratização do seu significado, que passou a expressar deslocamento temporal: em (55), *be going to* marca o futuro do verbo *to marry* ('casar').

(54) I am going to Londres.
'Estou indo a Londres'.

(55) I am going to marry Bill.
'Eu vou casar com Bill'.²⁰

Podemos observar, com base nas considerações supracitadas de Hopper e Traugott (2003 [1993]), que houve uma ampliação ou redefinição dos limites da gramaticalização. A esse respeito, Carvalho (2017) afirma:

[...] na literatura linguística (Traugott, 1997; Hopper; Traugott, 2003; Bybee, 2003; Noël, 2007, dentre outros), com a constatação da relevância do contexto morfossintático ou da construção em que a forma fonte ocorre para a gramaticalização, tornaram-se prementes uma nova perspectiva de análise que deslocasse o foco de atenção apenas de itens específicos e a redefinição do próprio processo de gramaticalização para “mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical (Traugott, 2009)” (Carvalho, 2017, p. 88).

Considerando ainda a ampliação do escopo da gramaticalização, concordamos com Freitag (2009, p. 2) no que diz respeito à asserção de que “o percurso de mudança de itens

²⁰ Exemplos de Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 3).

lexicais pode não acabar com o ganho de funções gramaticais, mas pode continuar em direção a funções de natureza pragmática, ligadas à interação e ao processamento da fala”. Essa ideia reforça a visão de Traugott (1997) e Martelotta (2011) referente à abrangência do processo de gramaticalização: esses autores defendem que tal processo também envolve o desenvolvimento de marcadores discursivos, apontando uma mudança do nível representacional (de referência a dados do mundo bio-psíquico-social) para o interpessoal (“que engloba as expressões [...] cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora o seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso”) (Martelotta, 2011, p. 90).

Ao considerar os marcadores discursivos como resultado da gramaticalização, Traugott (1997) estabelece uma relação entre sintaxe, pragmática e semântica e aponta o desenvolvimento de marcadores discursivos a partir de advérbios, sugerindo o seguinte *cline*: cláusula adverbial interna > advérbio sentencial > partícula do discurso (na qual se inserem os marcadores discursivos). Para a autora, esse *cline*

[...] ilustra um conjunto de outras características estruturais há muito atestadas da gramaticalização inicial, especificamente decategorização, redução fonológica e generalização; ilustra também uma série de características reconhecidas mais recentemente, especialmente o fortalecimento pragmático e a subjetivação (Traugott, 1997, p. 1)²¹.

Dessa forma, constatamos uma ampliação do escopo investigativo da gramaticalização quando passaram a ser considerados casos de mudança de um item ou uma construção para marcador discursivo.

No próximo tópico, tratamos dos cinco princípios que, de acordo com Hopper (1991), caracterizam os estágios iniciais da trajetória da gramaticalização.

3.2.1 Princípios de gramaticalização

A mudança linguística por gramaticalização ocorre de forma gradual. Em *On some principles of grammaticization*, Hopper (1991) postula que, no processo de mudança linguística por gramaticalização, podem atuar os seguintes princípios: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Para Gonçalves e Carvalho (2007),

²¹ Do original: “[...] illustrates a cluster of other long-attested structural characteristics of early grammaticalization, specifically decategorialization, phonological reduction, and generalization; it also illustrates a number of more recently recognized characteristics, especially pragmatic strengthening and subjectification” (Traugott, 1997, p. 1, tradução nossa).

[...] esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não à gramática. Em outras palavras, esses princípios não discriminam os processos de mudança que resultam em gramaticalização e os que não resultam (Gonçalves; Carvalho, 2007, p. 79).

O princípio da estratificação consiste na competição de formas que coexistem e atuam no mesmo domínio funcional ou no surgimento contínuo de novas camadas. “À medida que isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e interagir com as camadas mais novas” (Hopper, 1991, p. 22)²². Como domínio funcional, o autor designa esferas como tempo, modalidade, aspecto, referência e caso. Nessa fase do processo de gramaticalização, não ocorre uma substituição imediata, ou pode nunca ocorrer, das “camadas” antigas pelas novas, mas essas podem coexistir desempenhando funções equivalentes (Hopper, 1991).

A gramaticalização de *entender* como MD (**entende?, entendes?, entendeu?, está(s) a entender?, tá(s) entendendo?**) ilustra bem, em diferentes variedades do português, o princípio da estratificação, já que essas formas convivem com outros MD que desempenham a mesma função de RAD, como **né?, sabe?, viu?**

O segundo princípio postulado por Hopper (1991), que muito se aproxima da estratificação e é considerado uma forma especial desse primeiro princípio, é o da divergência. Essa etapa corresponde à permanência da forma fonte que originou o processo de gramaticalização e ambas as formas prosseguem na língua desempenhando funções distintas. Nos termos de Hopper (1991), “quando uma forma lexical sofre gramaticalização, [...] a forma original pode permanecer como elemento lexical autônomo e sofrer as mesmas alterações que quaisquer outros itens lexicais” (Hopper, 1991, p. 22)²³.

Para exemplificar o princípio da divergência, valemo-nos da gramaticalização do verbo **entender** para MD. Nesse ponto, a/o forma/uso fonte convive com a/o forma/uso gramaticalizada/o, divergindo apenas em função, como podemos ver em (56), **entendeu**, na sua forma fonte, como verbo cognitivo e, em (57), na forma gramaticalizada como marcador discursivo:

²² Do original: “As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and interact with the newer layers” (Hopper, 1991, p. 22, tradução nossa).

²³ Do original: “When a lexical form undergoes grammaticization, [...] the original form may remain as an autonomous lexical element and undergo the same changes as any other lexical items” (Hopper, 1991, p. 22, tradução nossa).

(56) E, como sempre, a tese de o excepcionalismo caboverdiano e apresentado de forma refrataria. Claramente não **entendeu** as comparações -- daí a sua escrita dizer que não existe a logica. O que foi comparado e para mostrar a diversidade de o continente e que não obstante a falta de homogeneidade entre as varias culturas, tal não deve ser o ponto de partida para afirmar que CV não faz parte de Africa. A tese de que somos Cabo Verdianos e so, tem uma longa historia. (CP, <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial>)

(57) É mais ou menos assim: Eu digo que não sou racista, que não faço distinção de cor. Que amo as pessoas por o que elas são, independente de a cor de a sua pele. De aí um dia estou andando em a rua e alguém de cor diferente de a minha me esmurre por as costas sem eu fazer nada. De aí, se eu revidar, significa que eu sou racista, **entendeu**? Você diria: "« Que absurdo! Você apenas revidou por que ele te espancou e não porque você é racista "». (CP, <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial>)

A etapa da especialização diz respeito à redução de escolha de itens de um mesmo domínio e, conseqüentemente, ocorre o aumento de uso das formas mais gramaticalizadas. Nas palavras de Hopper (1991), “a variedade de escolhas formais diminui e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais” (Hopper, 1991, p. 22)²⁴. Esse princípio pode ser exemplificado com base em Silva (2021): tendo em vista os dados examinados, a autora mostra que, no processo de gramaticalização do verbo **estar** na fala popular soteropolitana, houve uma especialização da forma reduzida **tá** com os usos como advérbio de afirmação/concordância (**tá, tá bom, tá certo**) e marcador discursivo (**tá?, tá entendendo?**).

A persistência refere-se à manutenção de características do item/construção fonte na forma gramaticalizada. Esse princípio “relaciona o significado e a função de uma forma gramatical à sua história como morfema lexical” (Hopper, 1991, p. 28)²⁵. Conseqüentemente, a persistência de traços do item/construção fonte pode “provocar restrições sintáticas no uso das formas gramaticalizadas” (Jesus, 2022, p. 68).

Um exemplo desse princípio é visto em Carvalho (2017) a respeito do verbo *achar*, que, em um estágio de gramaticalização usado como opinião/apreciação, mantém características do seu uso como verbo pleno. Desse modo, a forma inovadora pode apresentar restrições gramaticais com base no significado do item lexical do qual se originou.

Já sobre a decategorização, Hopper (1991) postula:

²⁴ Do original: “[...] this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings” (Hopper, 1991, p. 22, tradução nossa).

²⁵ Do original: “[...] relates the meaning and function of a grammatical form to its history as a lexical morpheme” (Hopper, 1991, p. 28, tradução nossa).

Formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e sintáticos próprios das categorias plenas substantivo e verbo, e assumir atributos característicos de categorias secundárias, como adjetivo, particípio, preposição, etc. (Hopper, 1991, p. 22)²⁶.

Dessa forma, o princípio da decategorização remete à neutralização ou à perda, em alguma medida, na forma gramaticalizada, de características da forma fonte. Assim, trazemos a exemplificação do verbo **entender**, que passou por uma decategorização nos contextos morfossintáticos de segunda pessoa, no presente do indicativo (**entende?**, **entendes?**), no pretérito perfeito do indicativo (**entendeste**, **entendeu?**) e no presente progressivo (**está a entender?**, **tá entendendo?**).

A respeito dos princípios aqui elencados e descritos, Hopper (1991) chama a atenção para o fato de que nem todos os itens em processo de gramaticalização passarão arbitrariamente por todos esses princípios. O autor considera também que tais princípios não são exclusivos do domínio da gramaticalização, mas a qualquer processo de mudança linguística que resulte ou não em gramaticalização.

3.2.2 A hipótese da unidirecionalidade

O caráter unidirecional está intrinsecamente atrelado ao processo contínuo da gramaticalização. Sobre essa questão, Hopper e Traugott (2003 [1993]) afirmam que “a suposição básica é que existe uma relação entre dois estágios A e B, de modo que A ocorre antes de B, mas não vice-versa. Isto é o que se entende por unidirecionalidade” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 100)²⁷.

Esse aspecto unidirecional, conforme Martelotta (2011), tem sido um dos pontos mais discutidos a respeito da teoria da gramaticalização. A respeito disso, o autor apresenta os quatro parâmetros propostos por Heine e Kuteva (2007) que atuam juntamente no processo de mudança linguística e demonstram bem a tendência à unidirecionalidade (Martelotta, 2011, p. 107-109):

²⁶ Do original: “Forms undergoing grammaticization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the full categories Noun and Verb, and to assume attributes characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc.” (Hopper, 1991, p. 22, tradução nossa).

²⁷ Do original: “The basic assumption is that there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality” (Hopper; Traugott, 2003 [1993] p. 100, tradução nossa).

- (i) extensão (ou generalização) de contextos, que compreende o uso em novos contextos e este é um fenômeno eminentemente gradual;
- (ii) dessemantização (redução semântica), que tem a ver com a perda representacional, ao passo que os elementos ganham nova função gramatical;
- (iii) decategorização (ou mudança categorial), que remete à perda de características da forma fonte; e
- (iv) erosão (ou redução fonética), que consiste na perda fonética.

Para Neves (1997, p. 121), a unidirecionalidade é uma característica básica da abordagem da gramaticalização, pois, segundo a autora, esse princípio sustenta a ideia de que “uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”. As mudanças na língua, no entanto, não ocorrem de modo abrupto, mas sim, “num *continuum* sem limites”, o que pode levar a existirem formas antigas e inovadoras competindo numa língua (Rosário, 2010, p. 8). Esse *continuum* (ou *cline*) reforça a ideia de gradualidade do processo de gramaticalização, conforme explicitado a seguir:

Básico para o trabalho em gramaticalização é o conceito de '*cline*' [...] Do ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam por uma série de transições graduais, transições que tendem a ser semelhantes em outros idiomas (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 6)²⁸.

Tomando como ponto de partida o princípio da unidirecionalidade, Hopper e Traugott (2003 [1993]) propõem o seguinte percurso (*cline*) de gramaticalização: item lexical de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 103). Reforça-se, portanto, o caráter unidirecional da gramaticalização, posto que a mudança ocorre da esquerda para a direita e do mais lexical para o mais gramatical, respectivamente. Assim, segundo os autores:

[...] a mudança deve ser vista sempre em termos de variação, e a fórmula para a mudança deve ser, portanto, $A > A/B > B$. Ainda assim, é preciso estabelecer que não é inevitável que A desapareça. A e B podem, em vez disso, seguir seus próprios caminhos e continuar coexistindo como reflexos divergentes de

²⁸ Do original: “Basic to work on grammaticalization is the concept of a ‘cline’ [...] From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of gradual transitions, transitions that tend to be similar in type across languages” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 6, tradução nossa).

uma forma historicamente única ao longo de muitos séculos, até milênios (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 121-122)²⁹.

Numa perspectiva semântica, ocorre também a trajetória do concreto para o abstrato. Nesse sentido, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 54) afirmam que “entidades abstratas emergem da experiência humana com o mundo concreto”. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) apresentam uma ordenação de categorias cognitivas, por meio das quais se pode observar um processo de abstratização: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.

Souza (2018), ao analisar o percurso de gramaticalização de *onde*, conclui que a maioria dos usos encontrados se relaciona com esse processo de abstratização, uma vez que contemplam os valores semânticos de *pessoa*, *objeto*, *espaço* e *tempo*. Após uma comparação entre os dados encontrados e o *continuum* proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Souza (2018) estabeleceu a seguinte trajetória de abstratização semântica: pessoa > objeto > espaço (físico > abstrato > instrumental) > tempo > explicação / causa resultado / consequência.

Do mesmo modo, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003) apresentam um *cline* de abstratização gradativa proposto por Traugott e Heine (1991): espaço > (tempo) > texto. Essa trajetória ilustra dois desdobramentos possíveis, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 54-55): “a emergência de categorias originárias de elementos lexicais concretos e a abstratização gradativa de um determinado item sem que haja mudança de categoria gramatical”.

Um exemplo desse *continuum* de abstratização é demonstrado em Gomes (2020) ao descrever as etapas de gramaticalização dos usos do *aí*. O *cline* espaço > tempo > texto, proposto por Traugott e Heine (1991), contempla os resultados encontrados na pesquisa, pois se verificou que “os usos do *aí* têm migrado de valores espaciais (dêitico locativo, anafórico e catafórico), passando por um valor temporal (dêitico temporal), até chegarem à esfera textual (sequenciador temporal, consecutivo, finalizador)” (Gomes, 2020, p. 124).

Outro exemplo de *continuum* da gramaticalização pode ser ilustrado a partir dos dados de Silva (2021). Conforme os usos encontrados e analisados do verbo **estar**, a autora assume o seguinte *continuum*: verbo pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar > advérbio de afirmação/concordância > marcador discursivo. Há também *clines* que exemplificam mudança

²⁹ Do original: “[...] change must always be seen in terms of variation, and the formula for change should therefore be $A > A/B > B$. Even so, it still needs to be stated that it is by no means inevitable that A will disappear. A and B may instead each go their own ways and continue to coexist as divergent reflexes of a historically single form over many centuries, even millennia” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 121-122, tradução nossa).

de um item ou de uma construção lexical para marcador discursivo, como podemos evidenciar, por exemplo, em uma das trajetórias de gramaticalização do verbo **entender** no PM: verbo pleno > marcador discursivo. Voltaremos a tratar dessa questão na seção de análise dos dados deste trabalho.

3.2.3 Mecanismos de gramaticalização

A mudança categorial de itens ou construções é desencadeada por alguns mecanismos cognitivos que são partes do processo de gramaticalização. Em outras palavras, esses mecanismos são compreendidos como as causas que impulsionam a gramaticalização de um item ou construção. Para Martelotta, Votre e Cezario (1996), não há um consenso na literatura linguística em relação a tais mecanismos. Os autores apontam, por exemplo, a visão de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), que mencionam a transferência metafórica, enquanto Lehmann (1991) destaca a importância da analogia no processo de mudança.

Por outro lado, Hopper e Traugott (2003 [1993]), ao tratarem da gramaticalização de **be going to** em marcador temporal, destacam o caráter de complementaridade da atuação da metáfora e da metonímia no processo de mudança por gramaticalização:

[...] inferência metonímica e metafórica são processos complementares, não mutuamente exclusivos, no nível pragmático que resultam dos mecanismos duplos de reanálise ligada ao processo cognitivo de metonímia, e analogia ligada ao processo cognitivo de metáfora (Hopper; Traugott 2003 [1993] p. 93)³⁰.

Em relação aos processos metafóricos, Hopper e Traugott (2003 [1993]) os descrevem como “processos de inferência através de fronteiras conceituais e são normalmente referidos em termos de ‘mapeamentos’ ou ‘saltos associativos’ de um domínio para outro”³¹, sendo que esses processos não ocorrem de forma aleatória, mas motivados por analogias e relações icônicas (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 84).

Nessa direção, Gonçalves et al. (2007a) consideram, como um princípio cognitivo específico que atua no processo de gramaticalização, o “princípio de exploração de velhas

³⁰ Do original: “[...] metonymic and metaphorical in ferencing are complementary, not mutually exclusive, processes at the pragmatic level that result from the dual mechanisms of reanalysis linked with the cognitive process of metonymy, and analogy linked with the cognitive process of metaphor” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 93, tradução nossa)³⁰.

³¹Do original: “[...] processes of inference across conceptual boundaries, and are typically referred to in terms of ‘mappings’, or ‘associative leaps,’ from one domain to another” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 84, tradução nossa).

formas para novas funções”. Tal princípio sugere que “conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto” (Gonçalves et al., 2007a, p. 42). Destaca-se, portanto, a atuação da metáfora e da metonímia para possibilitar a passagem de elementos de categorias mais concretas para mais abstratas.

A metáfora, nos termos de Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 29), é “um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato”. No âmbito da gramaticalização, trazendo os termos de Gonçalves et al. (2007a, p. 42-43), a metáfora “envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios lexicais ou menos gramaticais, são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais”.

O exemplo (58), dado do *corpus* analisado por Rost Snicheloto e Gorski (2011), ilustra um caso de atuação de processo metafórico, evidenciando instâncias de mudança pragmática a partir da atuação do verbo *ver* como MD na função de chamada de atenção do ouvinte, o que demonstra uma expansão metafórica espaço físico > espaço discursivo (Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991). Em outras palavras, observamos que, na construção **veja só**, em (58), ocorre, metaforicamente, o deslocamento da atenção do ouvinte do espaço físico para o espaço discursivo. A construção sofreu a perda do sentido perceptivo visual e o desbotamento semântico (Rost Snicheloto; Gorski, 2011).

(58) IDIOTA – Não pense tanto assim, eu me atrapalho. Como pode pensar tanto, ter tantas dúvidas?

FAUSTO – Talvez porque eu não me chame Idiota. Infelizmente me chamo, não sei por quanto tempo neste drama, Fausto. Sabe o que significa Fausto, Idiota?

Quer dizer, **veja só**, Idiota, feliz. No fundo, ser feliz e ser idiota dá quase no mesmo (BRÜGGEMANN, 1999, p. 61). (Rost Snicheloto; Gorski, 2011, p. 435).

Ainda exemplificando a atuação da metáfora no processo de gramaticalização, trazemos o caso da mudança do verbo perceptivo **olhar** para MD, nas suas formas *olha*, *olhe* e *oh*, em Carvalho e Gomes (2017). Os exemplos seguintes demonstram usos do verbo para além do contexto de percepção física, evidenciando, assim, instâncias de gramaticalização:

(59) [...] naquele tempo minha mãe andava até o Barbalho nera pra pegar um bonde, acho que era bonde, não, pra descer o arco, **olha**, agora que me lembro, não tinha ônibus, descia o arco né? O arco antes era... (inint)? (PEPP, Inf. 41, p. 5)³²

³² Os exemplos (59), (60) e (61) foram extraídos do trabalho de Carvalho e Gomes (2017).

(60) DOC: Hum ... Oh...., você compara essa educação que você teve com a que hoje se dá as crianças? O que é que você acha?

07: **Olhe**, eu sou meio careta, viu? Pra ser bem sincera eu acho que não deve ter tanto tabu como teve na minha época, porém eu acho também que não se deve largar o filho em demasia [...] (PEPP, Inf. 7, p. 4)

(61) DOC: Com as crianças?

06: Com as crianças. Eu não sei se... por causa da, da, da, da situação financeira que era meia apertada, eu sei que hoje eu acho que os adultos têm muito mais paciência que, **olha** aí um exemplo: ela arreja tudo pra ... pra ... pra até, pra ficar ... (PEPP, Inf. 6, p. 4)

Além de outros usos do verbo **olhar** na função de MD, representando instanciarções de gramaticalização, observados por Carvalho e Gomes (2017), os exemplos (59), (60) e (61) apresentam, respectivamente, os valores de parentetização, prefaciação e exemplificação. Nesse caso de mudança categorial (de verbo de percepção visual para marcador discursivo), ocorre “um deslocamento semântico-pragmático motivado pela atuação da metáfora”, mecanismo que pressupõe uma “transferência de significados concretos para significados mais abstratos” (Carvalho; Gomes, 2017, p. 307). Nesse sentido, reforçamos, com base em Gonçalves et al. (2007b, p. 93), a atuação da metáfora em *continua* de gramaticalização pelo fato de ser considerada um mecanismo “de natureza cognitiva, que consiste na projeção, em passos discretos, de significados de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato”.

De acordo com Martelotta (2011), a metáfora não se dá isoladamente, mas se manifesta no evento comunicativo revelando-se como uma boa estratégia expressiva. É necessário considerar-se, portanto, os mecanismos metonímicos, ou seja, “processos de natureza discursiva: mecanismos que ativam implicaturas associadas ao material linguístico existente em um determinado contexto sintagmático, que é utilizado em uma situação extralinguística particular” (Martelotta, 2011, p. 81). Nesse sentido, a metonímia consiste em mais um mecanismo do qual desencadeia a mudança categorial. Nas palavras de Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 29), “a metonímia diz respeito aos processos de mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático”.

Esse processo cognitivo é visto “tal qual a metáfora, como uma categoria de extensão de significados” (Gonçalves et al., 2007a, p. 47). Além disso, ainda de acordo com Gonçalves et al. (2007), a metonímia tem a ver com inferência pragmática que se fundamenta no mundo discursivo, ou seja, é uma espécie de troca que resulta de uma palavra em uma frase na qual um elemento do contexto surge a partir da ligação entre uma ideia e o significado da palavra em

questão (Gonçalves et al., 2007a, p. 47). A respeito disso, Rost Snicheloto e Gorski, (2011), em uma análise de marcadores discursivos de base verbal (**olha** e **vê**), acrescentam que

[...] há um *continuum* de pequenas mudanças que se dão metonimicamente, por contiguidade contextual, em que um uso dá origem a outro. Esse movimento mostra um duplo deslocamento: desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo e mudança gradativa do estatuto categorial – de verbo a MD –, conforme atestam estudos de diversas línguas românicas cujos verbos de percepção visual *olhar* e *ver* também derivam MDs (Rost Snicheloto; Gorski, 2011, p. 436).

Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 30) utilizam o “termo metonímia para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico (e pragmático) em que está sendo utilizada”. Em outras palavras, “os processos metonímicos permitem que o uso de um determinado elemento em uma situação comunicativa específica gere uma interpretação que possibilita ao usuário da língua usar esse mesmo elemento, com uma nova função” (Jesus, 2022, p. 74).

Para Gonçalves et al. (2007a), os processos metonímicos e metafóricos se complementam, uma vez que a atuação de ambos explica a mudança via gramaticalização, ou seja, essa mudança só é possível a partir de um estágio intermediário em que atua um processo conceptual (Gonçalves et al., 2007a, p. 48). A respeito desse caráter complementar da metáfora e da metonímia, na concepção de Hopper e Traugott (2003[1993]),

Enquanto a metáfora está correlacionada principalmente com a solução do problema da representação, a metonímia e a semântica dos significados conversacionais estão correlacionadas com a solução do problema de expressar as atitudes do falante (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 93)³³.

Os processos cognitivos da metáfora e da metonímia estão associados, respectivamente, aos mecanismos da analogia e da reanálise, dos quais tratamos no próximo tópico.

3.2.4 Motivações de gramaticalização: a reanálise e a analogia

Além dos processos metafóricos e metonímicos, outros mecanismos estão associados à gramaticalização: trata-se da analogia e da reanálise. Embora esses mecanismos estejam ligados à metáfora e à metonímia, que são processos complementares, Gonçalves et al. (2007a)

³³ Do original: “While metaphor is correlated primarily with solving the problem of representation, metonymy and semanticization of conversational meanings are correlated with solving the problem of expressing speaker attitudes” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 93, tradução nossa).

lembram que a analogia e a reanálise operam de maneiras distintas. Esta “permite a criação de novas formas gramaticais, à medida que, gradualmente, alteram-se as fronteiras de constituintes em uma expressão, levando uma forma a ser reanalisada como pertencente a uma categoria diferente da original”. Já aquela refere-se à “atração de formas preexistentes por outras construções também já existentes no sistema e envolve inovações ao longo do eixo paradigmático” (Gonçalves et al., 2007a, p. 49-50).

Podemos ilustrar, a partir de Silva (2021), o papel da reanálise com o caso de gramaticalização do verbo **estar**, que sofreu uma mudança categorial ao passar a ser empregado como outra categoria gramatical (advérbio de afirmação/concordância), como podemos ver na construção **tá certo** (62).

- (62) Aí eu faço: “S. você tem que ficar com... com K., porque o apelido dela é K., que é nome é Alessandra, tem que ficar com ela porque mamãe vai sair e Solange vai sair e quem vai te olhar? Então você não fique brigando com ela não, porque ela é sua irmã, ela gosta de você.” **tá certo**, mainha, eu vou obedecer, olhe K, você vai ser minha babá hoje, viu? (risos).(PEPP, Inq. 36, mulher, 45 anos, fundamental, p. 245)

Em relação à analogia, Martelotta, Votre e Cezario (1996) destacam que se trata de um processo de regularização, uma vez que permite a expansão da mudança na língua e não propriamente a mudança linguística (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 30). Já a reanálise, nos termos de Hopper e Traugott (2003 [1993]),

[...] é o mais importante para toda mudança, porque é um pré-requisito, mecanismo de gramaticalização para a implementação da mudança por analogia. A analogia, estritamente falando, modifica as manifestações superficiais e por si só não efetua a mudança de regras, embora efetue a difusão das regras quer dentro do próprio sistema linguístico quer dentro da comunidade (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 39)³⁴.

Um exemplo de expansão de uso linguístico por analogia é o caso da construção **disse que** (empregada como operador evidencial) (12), que, no dizer de Carvalho (2017), provavelmente se implementou na língua portuguesa por analogia a **diz que** (13).

- (63) DOC: Mas essa história aí o que foi mesmo que a sua tia colocou em seu pé?

³⁴ Do original: “[...] is the most important mechanism for grammaticalization, as for all change, because it is a prerequisite for the implementation of the change through analogy. Analogy, strictly speaking, modifies surface manifestations and in itself does not effect rule change, I although it does effect rule spread either within the linguistic system itself or within the community” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 39, tradução nossa).

02: Toucinho quente, eh, eu furei...

DOC: Pra que?

02: **Disse que** é ótimo, eh, eu furei o, o pé com prego enferrujado, aí a minha tia pegou, e minha avó, juntou todo mundo colocou toucinho quente, eu sei que foi o maior auê, minha mãe querendo...

DOC: Pra facilitar o prego sair é? 02: Não, disse que é bom pra não, eu acho que não, não inflamar. (PEPP, Inf.02, p. 2)

(64) 31: [...] agora mesmo a gente está no aviso aí, a gente está trabalhando no aviso, eu vou aproveitar, é, está no aviso aqui todo mundo.

DOC: É, vocês vão sair?

31: A gente não sabe, a gente não sabe como é que vai ficar a situação da gente a gente está há dois, três meses sem receber um centavo...

DOC: É porque vai mudar a firma talvez né?

31: **Diz que** vai chegar outra firma mas ninguém sabe né. (PEPP, Inf .31, p. 8)

Embora enfatizando o papel da reanálise na implementação da mudança linguística, Hopper e Traugott (2003 [1993]) não desconsideram a importância da analogia para a gramaticalização, pois, em muitos casos, a evidência da mudança linguística se dá a partir da capacidade de manifestar as modificações estruturais (Jesus, 2022).

Depreendemos, portanto, que, mesmo sendo mecanismos distintos, a analogia e a reanálise são complementares no processo de mudança linguística por gramaticalização, considerando que ambas atuam no processo de mudança categorial, operando a analogia no eixo paradigmático e a reanálise, no eixo sintagmático (Gonçalves et al., 2007a, p. 50).

Até aqui, apresentamos alguns conceitos e princípios concernentes ao Funcionalismo, dando ênfase à abordagem clássica da gramaticalização. Na próxima seção, tratamos de questões relevantes para o objeto de estudo desta pesquisa que envolvem uma reflexão sobre gramaticalização de verbos e sobre marcadores discursivos.

4 UMA DISCUSSÃO SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS E MARCADORES DISCURSIVOS

Nesta seção, fazemos uma reflexão sobre gramaticalização de verbos com base em estudos de Carvalho (2011; 2017), Travaglia (2007; 2016), entre outros. Em seguida, traçamos um panorama acerca dos marcadores discursivos (MD), trazendo as conceituações e concepções de estudiosos desse fenômeno linguístico. Destacamos aqui os estudos de Marcuschi (1989), Macedo e Silva (1996), Valle (2001; 2014; 2020), Castilho (2004; 2016), Freitag (2008), Urbano (2010), Risso, Silva e Urbano (2015), e Alcântara (2018). Damos enfoque aos Requisitos de Apoio Discursivos (RAD), uma das nove categorias dos marcadores (Macedo; Silva, 1996) que constitui o nosso objeto de análise. Apresentamos também alguns trabalhos que têm esse subgrupo como objeto de estudo.

4.1 GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS

Como já exposto anteriormente, a gramaticalização refere-se a um processo de mudança linguística no qual itens/construções assumem funções gramaticais ou, sendo já gramaticais, tornam-se mais gramaticais (Hopper; Traugott, 2003 [1993]). Os verbos estão entre os elementos lexicais que têm sido alvo de gramaticalização, fenômeno que ocorre em todas as línguas humanas (Carvalho, 2011, 2017; Oliveira, 2012; Pinto, 2011; Travaglia, 2007, 2016 etc.).

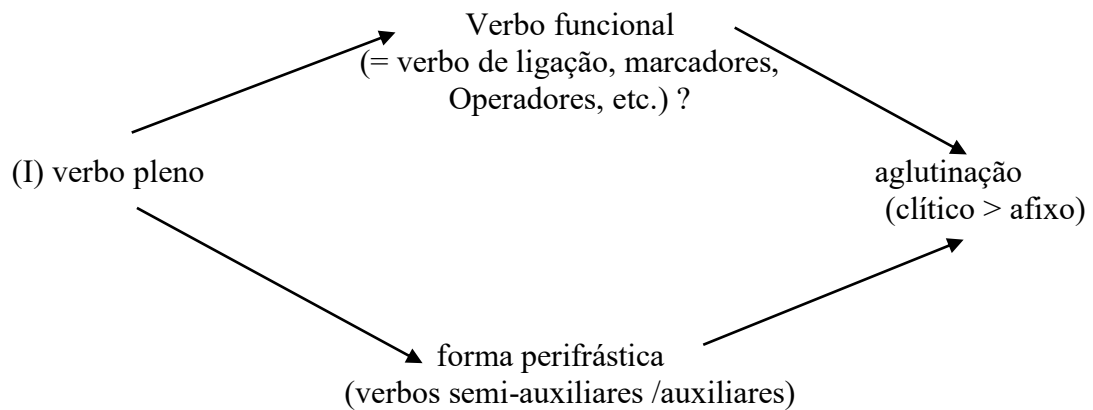
Ao discutir a atuação do fenômeno da gramaticalização na categoria verbal, Travaglia (2016) classifica os verbos já gramaticalizados ou em processo de gramaticalização como verbos gramaticais (verbos funcionais), cuja função é

[...] marcar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis discursivo-textuais determinados (como os operadores argumentativos e os marcadores conversacionais por exemplo) ou ainda indicar noções bastante gerais e abstratas que não constituem situações, tais como resultatividade, cessamento, repetição, atribuição etc. Seu conteúdo é pois, de natureza funcional, gramatical, relacional, dentro dos limites da organização e funcionamento da língua sem referência a elementos do mundo biopsicofísicosocial ou, se tiver uma referência desta natureza, esta será apenas uma indicação referencial “indireta” como a dêitica e a anafórica (Travaglia, 2016, p. 139).

O autor ainda distingue os verbos gramaticais dos lexicais (verbos plenos), que são aqueles que identificam situações do mundo biopsicofísicosocial, ou seja, carregam um

conteúdo nocional. Considerando, então, a classificação de verbos apresentada, sugere uma cadeia de estágios para o percurso de gramaticalização dos verbos, conforme mostra a Figura 1:

Figura 1: Trajetória de gramaticalização dos verbos



Fonte: Travaglia (2016, p. 140).

Segundo o autor, a Figura 1 ilustra duas cadeias possíveis para a trajetória de gramaticalização de verbos: (i) verbo pleno > (forma perifrástica: verbos semi-auxiliares / auxiliares) > verbo de ligação ou outro verbo funcional > ? aglutinação (clítico > afixo) (?); (ii) verbo pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares / auxiliares) > aglutinação (clítico > afixo). Explica também que alguns desses estágios, embora possíveis, não são obrigatórios em determinados percursos de gramaticalização de verbos; esses estágios estão representados entre parênteses nas ilustrações proposta pelo autor.

A proposta de gramaticalização de verbos de Travaglia (2016) configura, no dizer de Braga e Paiva (2003), o que tem sido chamado de poligramaticalização. Para as autoras, a gramaticalização pode percorrer trajetórias distintas nas quais o processo de mudança pode derivar de funções diferentes. Em suma, trata-se de um fenômeno “em que um mesmo item entra em várias cadeias de gramaticalização” (Travaglia, 2016, p. 157). De acordo com Travaglia (2007, p. 34), é bastante frequente um verbo passar por poligramaticalização, “ou seja, um mesmo verbo no processo de mudança da língua acaba tendo diversos valores, usos e funções gramaticais”.

Ao estudar a gramaticalização do verbo **acabar**, Travaglia (2007) observou que, “no estágio atual da língua, esse verbo está se gramaticalizando em mais de uma direção,

apresentando, além dos valores lexicais, usos gramaticais diversos”, configurando, portanto, uma poligramaticalização (Travaglia, 2007, p. 34). Vejamos, em (65) e (66), alguns usos do verbo **acabar** que evidenciam esse fenômeno:

- (65) a- (o Brasil / a seleção)...chegou na final não sei o que aconteceu com ele, perderam o entusiasmo e **acabou ... acabaram perdendo**. (Tendência, Rômulo, 14 anos, narrativo)
 b- Então se você num corrê mais do que ele ou se escondê, ele (os jovens) **acabam te atropelando** (est), entendeu? (Tendência, Jorge, 37 anos, dissertativo)
 c- A bancária Maria Antônia Rabelo **acabou incluída** no plano de demissão voluntária (PDV) do Santander depois de 23 anos e meio de serviço, iniciado com um concurso para o Banespa. (Texto 48, Veja, mulher, narrativo)
 d-se passavam devaneios, nos quais um homem sensível **acabaria por descobrir** a alma gentil que se abrigava naquele corpo curvado sobre a máquina e atrás daqueles óculos (Texto 104, 1989, escrito, culto, homem, dissertativo)
- (66) a- Só que ônibus demorou muito e **acabou que** a gente não **fomo**. Fiquei muito triste nesse dia. (Tendência, Rômulo, 14 anos, narrativo)
 b- Mas abri outra é complicado porque tem os outros trabalhos por fora... e... e **acaba que sobrecarrega** muito. (Tendência, Adriana Fernandes, 35 anos, dissertativo)
 c- aí numa mudança de governo eu perdi o cargo que eu tinha, aí **acabou que pintou** essa oportunidade pra INTERBRAS (Tendência, Eucy, 55 anos, narrativo)³⁵

O valor gramatical do verbo **acabar** ilustrado em (65) é de indicador de resultatividade e, conforme Travaglia (2007), pode ser visto nas formas: i) acabar + gerúndio (65a/b); ii) acabar + por + infinitivo (65d); iii) acabar + particípio (65c). Nesta função gramatical, o verbo estaria, segundo o autor, caminhando para o estágio 4 de gramaticalização, o qual, segundo Heine (1993 apud Travaglia, 2007, p. 18-21), corresponde às seguintes características: neutralização de marcas morfológicas, perda de possibilidade de exprimir categorias próprias do verbo e perda de características sintáticas. Isto se dá pelo fato de o verbo em processo de gramaticalização não possuir, na sequência linguística, nenhum argumento a ele atrelado, ou seja, ter perdido suas características sintáticas de verbo pleno (Travaglia, 2007).

Em (66), o verbo **acabar** é utilizado com valor gramatical de operador argumentativo. Com esse uso, ele estará sempre atrelado à forma: “acabar + que + oração com o verbo finito”, significando “além disso, no final das contas” (Travaglia, 2007, p. 50). De acordo com o autor, esse valor gramatical do verbo **acabar** o caracteriza como um item recategorizado. Com essa função, **acabar** se encontra no estágio 5, em que “o verbo em gramaticalização começa a poder

³⁵ Exemplos extraídos de Travaglia (2007, p. 43, 50)

ser usado apenas em uma posição em relação ao seu complemento” (Heine, 1993 apud Travaglia, 2007, p. 18-21).

Um outro trabalho que também abordou o fenômeno da poligramaticalização foi o de Pinto (2011) sobre o verbo **deixar**. Na análise desse verbo, a autora observou as seguintes funções gramaticais: (i) como marcador de modalidade de permissão/ordem (67); (ii) marcador de tempo e aspecto (68); (iii) como item funcional, desempenhando, por exemplo, as funções de marcador discursivo (69) e operador argumentativo (70).

(67) Rte: a cozinha, o forro que ele colocou eu preciso dar três mãos de massa pra [tirar as imperfeições]
Rdo: [não não não não]
Med: aqui, seu pedro, **deixa** ela falar (PROCON - Gesso,2004, 03:09)³⁶

(68) À tarde **deixei de estudar** para ir fazer ginástica, mas tirei notas boas, somente A e B. O problema é que minha mãe quer que eu tenha nota máxima.
(www.uniara.com.br/ageuniara - 10/05/2007).

(69) Camila: Vou mont o txt cê edita aí
Pedro: **Chá** comigo! Quando terminar, eu edito aqui Kay?
Camila: **Xá** comigo rapaz! Se não acabar hoje, posto amanhã. (MSN, 27/01/2007)

(70) Nem tô a fim de pensar nisso. ... **Dexa rolar**....daqui a pouquinho passa.... Queria aproveitar p/ agradecer os comentários...
(www.diariopoucosecreto.blogger.com.br– 01/03/2006)

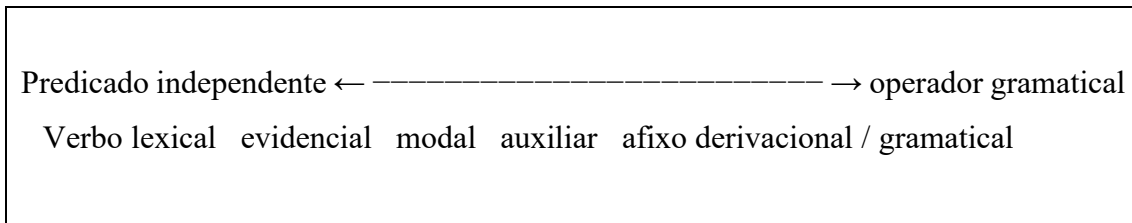
Em sua análise do processo de gramaticalização do verbo **deixar**, Pinto (2011) conclui que esse verbo está se gramaticalizando em mais de uma direção, “apresentando não só valores lexicais, como também diversos usos gramaticais. Assim, ocorre com este verbo uma poligramaticalização” (Pinto, 2011, p. 3).

Como explicitaremos na seção 6 desta dissertação, o verbo **entender**, objeto de estudo desta pesquisa, tem apresentado, na variedade moçambicana do português, diferentes usos, a saber: verbo pleno, verbo modal e marcador discursivo. Conforme discutiremos na análise dos dados, em relação a esses usos e ao processo de gramaticalização, notamos duas trajetórias diferentes (verbo pleno > verbo modal e verbo pleno > marcador discursivo), o que pode ser associado à poligramaticalização.

³⁶ Os exemplos de (67) a (70) foram extraídos de Pinto (2011, p. 5-12).

Uma outra trajetória de gramaticalização de verbo é proposta por Lehmann (1988), demonstrado na Figura 2. Nesse percurso, o autor considera o parâmetro gramaticalização do verbo principal:

Figura 2: Gramaticalização do verbo principal



Fonte: Lehmann (1988, p. 18).

A respeito da proposta de Lehmann (1988), Gonçalves e Carvalho (2007) explicam:

De acordo com o autor, no *continuum* proposto, cada extremo se opõe completamente em termos do processo de gramaticalização: o primeiro assinala um estágio de não-gramaticalização do verbo da matriz (que ainda se configura como um item lexical pleno); o segundo, uma completa gramaticalização do verbo da matriz (que aparece incorporado ao verbo subordinado como um afixo). Uma questão que se delinea aqui é a seguinte: já que o autor está lidando com a noção de *continuum*, em vez de se referir a um estágio de não-gramaticalização para os verbos plenos, não seria mais apropriado ele falar de um primeiro estágio de um *continuum* de gramaticalização? (Gonçalves; Carvalho, 2007, p. 89).

Nessa perspectiva, um dos usos do verbo **entender** registrado na amostra – o emprego como modal (71) – pode ser alocado no terceiro ponto da trajetória proposta por Lehmann (1988). Já o uso mais gramaticalizado de **entender**, no caso, o que funciona como marcador discursivo, não está previsto no *continuum* supracitado, que apresenta, como último estágio da gramaticalização, o afixo derivacional/gramatical. Sendo assim, não há inclusão, no *cline* de Lehmann (1988), de elementos que desempenham funções pragmáticas.

(71) Em face de o conflito público que se gerou entre os partidos políticos e a Comissão Nacional de Eleições, e após o encontro havido com a Comissão Nacional de Eleições, o Observatório Eleitoral **entendeu** reflectir sobre as bases jurídicas de esse conflito. Assim, como corolário de o evento supramencionado, foram extraídas as seguintes questões, que baseiam o presente Parecer Jurídico: O MOVIMENTO Democrático de Moçambique (MDM) em Cabo Delgado augura uma vitória convincente em as eleições de 28 de Outubro, na medida em que é sustentado por os jovens que querem ver os seus anseios salvaguardados, segundo o delegado provincial de este partido, Juma Rafim.

(http://debatesedevaneios.blogspot.com/2009_09_01_archive.html)

Outra questão associada ao processo de gramaticalização de verbos tem a ver com o papel do contexto morfossintático. Nesse processo, o contexto morfossintático, além de ser a fonte da gramaticalização (Traugott, 1997; 2009; 2014), exerce importante influência na reanálise do verbo. A esse respeito, Carvalho (2011, p. 86) afirma que “o tipo de contexto morfossintático parece ter implicações no resultado da forma gramaticalizada”. Um exemplo disso é a ocorrência da reanálise dos verbos **achar** (72) e **sentir** (73) em modalizadores de opinião, que foi motivada pelo contexto de primeira pessoa do singular: **(eu) acho que e (eu) sinto que** (Carvalho, 2011; 2017).

(72) **DOC:** E o que é que você acha disso?

01: *Eu acho que ... que ... que é um erro. Eu, pra mim, acho, a meu ver, que é um erro. A gente tem que bater, a gente tem que castigar, tem que proibir alguma coisa.*

DOC: De alguma forma orienta.

01: É, dar uma orientação.

DOC: Então o jovem, hoje...

01: São diferentes de antigamente.

DOC: É diferente?

01: São. É, eu acho a educação muito ... e lhe digo mais ... **eu acho pra mim que a televisão influenciou muito a educação da criança.** (PEPP, Inf. 01, p. 33)³⁷

(73) **DOC:** Você acha que isso pode prejudicar ela?

12: Ah, eu acho, não é porque eu, eu gosto, eu amo a minha irmã, minha irmã Ave Maria pra mim é tudo, minha irmã, minha mãe, meu pai, mas minha irmã assim, não sei se é por causa daquela proteção que eu dou demais a ela, mas eu acho que vai prejudicar, eu tenho certeza que um dia ela vai voltar tudo, eu tenho certeza que, eu não vou dizer assim, ah ela vai acabar com esse namorado amanhã, mas eu, não sei, **eu sinto que não vai dar certo** sabe, e que ela vai um dia chegar pra mim pra vai me pedir desculpas, vai dizer que eu que estava certa, vai voltar de bem com o meu namorado, eu tenho certeza disso, está assim coisa de momento, mas as vezes assim eu choro, que não sei o que, porque eu não era assim com ela, era, parecia, eu andava de mãos dadas com ela na rua, eu beijava ela, e não sei o que, não sei o que, hoje em dia a gente faz até cursinho no mesmo lugar, ela senta do meu lado, (...inint...) uma pessoa, uma colega. (PEPP, Inf. 12, p. 02)

Ainda sobre o contexto morfossintático, Carvalho (2017) destaca a motivação do contexto de segunda pessoa do singular na mudança categorial de verbo para marcador discursivo. Para a autora, “esse contexto é mobilizado porque é aquele voltado para o interlocutor no processo interacional” (Carvalho, 2017, p. 95). Como ilustração, podemos citar

³⁷ Exemplos de Carvalho (2011, p. 88-89).

a mudança dos verbos perceptivos **olhar** (74) e **ver** (75) para marcador discursivo nas formas **olha** e **veja**, respectivamente.

(74) DOC: (Superp) Já achava que o rapaz tivesse morrido né?

24: Delegacia lá o cara mostrou os presos lá. Delegacia lá o cara mostrou os presos lá. “**Olha** os presos aqui são esses, ele, ele está aí no meio? Não. Eh, no instituto médico legal? Não está. [...]”. (PEPP, Inf. 24, p. 10)³⁸

(75) F: Aquele tempo que eu era solteira ainda acho que nem tinha esse operário aí.

E: Não tinha ainda? Claro que tinha porque meu pai acho que é mais velho que você.

F: Não, que **veja** bem, eu casei com dezoito anos. Então estou com trinta e nove, vou fazer quarenta casei novinha. Acho que nem tinha, nem existia acho. Sei lá. (CTB 08, L168)³⁹

Como mostra Valle (2001, 2014), o contexto de segunda pessoa do singular também tem motivado, no português brasileiro, a gramaticalização do verbo **entender** para marcador discursivo nas formas **entende?** (76), **entendeu?** (77), **tá entendendo?** (78):

(76) Mas ele deu sorte, que ele só queimou por cima, só queimou a pele. (est) Não teve [que]- aquelas queimaduras profundas, **entende?** Só queimou isso, é, só queimou assim ó, (est) como:: essas coisinhas aqui assim. (FLP03MAP:942)⁴⁰

(77) E: O problema é que o peixe cada vez ia pra mais:: fora do oceano, cada vez pra mais altos mar, daí ficava difícil, as embarcações eram pequena, não tinham como ir muito longe, **entendeu?** e os barcos que eram grandes, daí:: era mais fácil. (BARRA13MJ11-13:21)

(78) (Sobre o estudo)

F: Que no estudo também se tira muita- se traz muita coisa, o estudo também ensina muito a pessoa a viver:: (est) **tá entendendo?**

E: Claro (BARRA45MB4:Faixa3-14:05)⁴¹

Os conceitos até aqui apresentados a respeito dos estágios de gramaticalização reforçam o aspecto de gradualidade desse processo de mudança linguística. De forma mais específica, trataremos do processo de gramaticalização do verbo **entender** na seção de análise dos dados. Nos dados examinados neste trabalho, também temos evidenciado a importância do contexto de segunda pessoa do singular para a gramaticalização de **entender** no PM. Na

³⁸ Exemplos de Carvalho e Gomes (2017, p. 308).

³⁹ Exemplos de Gorski et al. (2002, s/p.)

⁴⁰ Exemplo extraído de Valle (2001, p. 66).

⁴¹ Exemplos (77) e (78) extraídos de Valle (2014, p. 283 e 287).

próxima subseção, fazemos uma discussão a respeito dos marcadores discursivos pautada nos conceitos de alguns teóricos que pesquisam esses elementos linguísticos.

4.2 MARCADORES DISCURSIVOS: CONCEITUAÇÃO, TRAÇOS DEFINIDORES E MULTIFUNCIONALIDADE

Os marcadores discursivos ou marcadores conversacionais são itens / construções que exercem um importante papel comunicativo, desempenhando simultaneamente funções distintas: de caráter textual, ao estabelecer ligações coesivas entre partes do texto, e de caráter interpessoal, ao manter a interação entre os interlocutores e auxiliar no planejamento da fala (Marcuschi, 1989). Para esse autor, os marcadores conversacionais (essa é a nomenclatura por ele utilizada) são bastante utilizados na fala e “têm alta frequência no português brasileiro, o que motiva e justifica uma análise sistemática de suas formas, posições e funções” (Marcuschi, 1989, p. 281).

Para Marcuschi (1989), o uso da língua na interação verbal acontece por meio da aplicação de regras linguísticas e princípios pragmáticos. Esse posicionamento explica o seu conceito a respeito dos MD, que ele os julga tanto em suas propriedades interacionais quanto em suas propriedades intratextuais, operando, “simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais (Marcuschi, 1989, p. 282).

A respeito da função interacional dos MD, Valle (2020) acrescenta que, considerando a natureza essencialmente dialógica da fala, os MD são elementos que são requisitados como auxiliares na organização de tópicos, na focalização de informações e na conexão entre as partes do texto oral. Apesar de não previstos na gramática normativa, fazem parte da gramática internalizada do falante e são considerados elementos indispensáveis na interação uma vez que exercem importantes funções discursivas (Freitag, 2008). Para a autora, essa falta de prescrição contribui para a estigmatização desses itens, que são, por vezes, considerados ‘vícios de linguagem’ ou ‘cacoete linguístico’. Apesar disso, esses elementos têm sido objeto de investigação de inúmeros estudos e têm recebido diferentes nomeações e definições.

Para Marcuschi (1989), os marcadores conversacionais não configuram uma classe gramatical visto que itens de todas as classes gramaticais podem desempenhar a função de marcador discursivo. Dessa forma, com o objetivo de sistematizar as formas em classes, ele os divide em quatro grupos:

I- MC simples: todo aquele que se realiza com um só lexema ou para-lexema, tais como as interjeições, os advérbios, os verbos, os adjetivos, as conjunções, os pronomes etc. II- MC composto: de caráter sintagmático, com grande tendência à estereotipia e com pouca variação morfológica no tipo produzido. III- MC oracional: que se realiza como pequenas orações, podendo vir em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo). Aqui entram MCs de caráter estritamente semântico e pragmático como as paráfrases, os resumos, as repetições de frases curtas etc. IV- MC prosódico: trata-se do MC realizado com recursos prosódicos e geralmente produzido com algum MC verbal. Aqui entram a entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz e outros (Marcuschi, 1989, p. 290-291).

Já Castilho (2004) define os marcadores como recursos prosódicos realizados com frequência na fala com a função de articulação da conversação. Tais recursos são “pausas, articulação enfática, alongamentos, certos itens lexicais e pré-lexicais, ou mesmo expressões mais complexas” (Castilho, 2004, p. 46). Nesse mesmo trabalho, o autor apresenta algumas nomenclaturas acerca dos marcadores discursivos utilizadas em gramáticas tradicionais e na área da Análise da Conversação: nessas gramáticas, são “descritos como palavras expletivas ou denotativas, expressão de realce e palavras de difícil classificação e na Análise da Conversação como organizadores globais” (Castilho, 2004, p. 47). Dessa forma, ele sintetiza suas ideias a respeito dos marcadores considerados como segmentos

(i) sintaticamente independentes do verbo (ii) constantes de um ou de mais de um item lexical, ou mesmo de expressões não lexicais, (iii) funcionando no monitoramento da conversação e na organização do texto, (iv) distribuídos no início, no meio ou no final da unidade de análise. Os MCs, em suma, verbalizam o monitoramento da fala, sendo frequentemente vazios de conteúdo semântico, portanto irrelevantes para o processamento do assunto, porém altamente relevantes para manter a interação (Castilho, 2004, p. 47).

Também sob o rótulo de Marcadores Conversacionais, Urbano (2010) os define como elementos linguísticos que estruturam o texto, os quais são vistos como organizadores interacionais interpessoais, além de uma construção verbal cognitiva. Ou seja, “são recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores do discurso” (Urbano, 2010, p. 114).

A respeito da nomenclatura, por exemplo, percebemos que não há um consenso entre os pesquisadores do fenômeno, ao que Risso, Silva e Urbano (2015) explicam a escolha por Marcadores Discursivos em sua pesquisa, pois acreditam que a

[...] denominação de marcadores discursivos que nos parece ser mais adequada e abrangente do que a de marcadores conversacionais. Embora esta outra seja a mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação por sugerir, de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada, e, dentro dessa modalidade, com um gênero específico, que é a conversação (Risso; Silva; Urbano, 2015, p. 372).

Dessa forma, concordando com Alcântara (2018), a escolha de cada pesquisador por uma determinada nomenclatura é influenciada por aspectos diversos como “os objetivos da pesquisa e o aporte teórico utilizado para analisar o fenômeno que será estudado” (Alcântara, 2018, p. 43). Neste trabalho, utilizamos o rótulo de marcadores discursivos porque esta é a nomenclatura utilizada nos estudos que embasam este trabalho (Freitag 2008; Valle, 2001, 2014), principalmente aqueles que abordam a trajetória de gramaticalização de verbos para marcadores discursivos (Martelotta; Leitão, 1996; Freitag, 2009; Trapp, 2014).

Embora haja inúmeros estudos acerca dos MDs e/ou MCs, os quais apresentam suas concepções referentes a esses elementos linguísticos, para Risso et al. (1996), a definição e a delimitação do grupo dos marcadores são complexas, considerando a natureza heterogênea dos elementos que o compõem. Comungando da mesma preocupação, Macedo e Silva (1996) expressam uma dificuldade em estabelecer uma definição e classificação dos elementos considerados MD. Essas dificuldades apontam para a necessidade de reagrupamento desses elementos em grupos mais homogêneos, considerando características comuns como função, posição e estatuto linguístico original (Valle, 2001). Dessa forma, a divisão dos marcadores discursivos em categorias, proposta por Macedo e Silva (1996), viabiliza certa sistematicidade a esses itens, pois leva em consideração o seu grande número na língua portuguesa bem como o fato de ocuparem diferentes posições sintáticas na sentença. Assim, as autoras estabelecem a classificação de MD exibida no Quadro 2.

Quadro 2: Classificação dos marcadores discursivos

SUBGRUPO	FUNÇÃO	ITENS (ALGUNS EXEMPLOS)
1. Iniciadores	iniciam turnos, podendo também introduzir o discurso direto.	<i>ah, bom, bem, não, olha, ih, espera.</i>
2. Requisitos de apoio discursivo	uso interacional para se certificar da atenção do interlocutor.	<i>nê? tá? sabe? entendeu? viu? não é mesmo?.</i>
3. Redutores	evitam uma postura assertiva ou autoritária do locutor.	<i>eu acho, pô, sei lá.</i>
4. Esclarecedores	resumem ou retomam com maior clareza parte do discurso.	<i>quer dizer, isto é, deixa eu ver, (xovê).</i>
5. Preenchedores de pausa	evitam o silêncio enquanto um novo trecho de fala está sendo preparado.	<i>assim, bem, é, hã.</i>
6. Sequenciadores	marcam sequência no discurso.	<i>Aí, então, depois.</i>
7. Resumidores	encerram uma lista e resumem o que se considera ser de conhecimento do interlocutor.	<i>essas coisas, e tal, coisa e tal, e tudo, papapá, tatatá.</i>
8. Argumentadores	iniciam argumentação contrária ao discurso precedente.	<i>agora, não, não mas, é mas, sim mas, eu pra mim.</i>
9. Finalizadores	dão um fecho ao turno de um falante.	<i>então tá, é isso aí, tudo bem.</i>

Fonte: Macedo e Silva (1996, p. 11-12).

Essa classificação contribui, de forma significativa, para os estudos desenvolvidos sobre os MD e, de acordo com Valle (2001, p. 5), é a “decisão metodológica mais adequada para a análise de elementos de ordem discursiva”.

Ainda sobre os traços identificadores dos MD, para Castilho (2016), há diversas formas pelas quais eles se apresentam: pelas classes gramaticais, pela colocação no enunciado e pela função que desempenham. Além disso, o autor destaca que essa classe é multifuncional – o mesmo item pode operar em mais de uma função. A respeito dessa multifuncionalidade, Valle (2014) destaca essa importante característica dos MD, mais especificamente de um subgrupo destes, os Requisitos de Apoio Discursivo – RAD, que, embora sejam essencialmente interacionais, cumprem também funções no plano textual (Valle, 2014). Schiffrin (2001 apud Valle, 2014), ao destacar a multifuncionalidade como essência dos RAD – considerando sua atuação simultânea nos planos cognitivo, textual, social e expressivo, enfatiza que

[...] embora marcadores tenham funções principais [...], seu uso é multifuncional. É esta multifuncionalidade em planos diferentes do discurso que ajuda a integrar os vários processos simultâneos subjacentes à construção do discurso e assim ajuda a criar coerência (Schiffrin, 2001, p. 58 apud Valle, 2014, p. 42)⁴².

⁴² Do original: “[...] although markers have primary functions [...], their use is multifunctional. It is this multifunctionality on different planes of discourse that helps to integrate the many different simultaneous processes

Em relação à multifuncionalidade dos RAD, apresentamos mais informações na próxima subseção deste trabalho.

4.3 MARCADORES DISCURSIVOS DE REQUISITO DE APOIO DISCURSIVO

Nesta subseção, direcionamos nossa discussão, de forma mais específica, para os RAD, subgrupo dos marcadores discursivos no qual se insere o nosso objeto de estudo. Apresentamos inicialmente, a definição desses itens bem como suas principais características no que concerne à atuação e caráter multifuncional. Em seguida, destacamos alguns estudos que investigaram os usos de RAD em diferentes variedades do PB.

4.3.1 Definição e características

Os RAD, subgrupo dos marcadores discursivos conforme categorização proposta por Macedo e Silva (1996), podem ser definidos como “elementos de contato entre interlocutores, ocorrendo, quase sempre, no final de enunciado e tendo como principal função a manutenção do fluxo conversacional” (Valle, 2001, p. 19). Para Freitag (2008), por serem os RAD elementos de natureza basicamente interacional, são caracterizados por desempenharem funções relacionadas à organização da fala nos planos

- (i) *interpessoal*, atuando como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (Macedo; Silva, 1996);
- (ii) *interpessoal e textual*, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GÖSKI et al., 2003);
- (iii) *rítmico*, atuando como marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou ‘pontuantes’, perdendo sua modulação interrogativa (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993) (Freitag, 2008, p. 22).

A respeito dessas funções, Freitag (2008) destaca que

[...] nem sempre é possível delimitar uma função da outra, dado que os requisitos de apoio discursivos são construções originárias de verbos ou adjetivos que passam por processo de mudança linguística (sic) e, por isso, uma mesma forma pode desempenhar simultaneamente as três funções (Freitag, 2008, p. 2).

underlying the construction of discourse, and thus helps to create coherence” (Schiffrin, 2001, p. 58, tradução nossa).

No que se refere à maneira como os RAD atuam no plano textual, a autora considera que, do ponto de vista interpessoal, a atuação desses marcadores origina-se pelo seu contexto de pergunta (pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica). Já no plano interpessoal e textual, a focalização de informação no texto está associada à noção de relevo, o qual pode ser caracterizado como positivo ou negativo. Em relação ao terceiro plano, o rítmico, Freitag (2008) destaca que

[...] em um estágio mais avançado da mudança lingüística, os requisitos de apoio discursivo funcionam como marcadores de ritmo da fala, já com a sua massa fônica reduzida, esvaziados de significado referencial e do contorno interrogativo da pergunta que o originou. Nesta subcategoria, estão os marcadores *né?* e *tá?*, que, apesar de serem formas reduzidas, extremamente recorrentes e esvaidas de significado referencial, desempenham a função de manter e ritmar o turno do falante (Freitag, 2008, p. 3).

Dando ênfase ao plano textual, Valle (2020) caracteriza as diferentes atuações dos RAD, que, segundo a autora, cumprem, para além de suas funções nos planos interacional, cognitivo, social/identitário, também funções no plano textual ao colocar foco em determinadas porções textuais, o que contribui para a organização do fluxo da fala (Valle, 2020).

A característica da multifuncionalidade dos RAD é explicada com base no processo de mudança linguística por gramaticalização, em que esses itens são levados de um uso “originariamente como verbo lexical pleno ou adjetivo (função referencial) – **estar, saber, entender, ser, ter, compreender, ver, certo** – a um uso interativo revestido de valores pragmáticos no discurso” (Freitag, 2008, p. 4). Nesse cenário, enquadraram-se, dentre outros, os marcadores discursivos do tipo RAD **tá?, entende?, não é?, sabe?, compreende?, viu?, certo?**.

A respeito de alguns verbos cognitivos serem utilizados como RAD, Görski e Valle (2016) explicam:

[...] os verbos *ver, perceber, saber, entender e compreender* são de natureza cognitiva, expressando processos que, a princípio, diferem entre si em grau de complexidade: em seu significado de origem, *ver* e *perceber*, voltados a atividades perceptuais mais concretas, seriam menos complexos que verbos como *entender* e *compreender*, que envolvem processos mentais (Görski; Valle, 2016, p. 91).

Embora haja diferença de sentidos entre esses dois grupos, as autoras ressaltam que, com base no uso que os falantes fazem desses verbos, “não ocorre uma delimitação clara entre

esses itens”. Essa proximidade de sentido justifica a mudança de alguns verbos de cognição e de percepção para marcador discursivo já “que compartilham funções e contextos em um mesmo domínio funcional” (Görski; Valle, 2016, p. 91).

Ainda sobre o percurso de mudança de verbo para marcador discursivo, Macedo e Silva (1996) afirmam que **sabe?** e **entende?** diferenciam-se dos respectivos verbos de origem por receberem uma pronúncia mais rápida, maior contorno interrogativo, fixando-se em final de enunciado e na terceira pessoa. No entanto, Valle (2001, p. 20), em sua análise, constatou que esses “itens não se fixaram na terceira pessoa do singular, como elas sugerem, mas sim na segunda pessoa do discurso não marcada, já que se constituem como mecanismos de interlocução”.

Em casos de verbos de cognição, “sugere-se que o processo de mudança verbo > marcador tenha início quando os verbos são usados em contextos plenamente interrogativos em atos de fala diretivos, como: *Sabe/entendeu o que eu falei?*” (Valle, 2014, p. 225). Já em casos de verbos de percepção, como **ver**, que passam a servir como aviso ou pedido de atenção do ouvinte para o que vai ser dito, ao tornarem-se marcadores discursivos, refletem estágios mais avançados de discursivização, por ser o emprego que menos mantém traços de usos originais (Martelotta; Cezario; Votre, 1996).

Em síntese, os itens de base verbal **entende?**, **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** no papel de marcador discursivo do tipo RAD apresentam características que os distanciam do uso original como verbo pleno, como a perda da flexão gramatical, ou seja, como MD fixam suas formas verbais no presente do indicativo (Valle, 2001). Na próxima seção, apresentamos algumas pesquisas desenvolvidas com base nos usos dos RAD. Algumas delas analisaram RAD de base verbal como é o caso de Valle (2001), Freitag (2008) e Silva (2016).

4.3.2 Estudos sobre marcadores discursivos de base verbal com a função de requisito de apoio discursivo

Muitos estudos têm sido desenvolvidos a partir da análise dos RAD. Apresentamos a seguir uma síntese de algumas das inúmeras pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em torno dos RAD em diferentes variedades do PB.

Valle (2001) analisa os itens de base verbal **sabe?**, **não tem?** e **entende?**, que se enquadram no subgrupo dos RAD. A autora justifica a necessidade de atenção especial para tais itens / construções nos estudos linguísticos, pois considera tal investigação como parte “de uma análise mais geral da coerência discursiva” (Valle, 2001, p. 1). Em sua pesquisa, a autora

utiliza amostras do Banco de Dados Variação Linguística Urbana no Sul do Brasil (VARISUL), considerando as estratificações sociais de idade, sexo e escolaridade. Em contato com os dados, constata a multifuncionalidade desses itens, pois atuam no texto com o fim de focalizar partes deste e relacioná-las a trechos subsequentes (Valle, 2001).

Em relação aos procedimentos teórico-metodológicos, além do tratamento sob o viés da Teoria da Variação – a partir do fato de que os itens possuem a mesma propriedade de requisição de apoio discursivo, o que os caracteriza como variantes de uma mesma variável, Valle (2001) assumiu uma visão mais ampliada a respeito dos itens/construções em processo de gramaticalização. A pesquisa propõe “prováveis trajetórias pelas quais cada um deles passou até seu uso como requisito de apoio discursivo, seguindo na direção ideacional > interpessoal > textual, proposta por Heine et al. (1991:190-1) para a mudança via gramaticalização” (Valle, 2001, p.1). Em síntese, a análise seguiu as vias do Funcionalismo Linguístico e da Teoria da Variação e Mudança.

As análises quantitativa e qualitativa das variantes apontam para os seguintes resultados: as variáveis sociais não influenciaram, de forma significativa, o uso dos RAD na comunidade de fala em estudo, “estando mais relacionadas a atitudes individuais de cada informante, que, geralmente, são fiéis ao uso de uma determinada forma de RAD, de sorte que a escolha por uma, praticamente, faz cessar o uso das outras” (Valle, 2001, p. 162). Em relação à variável sexo, os resultados não apontaram diferenças em níveis percentuais entre homens e mulheres, já no que concerne à faixa etária e ao nível de escolaridade, os resultados apontaram maior frequência de uso entre os mais jovens (15 a 21 anos) e mais escolarizados (colegial/ensino médio).

Considerando os estágios de mudança dos itens/construções analisados, verificou-se que: i) **entende?** é o item mais marcado e, portanto, encontra-se num estágio menos avançado de gramaticalização; ii) **não tem?** é o mais recente e seu uso ainda mantém um vínculo com o seu sentido original (negação do verbo *ter*) e comparando os dois itens não foi possível determinar qual dos dois é o mais gramaticalizado; iii) **sabe?**, por se distanciar do seu uso original, encontra-se num processo mais avançado de gramaticalização.

Ao concluir a pesquisa, a autora sinaliza a necessidade de outras pesquisas que investiguem outros aspectos referentes ao uso dos RAD, como, por exemplo, a presença desses elementos na escrita como marca de representação da fala. Ressaltamos, inclusive, que este será o nosso campo de investigação.

Freitag (2008) desenvolve uma pesquisa cujo objetivo é comparar os usos dos RAD na fala de Itabaiana-SE com os dados da pesquisa de Valle (2001), visto que são pesquisas

semelhantes em localidades diferentes. As semelhanças correspondem ao aporte teórico, à metodologia e à variável linguística analisada. No entanto, em relação à nomenclatura, chama a atenção o fato de que, mesmo referindo-se ao fenômeno como RAD, em alguns momentos a autora utilizou o termo marcadores discursivos interacionais entre parênteses, sugerindo, assim, que há nomes diferentes para a mesma categoria.

Nas palavras de Alcântara (2018), o aspecto comparativo da pesquisa de Freitag (2008) faz desse trabalho um dos pioneiros a respeito dos RAD, tornando-se um rico material de pesquisa para quem deseja seguir a linha desse tipo de análise. Nele, são apresentados resultados acerca dos marcadores discursivos do tipo RAD utilizados na fala de Itabaiana/SE (extraídos do Banco de dados GELINS) no que se refere ao uso e funcionamento desses itens linguísticos. Esses resultados são comparados com os relativos à fala de Florianópolis/SC, com dados coletados do banco VARSUL, tendo em vista uma análise contrastiva entre as variedades do português falado no Brasil (Freitag, 2008).

Como resultado da análise, a pesquisa apresenta as seguintes constatações: o uso do **né?**, assim como ocorre em Florianópolis/SC, foi mais recorrente em Itabaiana/SE para requisição de apoio discursivo. Contudo são observadas nessa comunidade de fala duas formas não encontradas naquela: os itens **pronto** e **repare**. Em relação à forma **repare**, a autora concluiu que ela exerce a função de chamar a atenção do ouvinte assim como as formas **olha**, **veja**, **ói**, recorrentes na fala florianopolitana. Já a forma **pronto** não foi analisada pela pesquisa, pois a autora a considerou digna de uma pesquisa específica devido às peculiaridades que o seu uso demonstrou, como a exclusão da função interacional.

Em síntese, a pesquisa de Freitag (2008) aponta para o fato de que, embora haja diferenças entre uma variedade linguística da Região Sul do Brasil, Florianópolis/SC, e uma variedade da Região Nordeste, Itabaiana/SE, “a base comum entre os dois falares é muito maior do que as diferenças encontradas” (Freitag, 2008, p. 30).

Outro importante trabalho para referenciar, devido à sua aproximação com o nosso objeto de estudo, é o de Valle (2014). A autora esteia-se em Schiffrin (2001), para quem os marcadores discursivos são itens multifuncionais que atuam simultaneamente nos planos textual, social, cognitivo e expressivo. Numa análise sincrônica, essa pesquisa tem como objeto de investigação os marcadores discursivos que exercem a função de RAD originados de verbos cognitivos (**sabe?**, **sabes?**, **entende?**, **entendeu?**, **entendesse?**, **tá entendendo?** e **tás entendendo?**). A autora analisa os processos de mudança desse verbo, o uso variável e a multifuncionalidade e considera também a existência de forças identitárias, estilísticas e semântico-pragmáticas em competição.

Valle (2014) baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança e do Funcionalismo norte-americano, no que tem sido denominado de Sociofuncionalismo. No tratamento dos MD, a autora busca também fazer uma ampliação teórico-metodológica pelas vias da gramaticalização.

Ao descrever a multifuncionalidade dos RAD, numa perspectiva sociofuncionalista, Valle (2014) enfatiza a atuação desses elementos tanto no plano textual quanto no interacional, destacando o papel dos RAD como focalizadores e organizadores do discurso. Nesse sentido, a pesquisa constata que a variável linguística discursiva *tipo de foco* é a que mais influencia o uso desses itens. Além disso, as variáveis extralinguísticas (*configuração da entrevista* e *grau de identificação com o local*) foram pensadas a partir da própria configuração da amostra e de características da comunidade, o que possibilitou descrever o modo como os aspectos sociais são determinantes para as escolhas linguísticas dos falantes.

Nesse sentido, os resultados de Valle (2014) mostram que os usos de **entendesse?**, **sabes?** e **tás entendendo?** estão atrelados aos aspectos identitários dos florianopolitanos. Do ponto de vista da multifuncionalidade, os resultados evidenciam que, embora ainda mantenham importante força na esfera interacional, os RAD se mostram bastante inclinados ao plano textual, o que sugere um estágio intermediário de mudança categorial, destacando-se os itens **sabe?**, **sabes?** e **entendesse?** em um estágio mais avançado de gramaticalização.

Com características que se aproximam da pesquisa de Freitag (2008), por estudar marcadores de natureza verbal, apresentamos a seguir uma síntese da pesquisa de Silva (2016), a qual foi desenvolvida sob orientação de Raquel Freitag. Embora utilize a nomenclatura Marcadores Discursivos Interacionais e não RAD no decorrer do trabalho, a autora deixa clara a inserção dos itens analisados no grupo dos RAD.

Silva (2016) investiga o uso dos marcadores discursivos interacionais de base verbal **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na comunidade de fala do Colégio Atheneu Sergipense, localizado na cidade de Aracaju, Estado de Sergipe com o objetivo de analisar como o falante ajusta seu comportamento linguístico durante a interação e faz uso de estratégias discursivas para controlar diferenças, se aproximar ou se afastar do seu ouvinte e alternar seu estilo de fala para obter a aprovação dos participantes da interação. A investigação se deu a partir da observação da fala em interação de adolescentes escolares da referida comunidade e baseou-se no levantamento dos usos e da frequência desses marcadores discursivos de base interacional.

Em relação aos aspectos teóricos e metodológicos, a pesquisa embasa-se, sob o viés da Sociolinguística, na Teoria da Acomodação e *Audience Design*. Os dados examinados fazem parte da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, vinculada ao Banco de

Dados *Falares Sergipanos*. Essa amostra é constituída por 30 interações, 13 falantes com idade entre 15 e 17 anos, do sexo masculino e feminino, alunos do ensino médio do Colégio Estadual Atheneu Sergipense. A autora analisa, qualitativa e quantitativamente, os contextos de emergência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** e o efeito da acomodação linguística desses marcadores na fala de adolescentes escolares. À luz desses pressupostos, busca estabelecer uma relação entre o uso dos marcadores discursivos interacionais e identidade social quando afirma:

O uso de marcadores discursivos interacionais *entendeu?*, *sabe?* e *viu?*, por exemplo, como escolha de estilo de fala, é um processo na coconstrução [sic] do discurso e contribui para a construção de significados; por isso, relaciona-se com o processo de acomodação linguística e a relação entre o estudo de marcadores discursivos e o modelo de *Audience Design* como traços de identidade social (Silva, 2016, p. 48).

Ressaltamos aqui que, embora o trabalho de Silva (2016) não se fundamente na perspectiva da gramaticalização, a autora faz uma abordagem que relaciona os marcadores discursivos ao processo de mudança por gramaticalização e indica importantes referências de trabalhos desenvolvidos sob esse viés teórico-metodológico (Castilho, 1997; Martelotta; Leitão, 1998; Freitag, 2003, 2009; Görski, 2003; Martelotta; Votre; Cezário, 2004; Valle, 2014, entre outros).

Os resultados de Silva (2016) demonstram que a escolha, por parte do falante, a variação de estilo e a acomodação deste de acordo com suas metas, objetivo e a sua audiência explicam-se pelo fato de que pessoas de diferentes grupos sociais possuem características linguísticas diferentes, o que justifica a relevância do grau de proximidade/distanciamento na rede de interações. Assim, a análise dos marcadores interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, em uma perspectiva estilística, sugere que a frequência de uso desses itens foi essencial para observar como e por que os falantes ajustam sua fala durante as interações.

A autora observa que o uso de tais itens está relacionado aos seus aspectos multifuncionais e também à forma como as expectativas e o processo de acomodação da fala do falante em relação ao seu ouvinte são influenciados pelos tópicos discursivos. Essas influências resultam da “associação do tópico discursivo com os tipos de audiência nas interações, o grau de proximidade/distanciamento entre os falantes na rede de interações e/ou grupos particulares envolvidos na interação” (Silva, 2016, p. 77).

Alcântara (2018), analisa os Marcadores Conversacionais (esta é a nomenclatura adotada pela autora nesse trabalho para os marcadores discursivos), mais especificamente os

RAD, utilizados por pessoas da região do Sertão do Pajeú, em Pernambuco. A análise observa se há influência das variáveis sociais (gênero, escolaridade, idade e localidade) e variáveis internas à língua (entonação interrogativa, massa fônica, classe de palavra que originou e a classe de palavra que antecede o marcador) no uso das variantes desses elementos.

Os dados para a pesquisa foram coletados e analisados com base no aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, considerando que essa teoria prevê a análise da língua a partir de situações reais de uso. A obtenção dos dados ocorreu por meio de entrevistas gravadas com 54 informantes de três municípios do Sertão do Pajeú (PE): Serra Talhada, São José do Egito e Triunfo. Foram encontradas e quantificadas no *corpus* 11 variantes dos RAD, a saber, **é?**, **sabe?**, **viu?**, **tá ligado?**, **entendeu?**, **num sabe?**, **num é?**, **hein?**, **tá?**, **visse?** e **certo?**. Os resultados demonstraram que algumas formas comuns na região pesquisada ainda não foram descritas em estudos realizados em outras comunidades de fala. Além disso, dentre as formas encontradas, o **né?**, assim como registrado em outros estudos (Marcuschi, 1989; Macedo; Silva, 1996; Freitag, 2008), destacou-se pelo alto índice de realizações, provando ser o RAD mais utilizado no português brasileiro.

Em relação à análise realizada a partir das variáveis sociais consideradas na pesquisa, Alcântara (2018) observou que a faixa etária pode condicionar o uso dos RAD, pois as pessoas mais jovens parecem usar menos esses elementos, o que refutou uma hipótese inicial da pesquisa que previa exatamente o oposto. Além dos resultados apresentados, a autora aponta para a necessidade de estudos posteriores que contemplem formas encontradas no grupo de variantes quantificadas. Propõe também futuras pesquisas em perspectiva diacrônica de estudo da língua que talvez possam tratar o que a autora chama de relação de formas encontradas na pesquisa com formas já descritas.

A seguir, apresentamos, no Quadro 3, uma síntese das pesquisas aqui resenhadas, destacando algumas questões teórico-metodológicas nelas observadas.

Quadro 3: Síntese dos trabalhos sobre RAD

Autor(a) / ano	Abordagem teórica	Variedade do português e <i>corpus</i> examinados	RAD encontrados/analisados	Abordagem empreendida na análise dos dados	Grupos de fatores considerados
Valle (2001)	Sociofuncionalismo	Comunidade de fala de Florianópolis VARSQL	Sabe? Entende? Não tem?	Qualiquantitativa	Fatores linguísticos e sociais
Freitag (2008)	Sociofuncionalismo	Fala de Itabaiana-SE <i>Procedimentos discursivos na fala de Itabaiana/SE</i>	Né? Entende? Entendeu? Sabe? Viu?	Qualiquantitativa (Análise contrastiva)	Fatores sociais Sexo Idade escolaridade
Valle (2014)	Sociofuncionalismo	Comunidade da Barra da Lagoa – Florianópolis/SC (Amostra Brescancini-Valle)	Sabe? Sabes? Entende? Entendeu? Entendes? Tá entendendo? Tás entendendo?	Qualiquantitativa	Variáveis linguísticas e extralinguísticas
Silva (2016)	Pressupostos da Teoria da Acomodação e da <i>Audience Design</i> , sob o viés sociolinguístico	Sergipe-Ba Falares Sergipanos	Entendeu?, Sabe? Viu?	Qualiquantitativa	Variáveis sociais e linguísticas
Alcântara (2018)	Sociolinguística Variacionista	Pajeú-PE Entrevistas sociolinguísticas realizadas pela autora.	Né? Sabe? Viu? Tá ligado? entendeu? Num sabe? Num é? Hein? Tá? Visse? Certo?	Quantitativa	Variáveis sociais

Fonte: Elaboração própria.

A partir da síntese apresentada no Quadro 3, observamos que as pesquisas sobre RAD têm sido desenvolvidas à luz das perspectivas teóricas do Sociofuncionalismo e da Sociolinguística Variacionista, com tendência à abordagem qualiquantitativa dos dados. Um aspecto que nos chama a atenção é que, nessas pesquisas, diferentemente da nossa investigação, **entender**, em diferentes formas/construções, tem sido investigado em cotejo com outros

elementos (verbais ou não) que, via processo de gramaticalização, também passaram a funcionar como RAD.

Fornecemos, nesta seção, uma visão geral sobre marcadores discursivos a partir de diversos autores, além da definição e características dos RAD. Apresentamos também alguns estudos a respeito desse subgrupo dos MD. Na próxima seção, expomos os encaminhamentos metodológicos da pesquisa.

5 METODOLOGIA

Nesta seção, explicitamos o percurso metodológico da pesquisa para a análise dos usos do verbo **entender** bem como do seu processo de gramaticalização na variedade moçambicana. Nessa direção, realizamos uma abordagem qualiquantitativa do objeto aqui analisado. Do ponto de vista qualitativo, buscamos descrever os valores semântico-funcionais de **entender** na variedade em análise. Já na abordagem quantitativa, pretendemos verificar os parâmetros linguísticos que favorecem os usos de **entender** e, por conseguinte, influenciam o processo de gramaticalização desse verbo.

Na subseção 5.1, fazemos uma breve descrição da variedade moçambicana do português e também detalhamos o *corpus* do qual extraímos os dados para a pesquisa. Na subseção 5.2, apresentamos uma descrição dos procedimentos metodológicos adotados na realização da pesquisa.

5.1 NOSSO *LOCUS* DE INVESTIGAÇÃO: A VARIEDADE MOÇAMBICANA E O *CORPUS* DO PORTUGUÊS

Neste trabalho, conforme já dito, analisamos, no PM, os usos do verbo **entender** e seu processo de gramaticalização. Consideramos essencial, portanto, trazer um panorama descritivo da variedade moçambicana do português e do país em que essa variedade é utilizada.

Moçambique está localizado no sudeste da África (cf. Figura 3) e sua capital é Maputo. Sua área territorial corresponde a 801.590 km², de acordo com dados do Inquérito Demográfico e de Saúde de 2011. Faz fronteira, ao Norte, com a Tanzânia; a Oeste, com Malawi, Zâmbia, Zimbábue, Swazilândia e Essuatíni; ao Sul, com a África do Sul; e a Leste, com a seção do Oceano Índico designada por Canal de Moçambique.

Figura 3: Mapa de Moçambique no continente africano



Fonte: <https://www.google.com/maps>.

Moçambique está organizado territorialmente em províncias, distritos, postos administrativos, localidades e povoações; as zonas urbanas estruturam-se em cidades e vilas. São 11 províncias, incluindo a cidade de Maputo, que, desde 1980, tem estatuto de província e, segundo o Codificador da Divisão Político-Administrativa, tem a seguinte distribuição: ao Norte, Niassa, Cabo Delgado e Nampula; ao Centro, Zambézia, Tete, Manica e Sofala; ao Sul, Inhambane, Gaza e Maputo (cf. Figura 4). No entanto, é muito frequente referir-se a Moçambique como tendo apenas 10 províncias, pelo fato de não ser feita a separação entre a cidade e a província de Maputo (INE, 2011).

Figura 4: Mapa da divisão político-administrativa de Moçambique



Fonte: <https://landportal.org/pt/library/resources/mapa-de-mocambique>.

Ex-colônia de Portugal, Moçambique tornou-se um país independente em 1975 e adotou, como língua oficial, o português, conforme a Constituição de 2004. Além de Moçambique, outros quatro países africanos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe), que também foram colônias de Portugal, integram os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs). Do ponto de vista político, trata-se de um país democrático regido pela Constituição da República, que garante, entre outros princípios, o da liberdade de associação e organização política dos cidadãos, o da separação dos poderes legislativo, executivo e judiciário e o da realização de eleições livres.

O país independente herdou do sistema colonial uma estrutura econômica com características assimétricas: o Sul mais desenvolvido do que o Norte e a cidade mais

desenvolvida do que o campo, além da ausência de uma integração econômica e a opressão extrema da mão de obra (INE, 2011). Nas últimas décadas, houve, no setor econômico, um crescimento, que ajudou a reduzir a pobreza no país. Mesmo assim, tal crescimento ainda não foi suficientemente inclusivo. Isto deve-se, em parte, à forte dependência da indústria extrativista, que tem vínculos limitados com a economia em geral, e à baixa produtividade do setor agrícola – a principal fonte de subsistência para os mais pobres (INE, 2011).

Com intervenções marcantes e de nível internacional, Moçambique tem se afirmado enquanto polo cultural nos campos da arquitetura, música, pintura, literatura, além do artesanato, que representa o espírito artístico e criativo do povo moçambicano. Há também grande destaque na área do desporto, principalmente na modalidade do atletismo (INE, 2011).

A grande diversidade linguística constitui uma importante característica de Moçambique. Isso porque sua população, que corresponde a pouco mais de vinte milhões de habitantes, é “[...] socioculturalmente dividida em várias etnias, cada uma delas caracterizada por uma diversidade linguística extensa” (Timbane, 2013, p. 29). Segundo os resultados do Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007, um pouco mais da metade da população (50,4%) de Moçambique fala a língua portuguesa – dado que corresponde à população escolarizada – enquanto cerca de 85% da população tem como língua materna um dos idiomas bantu, de acordo com o Inquérito Demográfico e de Saúde de Moçambique (2011).

Esses dados demonstram aspectos importantes: de um lado, a resistência das línguas bantu, pois, como explica Timbane (2013), nenhuma delas corre risco de extinção; e de outro, a oficialização da língua portuguesa em Moçambique, através da Constituição de 2004, reforça o poder do colonizador, uma vez que “[...] os portugueses utilizavam a língua como meio de dominação excluindo assim as línguas africanas de todas as esferas do poder” (Timbane, 2013, p. 30).

O PM emerge, portanto, como resultado do contexto de colonização e do contato linguístico entre línguas africanas e outras línguas estrangeiras, como aponta Timbane (2013):

Entendamos um país que tenha mais de vinte línguas bantu, a língua portuguesa, a língua inglesa, o árabe, o hindí, gujarati [sic] todas procurando cada uma o seu espaço. Num mundo linguístico como este que acabamos de mostrar predominavam as LB [Línguas Bantu] faladas pela maioria da população (Timbane, 2013, p. 30).

Apesar desse predomínio das línguas africanas e do reconhecimento dessas pela Constituição da República de Moçambique de 2004, elas não são utilizadas em instituições públicas e de ensino, o que as relega ao preconceito, uma vez que são utilizadas por pessoas

não escolarizadas e habitantes do meio rural. Para Timbane (2013), o fato de a língua portuguesa não ser falada pela maioria e a educação ser ofertada nessa língua faz com que o progresso acadêmico moçambicano não aconteça.

Não obstante, a influência das línguas bantu é bastante significativa na formação do léxico do português moçambicano e, conforme afirma Gonçalves (2012), essa influência é notada através dos empréstimos linguísticos. Esse fenômeno possibilita preencher lacunas do léxico do português, ou seja, os empréstimos cumprem uma função denotativa, já que “a maior parte destas palavras surge da necessidade de fazer referência à realidade local, a nível da fauna e da flora, assim como de diversos aspectos da vida cultural (culinária e bebidas tradicionais, jogos e danças, rituais religiosos)” (Gonçalves, 2012, p. 403).

Ainda a respeito dos empréstimos das línguas bantu, Gonçalves (2012) ressalta que também são usados para se referir a grupos sociais típicos da sociedade moçambicana bem como a fenômenos socioeconômicos. Neste último caso, segundo a autora, não se trata de preencher lacunas, já que existem, nessa área, expressões equivalentes no português. Desse modo, “parece mais correto interpretar a sua utilização em PM como uma estratégia comunicativa, que visa reforçar a identidade étnica ou a despertar solidariedade entre os interlocutores” (Gonçalves, 2012, p. 404).

No que concerne a estudos voltados à formação e ao fortalecimento do PM, diferentemente do Brasil, que conta com produções diversas que descrevem sua variedade, conferindo-lhe solidez, Moçambique encontra-se no processo inicial em relação à caracterização de tal variedade, conforme pontuam Timbane e Rezende (2016):

O Brasil já possui uma produção científica considerada que descreve e espelha a sua variedade através de dicionários e gramáticas, tal como se pode constatar em Castilho (2010), Perini (2010), Bagno (2012), Borba (2004), entre outros, enquanto que Moçambique está dando o início à descrição e caracterização da variedade do português falado/escrito naquele país (Timbane; Rezende, 2016, p. 389).

Essa realidade aponta para uma das justificativas para a nossa escolha do PM como variedade linguística desta pesquisa, ou seja, buscamos contribuir com a ampliação de produções científicas referentes à descrição linguística dessa variedade do português. Além disso, em concordância com Carneiro (2024), buscamos também “assumir uma postura decolonial em relação à descrição de variedades do português e, mais especificamente, das variedades africanas dessa língua” (Carneiro, 2024, p. 70).

Entendemos decolonialidade, em concordância com Barboza, Nicolini e Freisleben (2023), como práticas ou posturas que se levantam contra as formas de produção de conhecimento historicamente estabelecidas e baseadas em um padrão europeu. As autoras acreditam que autores e pesquisas de todos os campos da linguística podem e devem assumir uma perspectiva decolonial, colaborando com a “construção de uma ética do fazer linguístico compatível com as demandas do tempo presente” e que a decolonialidade pode ser percebida em trabalhos que não necessariamente estejam ligados a estudos decoloniais. Em suma, é preciso que haja uma “soma de esforços de todas as frentes possíveis em torno da construção de teorias e práticas cada vez mais decolonizadas e decolonizantes” (Barboza; Nicolini; Freisleben, 2023, p. 3).

Nessa direção, ao assumir uma postura decolonial, acreditamos que, além de ampliarmos o campo de estudos linguísticos sobre uma variedade africana do português, no caso, o PM, este trabalho também pode ser considerado uma soma aos esforços de descolonização no campo da linguística que buscam fortalecer “a ideia de valorização da diversidade das línguas e de proposição de uma ética do fazer linguístico” (Barboza; Nicolini; Freisleben, 2023, p. 13).

Após descrever a variedade analisada na pesquisa e justificar a sua escolha, passamos a apresentar o *corpus* escolhido para o levantamento dos dados. Neste trabalho, utilizamos a amostra de textos do PM do século XXI que integram o banco de dados *Corpus* do Português (doravante CP). Idealizado por Davies e Ferreira (2006), esse banco de dados pode ser acessado através do *link* www.corpusdoportugues.org, de forma livre e gratuita.

O CP (cf. Figura 5) é composto por dois *corpora*. O primeiro é um *corpus* histórico, criado em 2006, com textos pertencentes a diversos gêneros textuais nas modalidades oral e escrita. Somam-se mais de 45 milhões de palavras, coletadas em países lusófonos, provenientes de textos dos séculos XII ao XIX. O segundo *corpus* corresponde ao português contemporâneo e é organizado em dois *subcorpora* (*Web/Dialetos* e *NOW*), criados nos anos de 2016 e 2018, respectivamente.

Figura 5: Página inicial do *Corpus* do Português

o corpus do português

os corpus recursos relacionados conta ajuda

RESUMO (PDF) (EN) English Português

Criado pelo Professor Mark Davies. Financiado pelo National Endowment for the Humanities (2004, 2015).

		Corpus	Tamanho	Criado
1	Info	Gênero / Histórico	45 milhões de palavras	2006
2	Info	Web / Dialetos *	1 mil milhão de palavras	2016
3	Info	NOW (2012 - 2019)	1,1 mil milhão de palavras	2018

Clicar no link [Info] acima para mais detalhes.

Fonte: *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006).

O banco de dados *Web/Dialetos* é composto por mais de um mil milhão de palavras extraídas de *blogs* e *sites* da *web* e coletadas entre 2013 e 2014. Esses dados são provenientes de quatro países de língua portuguesa (Angola, Brasil, Moçambique e Portugal), o que permite fazer uma análise comparativa desses dados entre as variedades que compõem o *corpus*.

Já o NOW (Notícias na *Web*) armazena em torno de 1,1 milhões de palavras extraídas de jornais e revistas da *web* entre o período de 2012 a 2019. Assim como ocorre no *Web/Dialetos*, os dados do NOW são das variedades angolana, brasileira, moçambicana e portuguesa.

O sistema de busca, em seu nível mais básico, permite que o usuário faça buscas por palavra, expressão, parte do discurso, lema (formas de uma palavra), sinônimos e lista personalizada de palavras. Nesse formato denominado KWIC (sistema de palavras-chave do contexto), a palavra de busca aparece em destaque – sublinhado e em negrito – centralizado. Em qualquer uma forma de busca, é possível clicar na palavra-chave para visualizar a linha de concordância e ainda expandir o contexto no qual a palavra está inserida. A respeito do CP, Carneiro (2024) resume que,

[...] através dele, também é possível comparar a frequência e a distribuição de palavras, frases e construções gramaticais entre textos, de três diferentes categorias: por registro (comparação entre texto coloquial, ficcional, dentre outros), por dialeto (comparação entre o português europeu, brasileiro e variedades africanas) ou por período histórico (do século XIII ao XX) (Carneiro, 2024, p. 72).

A escolha do CP para o levantamento de dados para a nossa pesquisa dialoga com o que postula a teoria funcionalista, que concebe a língua enquanto instrumento de interação social (Tavares, 2013). Nesse sentido, a análise deve ser pautada em contextos de usos reais da língua, já que os estudos funcionalistas têm “como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação de como os usuários da língua se comunicam eficientemente” (Neves, 1997, p. 2). Sendo assim, em consonância com o nosso enfoque teórico, nesta pesquisa, examinamos dados empíricos extraídos dos textos do PM contemporâneo que compõem o *subcorpus Web/Dialetos*.

Na subseção seguinte, abordamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa para o tratamento e a análise dos dados.

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

Nesta pesquisa, para a observação, análise e descrição dos dados, seguimos as seguintes etapas metodológicas:

- (i) levantamento e fichamentos dos dados;
- (ii) categorização dos dados;
- (iii) análise qualiquantitativa dos dados.

Para proceder ao levantamento e ao fichamento dos dados, empreendemos uma busca pelas formas e construções do verbo **entender** nos contextos de presente (**entende**, **entendes**, **entendem**), presente progressivo (**tá entendendo**, **está a entender**) e pretérito perfeito (**entendeste**, **entendeu**) do indicativo. Centramos, então, nossa atenção em formas/construções que também ocorressem na segunda pessoa do singular e do plural. Buscamos fazer o levantamento de 150 ocorrências de cada uma dessas formas/construções, mas nem sempre encontramos esse total de ocorrências para as formas/construções de **entender** aqui investigadas. Sendo assim, inicialmente, levantamos e fichamos um total de 501 dados assim distribuídos: 150 dados de **entende**; 35 ocorrências de **entendes** – esse foi o total disponível no banco de dados selecionado; 150 dados com **entendeu**; 12 ocorrências de **entendeste**; 150 dados de **entendem**; e, finalmente, três dados da construção **está a entender** e um de **tá entendendo** – únicas ocorrências disponíveis no banco de dados.

Após o levantamento e fichamento dos dados, fizemos a categorização dos usos de **entender** (cf. subseção 5.2.2) e, em seguida, classificamos os dados com base nos parâmetros linguísticos (cf. subseção 5.2.3) controlados na pesquisa.

Ao categorizar os dados, observamos um uso de **entender** que ocorre em uma construção: trata-se da expressão composta pelos itens **bem** + **entender** e encontrada nas formas **entende** (79) e **entendem** (80). Dada a estrutura da expressão – a fixidez do item **bem** atrelado ao verbo **entender** (que ainda admite variação na sua forma) – funcionando como uma construção lexical, a consideramos como uma expressão cristalizada.

(79) SIM, os cidadãos moçambicanos são obrigados a conviver com algo que estava fora de o seu "« modus vivendi "», em os últimos tempos. Até certo ponto, somos reféns de interesses políticos, já que temos de com eles coabitar. Cada um manipula a política como **bem entende**, desde que se julga que a democracia assim admite e aceita. Cá entre nós, o mundo virou um rol de contrastes. Para nós, o que é normal, vira anormal, o que é uma exceção, vira regra geral. (CP, <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/opiniaio/2603-miradouro-mundo-e-um-rol-de-contrastes-1>)

(80) A senhora Peters escreveu que em 1674,? os judeus de Jerusalém foram igualmente empobrecidos por a opressão de o regime turco-muçulmano?. Ela citou as seguintes palavras de o padre jesuíta Michael Naud:? Eles [i.e., os judeus] preferem ser prisioneiros em Jerusalém a desfrutarem de a liberdade que poderiam ter em outro lugar [...] O amor de os judeus por a Terra Santa [...] é inacreditável?. [8] Um judeu que visitou a terra de Israel em 1847 escreveu o seguinte: Eles [i.e., o povo judeu] não têm nenhuma proteção e estão à mercê de policiais e paxás (título de os governadores de províncias de o Império Otomano) que os tratam de o jeito que **bem entendem** [...] as suas propriedades [i.e., de os judeus] não estão a a disposição de eles e eles não ousam reclamar de algum dano sofrido por temerem a vingança de os árabes. A vida de eles é precária e todos os dias correm o risco de morrer. (CP, http://www.bethshalom.com.br/artigos/judeus_roubaram_palestinos.html)

Encontramos nos dados levantados e fichados um total de seis ocorrências da construção **bem entender**, três com a forma **entende** e três com **entendem**, as quais não foram submetidas à quantificação dos dados. Embora cientes de que esse uso de **entender** pode ter alguma relação com o processo de gramaticalização do item **bem** seguido do verbo **entender**, decidimos pela exclusão desses dados, uma vez que, considerando o número de ocorrências encontrado na amostra, não seria possível desenvolver uma hipótese a respeito desse uso de **entender** no PM.

Com a exclusão dos seis dados da construção **bem entender**, na análise quantitativa, consideramos 495 ocorrências de **entender** na amostra (cf. subseção 6.1.1), havendo apenas uma nova distribuição no total de dados de **entende** e **entendem**: cada uma dessas formas ficou com um total de 147 dados. Em relação à análise quantitativa, ressaltamos que, para calcular os percentuais de ocorrências de **entender** de acordo com os seus usos e os parâmetros linguísticos considerados na pesquisa, valemo-nos da calculadora do programa *Windows*.

5.2.1 Valores semântico-funcionais de *entender*

Para a categorização dos usos de **entender** nos dados examinados do PM, baseamo-nos nos dicionários de Ferreira (*on-line*) e Aulete (*on-line*) e nos estudos de Valle (2001, 2014), Trapp (2014) e Zanin e Gonçalves (2022).

Na amostra, encontramos, nos contextos morfossintáticos analisados, os seguintes usos de **entender**:

(i) verbo pleno

Nos termos de Castilho (2022, p. 397), os chamados verbos plenos “são os que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos”. Na amostra, registramos, como verbo pleno, o emprego de **entender** com diferentes acepções atreladas à atividade mental: ‘ter experiência ou conhecimento de ser perito ou prático em’ (81), ‘compreender, perceber’ (82) ‘inferir, deduzir, concluir, depreender’ (83), ‘travar e/ou manter entendimento; comunicar-se; dialogar’ (84). Nos contextos ilustrados de (81) a (84), **entender** se insere, do ponto de vista semântico, na classe dos verbos cognitivos.

- (81) Curiosamente, Gert Engels fez a devida leitura de a situação e, a a semelhança de o sucedido em a viagem a Marrocos, fez as malas em Maputo contando não regressar tão já, separando- se de os jogadores sem sequer voltar a o ponto de partida para um adeus formal a a direcção de a FMF. Para o devido adeus, o treinador alemão entendeu que fosse suficiente um "« e-mail "» para Feizal Sidat, ele que também **entende** de tecnologias de comunicação. OBJECTIVOS E SONHO PROIBIDO Quando foi apresentado a os jornalistas em Maputo, em Outubro de 2011, Gert Engels tratou de dizer que mais do que qualificar Moçambique a o CAN ou "« Mundial "», pretendia deixar o país em 2014 com uma selecção ganhadora e respeitada por o continente fora. (Cp, <http://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/desporto/1434-fmf-e-gert-engels-divorcio-era-inevitavel>)

- (82) Realmente, a cara não está de as melhores. Mas quero registrar que o sabor é ótimo. Estão docinhos e suculentos. Não comentei em o texto, porque ainda não tinha provado. Mas sei que deixei em o ar a curiosidade... Quando minha irmã era bem pequena, ela chamava requeijão de caqui. Ninguém nunca **entendeu** o motivo. Acho que Caqui deve ser de o tipo. Isso aqui em a língua de criança. Mas eu gosto de todo tipo de caqui. Até de o requeijão. MOSANBLOG por e-mail ElefanteNews Já visitou o ElefanteNews hoje? Clique em a imagem acima e tenha informações de a África, por Eduardo Castro. IDEAL REVOLUCIONÁRIO "« Só se é revolucionário quando se está disposto a deixar todas as comodidades para ir lutar em outro país "», Che Guevara, em o livro O ano que vivemos em lugar nenhum. Quem faz isso aqui Sandra Flosi trabalha em a área social. Nasceu em São Paulo, Brasil, em os últimos dias de 1972 (faça as contas!). Viveu em Maputo, Moçambique, em os anos de 2010 e 2011. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)
- (83) Por outro lado, o Governo, segundo o chefe de a sua delegação para o diálogo com a Renamo, terá abordado o partido sobre este assunto durante a sessão negocial de esta segunda-feira, tendo este optado por o silêncio. "« A delegação de a Renamo optou por o silêncio e, perante este silêncio, o Governo **entendeu** que quem cala consente "» concluiu o ministro José Pacheco. Saimone Macuiana, chefe de a delegação de a Renamo, disse não ter conhecimento de o referido ataque, explicando que a delegação que lidera não tem autorização para falar de esses assuntos. (CP, <http://maputodigital.com/noticias.php?noticia=1000161317>)
- (84) "« O Governo não deve discriminar nem excluir a Renamo de a vida política de o país. A exclusão de a Renamo representa uma grande ameaça para a Paz em Moçambique. O AGP foi assinado por as duas partes e deve ser respeitado por todos. Se a as partes assinantes de o AGP não se **entendem**, isso significa que a paz vivida é precária, não é uma paz sólida "» "« O processo de a paz em Moçambique está em a sua fase inicial. O governo deve fazer tudo para dar a oportunidade a o povo moçambicano de construir a sua Paz por si mesmo, para poder dar valor a esta conquista que é fundamental para o desenvolvimento de qualquer nação "», começou por dizer o senador italiano Luigi Bobba em entrevista exclusiva concedida a o "« Canal de Moçambique "» em Maputo. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(ii) verbo modal

Segundo Steffler (2013, p. 25), o verbo modal “constitui uma classe de auxiliares que se relaciona a verbos de sentido pleno, a eles conferindo um valor modal”: volitivo, deôntico e epistêmico. Nos dados do PM, **entender**, utilizado como modal (85), (86), tem valor volitivo e é seguido de um outro verbo no infinitivo (*reflectir, seguir*).

- (85) Até a a primeira semana, já havíamos realizado 142 comícios populares, onde haviam participado perto de 82 mil potenciais eleitores, além de as reuniões com as nossas organizações sociais, que são a OMM, OJM e ACLIM e, também líderes

influentes em a sociedade "», concluiu. Em face de o conflito público que se gerou entre os partidos políticos e a Comissão Nacional de Eleições, e após o encontro havido com a Comissão Nacional de Eleições, o Observatório Eleitoral **entendeu** reflectir sobre as bases jurídicas de esse conflito. Assim, como corolário de o evento supramencionado, foram extraídas as seguintes questões, que baseiam o presente Parecer Jurídico: O MOVIMENTO Democrático de Moçambique (MDM) em Cabo Delgado augura uma vitória convincente em as eleições de 28 de Outubro, na medida em que é sustentado por os jovens que querem ver os seus anseios salvaguardados, segundo o delegado provincial de este partido, Juma Rafim. Rafim sustentou a sua convicção indicando que durante as duas semanas de o decurso de a campanha eleitoral, a adesão de os jovens ultrapassa as expectativas, pois eles estão ansiosos em ver realizadas mudanças a seu favor. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

- (86) O longo tempo que o partido Frelimo leva em o poder cega- lhe, veda-lhe a visão real de as coisas e endurece- lhe o coração. Somente com eleições livres, justas, transparentes e sem a perigosa FIR, que sempre sai em socorro de o partido em o poder quando a derrota eleitoral é iminente, podem ser uma solução para o povo se livrar de novos colonos de cor preta e os seus moleques classificam os seus ajudantes em "« patriotas "» e de "« anti-patriotas "» a os que **entendem** seguir outro caminho. Thursday, 24 January 2013 O nível de a água de o rio Limpopo, em a zona de a cidade de Chókwé, sul de Moçambique, está a dois centímetros de as cheias de 2000, as piores registadas em a história de a região, informou hoje a Direcção=Nacional=de=Águas. As inundações provocadas por a subida de o caudal de o rio Limpopo já obrigaram a a fuga de milhares de pessoas de a cidade de Chókwe, que se encontra submersa. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(iii) marcador discursivo do tipo RAD

Como já mencionado, os marcadores discursivos do tipo RAD pertencem a um subgrupo de marcadores, conforme categorização proposta por Macedo e Silva (1996), por sua natureza basicamente interacional e por desempenharem funções atreladas à organização da fala (Freitag, 2008). Valle (2001) chama a atenção para o fato de que a ocorrência dos RAD se dá, quase sempre, no final de enunciado e funciona, principalmente, para manter o fluxo conversacional. Os excertos em (87), (88), (89) e (90) ilustram ocorrências de marcador discursivo do tipo RAD na amostra:

- (87) O que fez, o que deixou de fazer, puff, somem! Tomou a bola de o zagueiro, e partiu confiante, rumo a o gol desprotegido.... O médico afirmara categórico: seis meses, assim mesmo, caso o senhor obedeça as minhas determinações. Determinações? Quais? " -- Ah! O senhor sabe... não beber, não fumar, parar de jogar bola ou qualquer outro esporte brusco... caminhar bastante...? E sexo?? Sexo? muito... muito pouco, **entende**? Dieta rigorosa. Sal? Nem pensar. Se o senhor mantiver uma vida regrada, talvez até ultrapasse esses prazos. Modificando as suas

atitudes, seu modo de viver, tudo pode mudar, e permitir que o senhor chegue a 3ª idade! Talvez seja possível revertermos este quadro... " (http://www.livrentario.com/2013_07_01_archive.html)

- (88) Meu caro Anónimo, Eu não tenho problemas com o número de Vereadores que o PCM de a Matola exonera. O meu problema está em os resultados que devem ser alcançados. Para que fosse nomeado e tomasse posse alguém foi exonerado. A análise que deve ser feita é: o que é que mudou desde que entrei até que sai? Outros farão essa análise; diria o mesmo em as actividades económicas, em as obras, em as finanças etc.. Como estavam as coisas e como ficaram depois de a saída de essas pessoas? Quando comparados o antes e o depois de a exoneração de uma pessoa, o que é que releva mais? Aspectos negativos ou positivos? Pensar de outra forma sobre o que refiro acima pode ter o condão de reduzir pessoas sem analisar o seu trabalho. **Entendes?** Também, não pode achacar todas as saídas a o PCM. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)
- (89) A política é a arte de vida em sociedade, uma de as poucas Ciências que podemos exercer sem uma formação específica. Repara amigo Dino, Lulas da Silva é Operário, Obama é Jurista, Savimbi graduou- se em Letras e Manguxi era Médico... Todos eles exercem a Política por consequência de o contexto, **entendeu?** De igual modo, eu uso o Rap como um veículo de partilha de os meus valores, princípios e educação. A título informativo aproveito lhe dizer que além de Rapper também sou um Activista Cívico e coopero com algumas Organizações não governamentais Nacionais e Estrangeiras. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)
- (90) Por formação, este meu amigo graduou- se como técnico de mecânica em o Instituto Industrial, após o que trabalhou como Director Oficinal em uma grande empresa de construção civil, de aquelas que acabaram por fechar. Ficou com a oficina por acaso e, entretanto, matriculou- se em o ISPU para fazer gestão de empresas. Concluiu o curso com sucesso e é aqui onde começa a história. Quando este meu amigo se graduou, procurou- me para pedir ajuda. O problema é que ele gostaria de trabalhar! **Está a entender** Professor? Um homem que emprega cerca de 20 pessoas acha que é um desocupado! Custou- me algum trabalho convences- lo de que ele poderia utilizar os conhecimentos que adquiriu em o ISPU para desenvolver a sua oficina, moderniz- la e tornas- la mais competitiva. E que qualquer emprego que ele pudesse arranjar, sempre lhe pagaria menos do que os rendimentos que obtem de a oficina. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

Em relação aos usos supracitados de **entender**, como já mencionado, aventamos a hipótese de que esses usos representam diferentes instâncias de gramaticalização. Partimos da assunção de que o uso mais gramaticalizado é o de marcador discursivo pelo fato de desempenhar uma função interacional, evidenciando a “preocupação [do falante/escritor] com a recepção desse conteúdo pelo ouvinte” (Martelotta, 2011, p. 93), como ilustram os excertos de (87) a (90). Nesse caso, temos um uso mais abstratizado de **entender**, que passou por uma

deategorização (Hopper, 1991) na segunda pessoa do singular, perdendo seu *status* lexical. Assumimos ainda que os usos gramaticalizados de **entender** podem ser explicados por distintas trajetórias de gramaticalização.

5.2.2 Parâmetros linguísticos controlados

Na pesquisa, para a descrição dos usos de **entender**, controlamos os seguintes parâmetros linguísticos: (i) tempo e modo verbais; (ii) pessoa gramatical do sujeito; (iii) explicitude/omissão do sujeito; (iv) contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta; (v) presença e tipo de complemento verbal; (vi) tipo de sequência linguística. Tais parâmetros são importantes para a delimitação dos contextos linguísticos que motivam a instanciação dos usos gramaticalizados de **entender**. Destacamos ainda que a definição desses parâmetros se baseou em pesquisas funcionalistas sobre fenômenos linguísticos no PB, como explicitaremos nas subseções seguintes.

A seguir, explicamos os parâmetros supracitados, justificando a sua relação com o processo de gramaticalização, ilustramo-los e destacamos as hipóteses aventadas em relação a eles, tendo em vista o uso que consideramos mais gramaticalizado de **entender** (o de marcador discursivo).

5.2.2.1 Tempo e modo verbais

Como já mencionado, na literatura funcionalista (Traugott, 1997; Hopper; Traugott, 2003 [1993] etc.), o contexto morfossintático tem sido visto como fonte do processo de gramaticalização, podendo ter implicações no resultado da forma gramaticalizada. Quando o alvo da gramaticalização é um verbo, estudos têm demonstrado, no que tange ao contexto morfossintático, a relevância do tempo e do modo verbais para a emergência da forma/construção gramaticalizada.

Carvalho e Silva (2013) evidenciaram a relevância desse parâmetro para o estudo dos usos do verbo **achar** na fala popular soteropolitana. Assim, foi possível atestar que o presente do indicativo é a forma que predomina para todos os sentidos do verbo em estudo (apreciação, palpite/sugestão, suposição/hipótese, dúvida) observados naquela variedade. Já Carvalho e Gomes (2017) constataram que as mudanças semântico-pragmática e categorial do verbo **olhar** para marcador discursivo de chamada de atenção do interlocutor (**olha, olhe** etc.) estão atreladas

ao modo verbal imperativo associado ao contexto morfossintático de segunda pessoa do singular.

Nesta pesquisa, com a observação do tempo e do modo verbais, temos o intuito de averiguar a relação desse parâmetro com os usos de **entender** e, por conseguinte, com o processo de gramaticalização desse verbo no PM.

Na amostra, registramos ocorrências de **entender** nos seguintes tempos e modos verbais:

(a) presente do indicativo

(91) A pergunta que nos devíamos colocar é se estarão todos os factores, ou pelo menos os principais, que determinam a subida de os preços de o combustível e de os "« chapas "» sob alçada de o governo? Duvido? Enquanto, não começarmos a colocarmos este tipo de questões, a escalada será sempre a opção. Alguns defendem que o povo pacato não **entende** nada de os argumentos técnicos sobre lógica por detrás de as subidas de os preços. As mesmas pessoas já não acham estranho que o mesmo povo seja tão competente a o saber a quem exigir as contas. O governo. Mas podem ter alguma razão exigir que o governo faça tudo tornou- se um habitus paternalista que está agora a ter seus efeitos perversos. (CP, <http://circulodesociologia.blogspot.com/2008/02/por-uma-sociologia-clnica-da-greve.html>)

(92) Para a tua informação ou inbformação de quem enganas, não escrevo o nome porque eu faco meu comentários aqui em nome de o MEU BLOG. **Entendes** ou ainda és surdo. 2. Não tenho medo de quem quer que seja, incluindo tantos de a Frelimo e de o conselho de o Ministro que me conhecem e perfeitamente conhecem as minhas ideias. Por acaso, são tantos de a Frelimo que passam por aqui e com eles falo e ou troco e-mail. 3. Ao contrário, TU nem dás cara a os próprios frelimistas, pois esses já tanto disseram que não te conhecem. Como eu dizia a o José, não dava para subestimar os lambébotas, os que até foram denunciando por Jorge Rebelo. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(93) Segundo Luís Brito, o país chegou a uma situação de "« quase guerra "» porque não foram resolvidos os litígios eleitorais entre a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, em o poder) e a Renamo, uma vez que o principal partido de a oposição nunca reconheceu as vitórias eleitorais de o partido em o poder e não concorda com a atual lei eleitoral. "« Temos jogadores (Frelimo e Renamo) que não se **entendem** sobre as regras de o jogo. Várias análises alertaram sobre essa situação, mas não houve uma pressão suficiente para que houvesse uma transformação em direção a uma lei eleitoral que fosse aceite por todos "», enfatizou Luís Brito. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(b) presente progressivo

(94) Rose vai atrás de Gustavo Mas ela chega tarde demais, quando o empresário já embarcou em o avião Quando descobre que Gustavo está prestes a pegar um avião e sumir em o mundo, Rose não pensa duas vezes: corre até o aeroporto para tentar impedir o amado de viajar. Só que, a o tentar entrar em a sala de embarque, ela é barrada por uma funcionária, que explica que todos os passageiros já embarcaram e o avião já vai decolar. "« Por o amor de São Deus, moça! Você não **tá entendendo!** Eu não posso deixar o amor de a minha vida partir! ", implora a morena. Mas a funcionária se mantém impassível. Nervosa, Rose tenta entrar a a força, mas é impedida por seguranças. Ela ainda chega a roubar um rádio de a mão de um de eles e tenta se comunicar com Gustavo, em vão. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(95) O CCM acrescenta que Moçambique precisa de um "« debate sério "» sobre a "« temperatura política "», em a perspectiva de tornar o país são e sem espaço para querelas com motivações políticas infundadas. (Notícias, 09/08/00) SADC APOIA POLÍTICA DE MUGABE A20ª Cimeira dos Chefes de Estado de a SADC, que decorreu recentemente em Windhoek, Namíbia, deu o seu apoio incondicional a o Presidente zimbabweano, Robert Mugabe. A organização vai interceder junto de o Governo norte-americano para evitar que aquele aprove uma lei que imponha sanções económicas a o Zimbabwe. A SADC considera que o mundo não **está a entender** com a necessária profundidade "« o esforço empreendido por o Governo zimbabweano com vista a a aquisição e distribuição ordeira de a terra "». Esta organização regional também vai tentar mudar a posição de o Governo britânico em o sentido de angariar o maior apoio possível para o programa de reforma agrária em o Zimbabwe, visando contrariar o comportamento hostil de a opinião pública internacional. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(c) pretérito perfeito do indicativo

(96) Entre uma visita e outra, conseguimos dar telefonemas para alguns diretores de a empresa, por meio de contatos pessoais influentes. Um de eles, que também estava em a tal reunião, se prontificou a acionar uma equipe. Em algumas horas, lá chegou um técnico. Ele **entendeu** que tudo que queríamos era poder usar a casa sem tomar choques e sem ter um incêndio e, para isso, era preciso tirar a fiação que estava amarrada em a grade de a escola. Tirou a fiação de lá. Resultado, nossa vida voltou quase a o normal. O único problema foi que o buraco na frente de a casa continuava lá. Mas como tudo é relativo, isso quase já nem era problema nessa altura. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(97) que a tirada machado graciana de que os mozies "« pouco mais conhecem do que a sua enxada de cabo curto "» equivale a dizer a Guebuza que ele deve deixar de falar com o povo para DIALOGAR só com eles. Penso que forcas a analogia quando puxas o meu post anterior que, julgo, o **entendeste** muito bem. Questionar se sabemos o que é a corrupção que todos somos chamados a acontecer e tentar demonstrar que há entendimentos díspares sobre o fenómeno é, de longe, diferente de dizer que o nosso povo pouco mais entende do que de enxada de cabo curto. Mais do que isso Nelson, pegue o debate sobre a enxada de cabo curto e veja o que

se tem dito de ela em o contexto de a produtividade que falamos para veres até que ponto Machado nos reduz. (CP, <http://ideiassubversivas.blogspot.com/2010/09/mais-uma-vez-machado-da-graca-mais-uma.html>)

No que concerne ao tempo e modo verbais, levantamos a hipótese de que o uso de **entender** como marcador discursivo deverá ocorrer mais no presente do indicativo, nas formas **entende?** e **entendes?**. Acreditamos que esse tempo verbal, ao indicar “simultaneidade no momento da fala” (Castilho, 2022, p. 432), deverá ser mais utilizado nos dados do PM por contribuir para reforçar, no momento da interlocução, a checagem de informações, a busca por aprovação do ouvinte/leitor e a focalização na opinião do falante/escritor. Ademais, uma maior tendência ao emprego do presente do indicativo nos marcadores discursivos do tipo RAD já foi evidenciada em estudos sobre a variedade brasileira do português, por exemplo, o de Valle (2001).

5.2.2.2 Pessoa gramatical do sujeito

Pesquisas amparadas na abordagem funcionalista têm demonstrado a importância do parâmetro pessoa gramatical do sujeito na análise da gramaticalização de verbos de diferentes classes semânticas em distintas línguas humanas. A título de ilustração, no que diz respeito ao português brasileiro, Silva (2021), examinando dados de fala soteropolitana, considerou o parâmetro pessoa gramatical do sujeito na análise do verbo **estar**. Controlando esse parâmetro, objetivou explicar não só o processo de redução fonética de **estar**, mas também sua influência não só no processo de gramaticalização. Quanto a esse último aspecto, a autora observou a correlação de uma dada pessoa gramatical com o verbo em estudo, tendo em vista os seus usos mais gramaticalizados:

Como marcador discursivo e advérbio de concordância/afirmação, há uma decategorização (HOPPER, 1991; HEINE, 2003) de *estar*: nos dois usos, a pessoa gramatical se restringe justamente aos contextos - segunda e terceira pessoas do singular, respectivamente - em que se instanciou a gramaticalização. (Silva, 2021, p. 137).

Nesta pesquisa, buscamos observar se há correlação de uma pessoa gramatical específica com o processo de gramaticalização de **entender** no PM. Nos dados analisados, **entender** foi empregado com sujeito nas seguintes pessoas gramaticais:

- a) P2 (segunda pessoa do singular)

(98) Meu caro amigo Viriato, embora optas por me ofender quando *entendes*, aconselho-te em uma coisa: deixar de apoiar ditaduras porque em esta era de globalização ela é automaticamente rechacada. Veja, mais do que eu, Quivela conhece o MDM. Já até penso nos registos do MDM em Cabo Delgado, está lá o Cornélio Quivela. Quando Quivela vem num artigo do respeitado jornalista Pedro Nacuo, há que sermos francos se quisermos falar ou calados se evitamos dizer a verdade. Eu duvido que a iniciativa de um partido a ser lançado em Nampula seja de Quivela. (CP, <https://comunidadeemocambicana.blogspot.com/2010/03/dissidente-da-renamo-cria-partido.html>)

b) P3 (terceira pessoa do singular)

(99) O momento de trambolhão de os funcionários de todos estes balcões acontece quando abrem as portas e recebem um idoso maltrapilho, com a aparência por arrumar, carregando um enorme saco sujo e velho, com o português a sair- lhe por a boca a "« marretadas "», e a dizer "« Bom dia, quero depositar o meu dinheiro. Até o novo administrador de o distrito, Joaquim António Chirene, teve um de esses baques quando **entendeu** entrar em o balcão em Dómue, em o norte de Angónia...: "« Em o balcão estava um ancião a ser atendido que trazia um enorme saco de ráfia bem velho e sujo. Acredite que chegamos de manhã e só fomos atendidos a o começo de a tarde, porque os funcionários de o balcão estavam a contar o dinheiro que aquele ancião tinha para depositar. Era muito dinheiro. Nunca tinha visto algo de género "», conta. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

c) P5 (segunda pessoa do plural)

(100) E aqueles que lhes prometeram isto ou aquilo encontrarão maneiras de jogar a culpa em vocês. A verdade é que essa imensa mudança para o que é, invariavelmente significa enorme resistência e enormes obstáculos. E com toda certeza, vocês não podem ser atacados por querer ver a luz em o fim de o túnel. Tudo isto pode ser evitado, pois *vocês* realmente agora **entendem** por não deixarem o calendário entrar em o quadro maior. Há coisas gigantescas e deliciosas a caminho de sua realidade. Isto lhes foi revelado e é a verdade. Não vai acontecer instantaneamente porque nós, de este lado de o "« véu "», estalamos nossos dedos e elas se produzem. Foi-lhes dito que vocês são os instrumentos de a mudança, e isto também é verdade. (CP, <http://achama.blogs.sapo.mz/26814.html>)

d) P6 (terceira pessoa do plural)

(101) Há uma incrível falta de humildade que não permite a muitos verem que antes de tirarem uma conclusão precisam de ter certeza sobre os méritos de a questão em apreço. É verdade que isto é muito influenciado por a facilidade com que podemos constatar o que está mal. Não há coisa mais fácil em o nosso País hoje em dia, quer no que diz respeito a o que o governo faz mal, quer em relação a o que *os críticos*

não **entendem**. Tamanha facilidade embala, funciona um pouco como estupefaciente, só que o efeito é também de entorpecer a mente. Era tão bom se pudéssimos transformar os nossos debates políticos em o Facebook em momentos de aprendizagem. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

Em relação à pessoa gramatical, partimos da assunção de que o contexto de segunda pessoa do singular tem motivado a gramaticalização do verbo **entender** para marcador discursivo do tipo RAD no PM, assim como já atestado para outros verbos cognitivos, por exemplo **saber** (Trapp, 2014) no português brasileiro. Nesse caso, entendemos que o caráter interacional dos RAD e a sua função de requisitar o apoio do ouvinte motivam o emprego de **entender** na segunda pessoa do singular, que é aquela voltada para o interlocutor.

5.2.2.3 Explicitude / omissão do sujeito

A explicitude/omissão do sujeito é outro parâmetro que tem sido controlado em estudos sobre a gramaticalização de verbos. Levando em conta esse parâmetro em sua pesquisa e observando a intersecção entre os processos de variação, gramaticalização e redução fonética, Silva (2021) constatou que o sujeito implícito favoreceu a redução de *estar* na fala soteropolitana. Já em relação ao sujeito explícito, ocorreu um pequeno favorecimento da forma plena.

Nesta pesquisa, buscamos observar se os usos mais gramaticalizados de **entender** tendem a ocorrer mais com a explicitação ou omissão de sujeitos. No *corpus*, constatamos usos de **entender** com sujeitos explícitos (102) e implícitos (103):

(102) Afinal, o May be man é mais cauteloso que o andar de o camaleão: aguarda por a opinião de o chefe, mais ainda por a opinião de o chefe de o chefe. Sem luz verde vinda de os céus, não há luz nem verde para ninguém. *O May be man entendeu* mal a máxima cristã de "« amar o próximo "». Porque ele ama o seguinte. Isto é, ama o governo e o governante que vêm a seguir. Em a senda de comércio de oportunidades, ele já vendeu a mesma oportunidade a o sul-africano. Depois, vendeu- a a o português, a o indiano. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(103) Dou lhe o exemplo de o meu caso: submeti um pedido por razões que expliquei a o PCM e outras pessoas relevantes e sai. Houve outros que o fizeram por diferentes razões. Independentemente de como o despacho é exarado (pelo menos em o meu caso pelo menos) há que considerar isto tudo. Como bem disseste, em algum momento, a equipa municipal de a Matola era ou é constituída por jovens que tem seus objectivos de vida e se acharem que esses objectivos serão melhor alcançados em outro sítio tenderão a sair. Ø **Entendes?** Uma de as melhores recordações que tenho de a Matola são as pessoas com quem convivi e de quem

aprendi, incluindo pessoas de fora de o Partido.
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

Aventamos a hipótese de que o emprego de **entender** como marcador discursivo (estágio mais gramaticalizado) deve ocorrer mais com sujeito implícito, o que pode estar relacionado à decategorização (Hopper, 1991) do/a uso/forma fonte e, por conseguinte, ao processo de gramaticalização.

5.2.2.4 Contexto interrogativo / não interrogativo e tipo de pergunta

A análise do parâmetro contexto interrogativo / não interrogativo e tipo de pergunta está diretamente ligada à ideia de que o uso de perguntas em situações comunicativas, faladas ou escritas, funciona como estratégias de interação, conforme defendem Araujo e Freitag (2010). Para as autoras, as perguntas são recursos que o falante/escritor utiliza para favorecer a compreensão do seu interlocutor a respeito do sentido do seu texto, ou seja, são estratégias “que o escritor/falante dispõe para verificar se o leitor/ouvinte está em sintonia com o conteúdo” (Araujo; Freitag, 2010, p. 322). As autoras consideram três tipos de pergunta – plena, semirretórica e retórica – e apresentam a seguinte distinção entre elas:

[...] uma pergunta plena é uma pergunta do falante que requer, necessariamente, uma resposta do ouvinte. Para tanto, faz-se necessário que falante e ouvinte compartilhem do mesmo conhecimento semântico-discursivo no contexto da interação. A pergunta semirretórica é uma pergunta feita pelo falante, que é quem a responde. A pergunta retórica é feita pelo falante, mas não é respondida, nem pelo ouvinte, nem pelo falante; é uma pergunta que não requer resposta (Araujo; Freitag, 2010, p. 323).

Estabelecendo uma relação entre o processo de gramaticalização e tipos de pergunta, Martelotta e Leitão (1996), ao analisar o verbo **saber**, afirmam que o processo de abstratização desse verbo, em que este ganha funções pragmáticas, inicia-se em um contexto plenamente interrogativo, passando posteriormente por um estágio intermediário de pergunta semirretórica e finaliza no ponto mais abstrato, em um contexto totalmente retórico (Martelotta; Leitão, 1996).

Na mesma direção, Freitag (2009) pontua que, na fala, as perguntas se gramaticalizam em marcadores discursivos interacionais e originam-se de um contínuo de pergunta plena >

pergunta semirretórica > pergunta retórica, caracterizando, assim, seu uso interpessoal (Martelotta; Votre; Cezario, 1996).

Nesta pesquisa, observamos o parâmetro contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta com o intuito de verificar uma possível correlação desse parâmetro com a gramaticalização de **entender** para marcador discursivo do tipo RAD.

Encontramos, nos dados do PM, ocorrências de **entender** nos seguintes contextos:

(a) contexto não interrogativo

- (104) O senhor esta de facto cumprindo o seu papael de Lider, levando luz a quem não exerga o horizonte. *Um pedido se me permite, em a proxima legislatura aposte em gente que de facto tem amor por o trabalho, gente que tem amor em servir outrem, gente que **entende** que o servidor publico tem deveres e obrigações para com o povo que o elegeu.* Nao que em a legislatura actual não existem essas pessoas, tenho que dar a mão a palmatoria, pois vejo que a Saude por exemplo mudou o seu aspecto, e outras areas, tudo porque as pessoas que estão em as direcções imprimiram uma nova dinamica, mas o ideal e chegar a uma meta de os 100 por cento. Louvar a atitude de V excia, em exonerar quem de facto esta apenas fazendo numero. (CP, <http://armandoguebuza.blogspot.com/2009/09/mocambique-explorando-outras-formas-de.html>)

(b) contexto interrogativo com pergunta plena

- (105) Marta, vem cá! -- Sim? -- Explica pra esse garoto o que é ressurreição pra eu poder ler o meu jornal. -- Bom, meu filho, ressurreição é tornar a viver após ter morrido. Foi o que aconteceu com Jesus, três dias depois de ter sido crucificado. Ele ressuscitou e subiu a os céus. **Entendeu?** -- *Mais ou menos...* Mamãe, Jesus era um coelho? -- Que é isso menino? Não me fale uma bobagem de essas! Coelho! Jesus Cristo é o Papai do Céu! Nem parece que esse menino foi batizado! Jorge, esse menino não pode crescer de esse jeito, sem ir em uma missa pelo menos a os domingos. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(c) contexto interrogativo com pergunta semirretórica

- (106) Tu gostas quando alguém sugere que a Frelimo mantenha a apropriar- se de as forcas de defesa e segurança para fins partidários e crês que isso constroi um Estado de Direito Democrático? Isso é franquismo, portanto o que aconteceu em a Espanha durante o regime franquista. Antonio=A.=S.=Kawaria=Rogério=Daniel=Naene, Já leste a monografia? **Entendes** o que é necessário em Mocambique? *Desarmar todos os partidos políticos e isso era suposto no AGP assinado em Roma.* Eu defendo desarmamento da Renamo e Frelimo. Tu defendes o desarmamento duma única

parte e pensas que isso será possível? (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(d) contexto interrogativo com pergunta retórica

(107) Em termos de trabalho não é o pior. Por formação, este meu amigo graduou-se como técnico de mecânica em o Instituto Industrial, após o que trabalhou como Director Oficinal em uma grande empresa de construção civil, de aquelas que acabaram por fechar. Ficou com a oficina por acaso e, entretanto, matriculou-se em o ISPU para fazer gestão de empresas. Concluiu o curso com sucesso e é aqui onde começa a história. Quando este meu amigo se graduou, procurou-me para pedir ajuda. O problema é que ele gostaria de trabalhar! *Está a entender Professor?* Um homem que emprega cerca de 20 pessoas acha que é um desocupado! Custou-me algum trabalho convences-lo de que ele poderia utilizar os conhecimentos que adquiriu em o ISPU para desenvolver a sua oficina, modernizá-la e torná-la mais competitiva. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

Consideramos que a ocorrência do verbo cognitivo **entender** em contexto interrogativo pode ter influenciado o processo de gramaticalização desse verbo para marcador discursivo. Em consonância com Martelotta e Leitão (1996, 1998 apud Görski; Valle, 2013) e Freitag (2007), acreditamos que **entender**, no seu processo de gramaticalização de verbo cognitivo para marcador discursivo, passou pela seguinte trajetória de gramaticalização: pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica. Nesse sentido, esperamos encontrar, nos dados do PM, ocorrências de **entender** como marcador discursivo do tipo RAD apenas em contexto interrogativo com pergunta retórica.

5.2.2.5 Presença e tipo de complemento verbal

O parâmetro presença e tipo de complemento verbal tem se mostrado relevante na análise da atuação do processo de gramaticalização em verbos. Como lembra Silva (2021, p. 94), “com a gramaticalização de um dado verbo em uma nova categoria, as relações entre a forma gramaticalizada e os seus constituintes à direita podem ser mantidas ou perdidas”, o que remete, respectivamente, aos princípios de persistência e decategorização (Hopper, 1991).

A atuação desse parâmetro linguístico no processo de gramaticalização do verbo **achar** foi analisada por Carvalho e Silva (2013). Essas autoras atestaram que, dentre os usos desse verbo – verbo pleno, com o sentido de ‘encontrar’, apreciação, palpite/sugestão, suposição/hipótese, e dúvida – aqueles como verbo pleno e marcador de dúvida (verificado como o uso mais gramaticalizado) configuram-se em dois extremos quanto à presença/ausência

de complemento verbal (ou argumento interno no dizer das autoras). Em outras palavras, “enquanto o uso como verbo pleno seleciona como argumento interno o sintagma nominal, o uso como marcador de dúvida, por sua vez, não seleciona nenhum tipo de argumento interno” (Carvalho; Silva, 2013, p. 58).

Nesta pesquisa, como discutiremos na seção de análise dos dados, partimos do pressuposto de que **entender**, no PM, está passando por duas trajetórias mudança categorial: (i) verbo pleno > verbo modal; (ii) verbo pleno > marcador discursivo. Consideramos que, nessas trajetórias de gramaticalização, pode haver mudanças na configuração sintática de **entender** quanto à restrição de complemento verbal.

Como **entender** pode ser empregado sem e com complemento verbal, assim especificamos esse parâmetro linguístico:

(a) sintagma nominal

(108) Em o processo de aquisição de consciências, o economista destaca como os piores vendilhões os intelectuais (em particular acadêmicos e quadros qualificados): "« Eles supostamente **entendem os conceitos elementares** como liberdade, democracia e estado de direito. Mas, por tuta e meia, muitos entusiasmam-se em servir como prostitutas intelectuais -- vendem a sua consciência, princípios e integridade para saltaram para a cama de os déspotas "». Outro elemento preponderante é o sequestro de o partido em o poder. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(b) sintagma preposicionado

(109) Problemas como homicídio, suicídio, entre outros. A pessoa que foi vítima de Cyberbullying sofre um trauma muito grande e influente em a sua vida geral. Quando as vítimas de Cyberbullying são mais jovens, o psicológico é mais fraco, sendo assim, atingirá muito mais fácil, causando um trauma ainda maior. 4 REVISÃO DE LITERATURA Cyberbullying é um assunto muito comentado e escrito por várias pessoas, até por aquelas que não **entendem** de o assunto, não possuem uma formação específica, ou conhecem apenas o significado de a palavra. As pessoas falam de Cyberbullying como se fosse algo normal, hoje em dia, levam tudo em a brincadeira, para causar menos impacto em a sua vida social. (CP, <http://www.biblioteca.ifc-camboriu.edu.br/criaacac/tiki-index>)

(c) objeto nulo

(110) A dimensão nacional, foi usada em a luta de libertação nacional em o sentido espacial, a luta era contra o colono portugues em um espaco defenido como nacional em função desa ocupacao. A questão de a educação e seu proposito não pode ser

vista somente em esse proposito. Afinal voce esta a querer dizer que não havia interesse nenhuns e não o politico em a emancipação educacional. Cíprix? Concordo de a necessidade de se revisionar a historia, mas eka não pode ser somente porque discordamos de ela. A luta de libertação nacional não pode ser entendida como voce **entende** Ø, a noção de nacional se estende a dimensão espacial e ou territorial, então não confunda luta de libertação nacional em o sentido nacionalista instituido por um estado e dimensão nacional em o sentido nacio relativo a o espaço ocupado por grupo x. João Cabrita A tese de Brazão Catopola de que "« a RENAMO jamais passou de um movimento militar ou ainda dando beneficio de a duvida, nunca saiu de isso para um partido político e ainda mais, nunca se mostrou com uma orientação política ideológica "» mais não é do que o discurso oficial embrulhado de forma diferente. (CP, <http://ambicanos.blogspot.com/2013/08/em-mocambique-so-ha-partidos-de-direita.html>)

(d) oração encaixada⁴³ finita introduzida por conjunção integrante ou pronome/advérbio interrogativo

(111) A partir de aí, Sónia André, que era uma estudante que possuía a experiência de a vivência de a mulher moçambicana -- entendida como aquela que, diariamente, acorda de manhã, muito cedo, com a sua criança em as costas, e ruma a o mercado para comprar produtos de diversa natureza; aquela que, todos os dias, desperta as quatro de a matina e vai a a machamba, com as suas crianças, porque não possui alguém com quem ela possa deixar --, diferente de a intelectual, com uma vida bem estruturada, **entendeu que não podia resignar**. O que se pretende explicar, de acordo com Sónia, é que "« a mulher que se encontra em os mercados informais de o nosso país para -- debaixo de um sol escaldante -- fazer negócio, e manter a família firme, é um grande exemplo. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(112) Sexta, 08 Outubro 2010 00: 00 Lázaro Mabunda Não se percebe por que dão esmola a Moçambique para importar cereais, quando tem de as maiores potencialidades agrícolas de África. De igual modo, não se **entende por que se dá esmola a este p...** E se nos esquivássemos de o tiro de Chipande e nos concentrássemos em a pobreza que nos está a fragilizar? Sexta, 01 Outubro 2010 00: 00 Lázaro Mabunda A este ritmo de a perda de consciência, não tenho dúvidas que, de aqui a 10 anos, assistiremos a um festival de revelações sobre o que aconteceu em a luta de libertação. (CP, <http://www.opais.co.mz/index.php/opiniao/lazaro-mabunda.html?start=60>)

(e) oração encaixada finita justaposta

(113) "« *É uma ameaça contra todos os esforços de edificação de uma sociedade cada vez mais justa. Um entrave a o desenvolvimento que estamos hoje a experimentar*

⁴³ Na literatura funcionalista de orientação norte-americana, o rótulo de orações encaixadas engloba as orações subordinadas substantivas e adjetivas restritivas (Hopper; Traugott, 2003 [1993]). No contexto sintático com o verbo **entender**, a oração encaixada corresponde à oração subordinada substantiva objetiva direta.

e saborear a cada dia; um entrave a os princípios de a democracia e de a convivência democrática "», entende a OMM. O Conselho Nacional de a OMM entende ainda que nada justifica a morte de moçambicanos, sejam eles civis ou militares e que nada justifica a perturbação de a ordem e tranquilidade públicas, a destruição de bens e sobretudo as ameaças de o retorno a a guerra, em uma altura em que a principal preocupação de o povo é a paz e a luta contra a pobreza, rumo a o desenvolvimento. (CP, <http://www.noticias.mozmaniacos.com/2013/07/desarmar-a-renamo-apela-omm.html>)

(e) oração encaixada não-finita

(114) A lista original de a Renamo foi a que inicialmente fora submetida a a Comissão Nacional das Eleições e ela havia sido elaborada antes de Daviz Simango ser preterido por a liderança de a Renamo. Uma vez Daviz preterido, a Renamo **entendeu** *elaborar uma nova lista* onde a ordem de a primeira foi alterada de formas que todos os apoiantes de o candidato independente estavam em posições inelegíveis. Assim, a lista de a Renamo aprovada por o CC conforta de certo modo o edil de a Beira que amanhã sábado toma posse. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(e) Sem complemento

(115) Esses militares, agentes de a polícia que morrem em Muxunguè em defesa de os TEUS interesses são filhos de seus pais, maridos de as suas mulheres, pais de seus filhos. **Entendes?** Deixa de entregar- los a a morte quando tu andas aqui a abusé- los usando anonimato. Ainda este tipo diz que o seu problema é o MDM.

Partindo da atuação do princípio de decategorização (Hopper, 1991) em formas/construções gramaticalizadas, consideramos que, à medida que **entender** se gramaticaliza, perde propriedades morfossintáticas. Nessa direção, temos a hipótese de que **entender** como marcador discursivo perdeu o atributo sintático de subcategorizar complemento verbal, devendo ser empregado sem esse tipo de complemento nos dados do PM.

5.2.2.6 Tipo de sequência linguística

Na literatura linguística, entende-se por sequência linguística (ou tipo textual) um conjunto de características que compõem uma sequência de informações. Trata-se, portanto, de “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (Marcuschi, 2002, p. 22).

Compõem a categoria dos tipos textuais as seguintes designações teóricas: narração, descrição, argumentação, exposição, injunção e conversação. Essas sequências linguísticas

podem figurar nos diversos gêneros textuais “que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (Marcuschi, 2002, p. 23). Além disso, para esse mesmo autor, uma característica básica dos tipos textuais é que a sua definição se dá a partir dos seus traços linguísticos predominantes. Isso explica o fato de que um tipo textual é composto por características que compõem uma sequência e não um texto (Marcuschi, 2002).

O tipo textual narrativo tem por objetivo relatar fatos, reais ou ficcionais, e possui elementos típicos como personagens, espaço e tempo. Para Freitag et al. (2012), a sequência narrativa constitui-se “por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal”. Nesse tipo textual, conforme Marcuschi (2002), o traço predominante é a sequência temporal como elemento organizador dos textos.

A respeito da sequência descritiva, Rost (2002) a define como um trecho no qual se expõe detalhadamente um fato, objeto, pessoa ou lugar. A autora acrescenta ainda que “essas peculiaridades podem ser divididas em basicamente dois grupos: o das características físicas e o das características psicológicas (pessoas e ambientes)” (Rost 2002, p. 102). Para Marcuschi (2002), nesse tipo de texto, ocorre o predomínio das sequências de localização.

A tipologia expositiva, também chamada de explicativa, tem o propósito de informar, explicar, definir e esclarecer, ou seja, o compromisso do enunciador é explicitar questões da ordem do saber (Köche; Boff; Marinello, 2014). Nesse tipo textual, prevalecem a clareza e a objetividade e, conforme Marcuschi (2002, p. 29), há “o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas”. Outro predomínio, concernente às características linguísticas, é o uso do presente do indicativo, uma vez que se trata de textos que apresentam temas atuais que fazem “parte do contexto comunicativo em que se situa o enunciador” (Köche; Boff; Marinello, 2014, p. 26).

O tipo textual argumentativo tem a propósito de expor opinião ou defender um posicionamento a respeito de algo. Nesse tipo de sequência linguística, o falante/escritor “fundamenta suas opiniões ou defende improvisadamente seus pontos de vista acerca de um determinado tema como política, economia, religião, entre outros” (Rost, 2002, p. 101). De acordo com Marcuschi (2002), o traço predominante nesse tipo textual são as sequências contrastivas explícitas.

Na sequência injuntiva, o propósito comunicativo constitui-se “no discurso do fazer (ações) e do acontecer (fatos e fenômenos)” (Köche; Boff; Marinello, 2014, p. 23). Um traço característico desse tipo textual é “o predomínio de sequências imperativas” (Marcuschi, 2002),

uma vez que o falante/escritor, ao se utilizar desse tipo textual, objetiva instruir, ordenar, ou seja, fazer com que o interlocutor faça o que lhe é solicitado. A respeito do predomínio, nessa tipologia textual, de verbos no modo imperativo, Köche, Boff e Marinello (2009) ressaltam que esses verbos podem aparecer de forma explícita ou implícita. “No entanto, esse não é o único recurso utilizado, pois orações com verbos modais (dever, ter que), verbos no futuro do presente (colocará, deverá, será) e no infinitivo (mexer, juntar, acrescentar) também são muito comuns” (Köche; Boff; Marinello, 2009, p. 10).

Por fim, temos a sequência linguística denominada conversacional ou dialogal. Esse tipo textual ocorre em gêneros nos quais há, ao menos, dois interlocutores na interação comunicativa. Nesta tipologia, “os interlocutores cooperam na produção do texto, uma vez que este se constrói através da interação verbal, em que um enunciado determina o enunciado do outro” (Köche; Marinello; Boff, 2014, p. 27). As autoras acrescentam ainda que essa tipologia somente ocorre em segmentos de discursos interativos dialogados e sua estrutura se dá em

[...] turnos de fala que, nos discursos interativos primários, são diretamente assumidos pelos agentes-produtores envolvidos em uma interação verbal (– *Oi, como vai?* / – *Bem, e você?*). Por sua vez, nos discursos interativos secundários, os turnos de fala são atribuídos às personagens postas em cena no interior de um discurso principal ou englobante [...] (– *E a tua esposa?* / – *Vai indo bem, também. Grazie*)⁴⁴ (Köche; Marinello; Boff, 2014, p. 27-28).

A análise do parâmetro sequência linguística, conforme Freitag et al. (2012), tem demonstrado importante significado em trabalhos que tratam de mudança linguística principalmente quando se trata de processos de mudança ligados ao âmbito discursivo. Desse modo, entendemos que a observação desse parâmetro na análise dos dados desta pesquisa nos permite verificar qual tipo de sequência linguística tem influenciado, de forma mais significativa, o processo de gramaticalização de **entender** no PM.

No *corpus*, os usos de **entender** ocorreram nas seguintes sequências linguísticas:

(a) narrativa

(116) *Embarcamos às pressas e rumamos em direcção a o sul, pois o nosso destino estava claro: Maputo. Entretanto, poucos quilómetros depois de a vila de o Inchope o motorista anunciou que pernoitaríamos em Muxúnguè, porque a coluna de as Forças de Intervenção Rápida (FIR) já tinha partido e não podíamos nos aventurar sozinhos feitos uns loucos. " Se os homens armados de a Renamo **entendem** atacar esta noite estamos perdidos. É de esta que passamos para a história ", pensamos. A certeza de chegar a o nosso destino com saúde e vida esfumou-se por algum*

⁴⁴ Fragmento do romance *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato (1985, p. 64).

tempo e, inconscientemente, aguçámos a audição e visão para ver de onde a morte chegaria. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(b) descritiva

(117) A partir de aí dispensei a empregada e passei a levar a criança com mim para a academia "», refere. *A partir de aí, Sónia André, que era uma estudante que possuía a experiência de a vivência de a mulher moçambicana -- entendida como aquela que, diariamente, acorda de manhã, muito cedo, com a sua criança em as costas, e ruma a o mercado para comprar produtos de diversa natureza; aquela que, todos os dias, desperta as quatro de a matina e vai a a machamba, com as suas crianças, porque não possui alguém com quem ela possa deixar --, diferente de a intelectual, com uma vida bem estruturada, entendeu que não podia resignar.* O que se pretende explicar, de acordo com Sónia, é que "« a mulher que se encontra em os mercados informais de o nosso país para -- debaixo de um sol escaldante -- fazer negócio, e manter a família firme, é um grande exemplo. (CP, <http://noticiasmozambique.blogspot.com/2013/01/verdade-online-nao-acredito-naquela-mae.html>)

(c) expositiva

(118) Assim, ritos e carnavais, por exemplo, fazem emergir inovações de comportamento que modelam a realidade quotidiana. 13 A escola fenomenológica também se debruçou sobre a festa. *Bataille (2002), por exemplo, pautado em uma relação de oposição entre o sujeito e o mundo, entendeu a festa como a solução encontrada por o ser humano para reconciliar-se com o todo que o cerca -- uma espécie de porta aberta para a intimidade com o divino.* Já para Eliade (1992), "« a manifestação de o sagrado funda ontologicamente o mundo "» (p. 17). Segundo o autor, em a festa é possível reencontrar a dimensão sagrada de a vida, o que permite a experimentação de a santidade de a existência humana como criação divina. A seu ver, toda experiência humana é suscetível de ser transfigurada e vivida em um outro plano, o transumano. (<http://cea.revues.org/893>)

(d) argumentativa

(119) *Eu sou definitivamente contra epítetos. Para mim não existe Dr Ministro. Já me entendes? Leia bem o que escrevi.* Esta notícia de os supostos "« 157 desertores "», vinda de um jornal cujo "« proprietario "» foi agora nomeado um de os membros interinos de o secretariado local de o partido que agora procura desinformar, não lembra o diabo!!

(e) injuntiva

(120) O que é que sabes sobre esta empresa / organização? É muito importante que você investigue sobre a empresa. Saiba qual é a sua missão, seus valores, os produtos /

serviços que vende e como vende. *Entre em o website leia e tente escrever com suas próprias palavras o que você **entendeu** e volte para o site e verifique a informação.* Se puder, vá a empresa antes de a entrevista, peça informações sobre a empresa ou telefone e faça perguntas informativas.

(f) conversacional

(121) *Marta, vem cá! -- Sim? -- Explica pra esse garoto o que é ressurreição pra eu poder ler o meu jornal. -- Bom, meu filho, ressurreição é tornar a viver após ter morrido. Foi o que aconteceu com Jesus, três dias depois de ter sido crucificado. Ele ressuscitou e subiu a os céus. **Entendeu?** -- Mais ou menos... Mamãe, Jesus era um coelho? -- Que é isso menino? Não me fale uma bobagem de essas! Coelho! Jesus Cristo é o Papai do Céu! Nem parece que esse menino foi batizado! Jorge, esse menino não pode crescer de esse jeito, sem ir em uma missa pelo menos a os domingos.*

Quanto ao parâmetro tipo de sequência linguística, aventamos que o uso de **entender** como marcador discursivo do tipo RAD deverá ocorrer com mais frequência em contextos argumentativos, assim como demonstrado em Valle (2001) a respeito de **entende?** Isso é justificado pelo fato de “ser este tipo de discurso aquele em que o falante expõe suas opiniões pessoais e, por isso, precisa fazer uso dos RADs como apoio no processamento de sua fala” (Valle, 2001, p. 122).

Descrevemos até aqui a variedade selecionada e o *corpus* utilizado para a coleta dos dados bem como os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Na próxima seção, discutimos os resultados da análise qualiquantitativa dos dados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados da análise dos dados em viés quali-quantitativo. Primeiramente, descrevemos os usos do verbo **entender** na variedade moçambicana do português, destacando os deslizamentos funcionais desse verbo. Subsequentemente, procedemos à discussão dos resultados a partir dos parâmetros linguísticos selecionados para a pesquisa. Por fim, discutimos a relação dos usos de **entender** atestados no PM com possíveis trajetórias do processo de gramaticalização

6.1 USOS DO VERBO **ENTENDER** E SEUS DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS NO PM

No *corpus*, registramos emprego de **entender** como verbos pleno e modal e marcador discursivo em distintas formas e construções. Passamos a tratar de cada um dos usos encontrados para **entender**:

(a) verbo pleno

Como já explicado na seção 5 deste trabalho, são considerados verbos plenos aqueles que desempenham o papel de núcleos da sentença e selecionam complementos aos quais são atribuídas funções temáticas (Castilho, 2022). Como verbo pleno, atestamos, no PM, ocorrências de **entender** nas formas **entende** (122), **entendes** (123), **entendem** (124), **entendeu** (125) e **entendeste** (126) e nas construções **está a entender** (127) e **tá entendendo** (128).

- (122) Eu espero que, talvez ainda não tenham estado em condições de controlar as forças, a resposta, aquela que nós gostaríamos de ter, possa chegar, mas o certo é que não toleraremos que situações de esta natureza continuem a prevalecer', disse Guebuza, acrescentando que, 'como governo, continuaremos a batalhar para que o nosso povo viva tranquilo, não seja intimidado, não viva assustado'. Guebuza negou, porém, as acusações de a Renamo, segundo as quais o governo não tem sido aberto a o diálogo com a oposição. Para Guebuza, a forma como a Renamo **entende** o diálogo não faz sentido nenhum.' Se é que a Renamo, a o falar de diálogo, quer dizer que o governo não aceita aquilo que eles dizem, quer dizer, querem dar ordens para o governo obedecer. Diálogo é troca de impressões, troca de opiniões, de os quais resultam ou não em consenso. Diálogo não é dar ordens a outra parte', sublinhou o chefe de Estado. (CP, <http://www.imensis.co.mz/news/anmviewer.asp?a=24289>)

- (123) A resposta de o Prof. Obama foi a a medida, até menciona Gandhi... juventude africana devia estudar a resposta OBAMA + discurso de Accra-para melhorar África, em suma, mais condições para os desfavorecidos... É um recado, de paz, harmonia, e desenvolvimento sustentado-palavra que não entra em o vocabulário de a maioria de os dirigentes africanos. O vocabulário simples- eu tomo conta... Parecendo-me que me **entendes** um pouco mal, talvez seja necessário clarificar uma coisa. Eu disse o seguinte: "... a juventude moçambicana em o sentido crítico perante os decisores, não vejo outra coisa que ela havia de dizer senão a verdade imagem de a nossa juventude. (CP, <http://comunidademocambicana.blogspot.com/2010/08/que-disse-quiteria-guirengane-no.html>)
- (124) A democracia funciona."verdade que existem muitos problemas sociais. Mas de o ponto de vista político, de o funcionamento de as instituições, de clarividência, de o ideal político, formação de uma Constituição, todos **entendem** o funcionamento de a democracia. Não podemos reduzir a democracia apenas a as eleições. Este exercício de participação, de movimentação social em as ruas e expressar uma opinião é um exercício de democracia que aquele país nunca teve, enquanto esteve em a mão ditatorial. Agora o Egipto não tem instituições consolidadas além de a entidade militar. (CP, <http://desafio.co.mz/index.php/internacional/1639-tenho-a-percepcao-de-que-nao-havera-guerra-civil-no-egipto>)
- (125) A posição de a Renamo, no que diz respeito as eleições, mantem- se a mesma e até agora nada mudou. As questões prévias deixaram de condicionar o diálogo mas, em devido momento, serão atendidas "», disse Macuiane. Em a voz de Macuiane, depois de a soltura de os guerrilheiros de a Renamo detidos em a sequência de os acontecimentos de Munxungue, esta formação **entendeu** que devia dar um passo em frente, pondo de lado as questões prévias para avançar, mas "« que em tempo próprio serão objecto de análise e solucionados "». A questão de fundo, segundo a fonte, é que todo o povo espera resultados e, por essa razão, próxima segunda-feira, vamos fazer a abordagem de a matéria eleitoral orientados em os princípios estabelecidos em o Acordo Geral de Paz (AGP). (CP,<http://comunidademocambicana.blogspot.com/2013/05/dialogo-entre-governo-e-renamo-devera.html>)
- (126) Tomara que não cheguemos a as situações descritas por Gabriel o Pensador em a música "« Cachimbo da Paz "» em que todos os meses em as cadeias brasileiras há presos que tem que ser executados para diminuir a superlotação... Ainda bem que **entendeste** o meu repto; entenda que todos juntos, ainda não fizemos o suficiente, de aí que morram pessoas. A OAM ainda não influenciou políticas prisionais efectivas que diminuam aqueles riscos mas, entenda meu caro, estamos em uma fase de viragem; para isso basta ler ou ouvir o discurso de o bastonário em a abertura de o ano judicial, é a fase de dignificar a profissão e a classe e as coisas continuarão a melhorar até que a OAM consiga influenciar verdadeiramente políticas e formas de estar. (CP, <http://desenvolvermocambique.blogspot.com/2009/03/o-que-se-passa-com-os-advogados.html>)
- (127) A organização vai interceder junto de o Governo norte-americano para evitar que aquele aprove uma lei que imponha sanções económicas a o Zimbabwe. A SADC

considera que o mundo não **está a entender** com a necessária profundidade "« o esforço empreendido por o Governo zimbabweano com vista a a aquisição e distribuição ordeira de a terra "». Esta organização regional também vai tentar mudar a posição de o Governo britânico em o sentido de angariar o maior apoio possível para o programa de reforma agrária em o Zimbabwe, visando contrariar o comportamento hostil de a opinião pública internacional. (CP, <http://www.mol.co.mz/notmoc/000814po.html>)

- (128) Quando descobre que Gustavo está prestes a pegar um avião e sumir em o mundo, Rose não pensa duas vezes: corre até o aeroporto para tentar impedir o amado de viajar. Só que, a o tentar entrar em a sala de embarque, ela é barrada por uma funcionária, que explica que todos os passageiros já embarcaram e o avião já vai decolar. "« Por o amor de São Deus, moça! Você não **tá entendendo!** Eu não posso deixar o amor de a minha vida partir! ", implora a morena. Mas a funcionária se mantém impassível. Nervosa, Rose tenta entrar a a força, mas é impedida por seguranças. (CP, <http://camadegato.globo.com/Novela/Camadegato/Fiquepordentro/0,,AA1709617-17475,00.html>)

Nas sete ocorrências supracitadas, temos o uso do verbo **entender** com sentidos voltados para ações que envolvem processamento mental. Em (122), constatamos o uso de **entender** no sentido de ‘ter ideia clara’ a respeito de algo, ‘compreender’, ‘perceber’. Nesse exemplo, observamos que o falante/escritor critica a forma como a Renamo compreende o diálogo, ou seja, a Renamo apresenta uma compreensão equivocada daquilo que se entende por diálogo, que, para o autor do texto, configura-se como troca de impressões e não “dar ordens à outra parte” como ele julga ser o entendimento da Renamo.

Em (123), o uso de **entender** está associado ao sentido de ‘julgar’, ‘interpretar’. O falante/escritor supõe que não foi entendido adequadamente por seu interlocutor em relação ao que afirmou sobre a juventude moçambicana e busca explicar o seu posicionamento no enunciado seguinte: “... a juventude moçambicana em o sentido crítico perante os decisores, não vejo outra coisa que ela havia de dizer senão a verdade imagem de a nossa juventude”.

Em (124), **entender** tem sentido de ‘compreender’, ‘ter ideia clara sobre algo’. Observamos, no contexto comunicativo, que se trata de uma afirmação em que o falante expressa a ideia de que todos compreendem o conceito de democracia do ponto de vista do funcionamento das instituições e da Constituição.

Em (125), o uso de **entender** está atrelado à acepção de ‘inferir’, ‘deduzir’, ‘depreender’, ‘concluir’. Na situação comunicativa, o falante/escritor parte das palavras de Macuiane para afirmar que, depois da liberação de alguns guerrilheiros, houve uma nova tomada de decisão da Renamo, que chegou à conclusão de “que devia dar um passo à frente” para “avançar” no processo eleitoral.

No exemplo (126), o falante/escritor utiliza o verbo **entender** com o sentido de ‘crer’, ‘achar, ter como verdade, como certo’. Considerando o contexto comunicativo, constatamos que o autor do texto, ao apresentar a situação do sistema prisional e a postura da Ordem dos Advogados de Moçambique (OAM), se sente satisfeito pelo fato de seu interlocutor ter considerado, compreendido sua provocação ao dizer “ainda bem que entendeste o meu repto”. Ou seja, observamos um esforço por parte do falante/escritor para que o seu interlocutor, além de entender o seu posicionamento, alie-se à luta por ele proposta.

Em (127), atribuímos o sentido de ‘perceber, usando inteligência, memória, intuição etc., captar o significado de’. O falante/escritor, ao argumentar em favor do posicionamento da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) a respeito da reforma agrária no Zimbábue, afirma que o mundo não tem compreendido o que o Governo zimbabuano tem feito a respeito dessa questão.

Por fim, em (128), **entender** foi utilizado com o sentido de ‘perceber (intenção, situação, motivo)’. No contexto, o falante, diante de uma situação em que não consegue entrar no avião a tempo, pede ajuda à sua interlocutora, apelando para que ela perceba, compreenda a sua situação ao dizer: “Por o amor de São Deus, moça! Você não **tá entendendo!** Eu não posso deixar o amor de a minha vida partir!”

(b) verbo modal

Como já mencionado, são considerados verbos modais aqueles que denotam as modalidades lógicas do enunciado, ou seja, eles permitem que o sujeito considere a situação expressa pelo verbo principal algo “possível, necessário, uma consequência lógica ou o resultado de uma decisão, conferindo ao enunciado atribuições de ordem objetiva ou subjetiva, como certeza, capacidade, dúvida, hipótese, vontade ou declaração” (Steffler, 2013, p. 28). Para o autor, semelhantemente aos verbos auxiliares, os verbos modais não formam, sozinhos, o predicado da oração; exercem, portanto, sua função em combinação com verbos de sentido pleno no infinitivo.

Ilustramos a seguir o emprego de **entender** como verbo modal encontrado na amostra, nas formas **entende** (129), **entendem** (130) e **entendeu** (131):

- (129) Enquanto laboratório de pesquisa de a École doctorale de science politique de a Universidade Montesquieu-Bordeaux IV e de o IEP, ele está implicado em diversas formações de mestrado e doutorado. O CEAN deseja festejar seu cinquentenário com a realização de um congresso internacional de análise política sobre a África.

Ele não **entende** fazer de isso uma autocelebração, mesmo se, naturalmente, os primeiros cinquenta anos de sua vida se farão presentes. Interrogações consideráveis são necessárias: quem, em esta infância de o século xxi, pode vangloriar-se de compreender esta realidade massiva que é a "« África "» onde quer que ela se encontre -- áreas subsarianas, margens mediterrâneas ou ocidentais de o Atlântico, diásporas e emigrações? (CP, http://www.iese.ac.mz/?blogviewid=4&__target__=)

(130) "« Nós somos guardiães das nossas tradições "», e comprometem-na perante um Estado que está "« ancorado "» a uma organização estatal assente em um "« modelo "» norte-Atlântico importado (Rouveroy van Nieuwaal, 2000 b). É justamente também com este apelo a a "« tradição "», como mostra Franz Benda-Beckman em um de os seus estudos, que os organismos estatais e os funcionários se encontram confrontados sempre que **entendem** implementar projectos de desenvolvimento, recenseamento, alfabetização ou de inovações jurídicas a o nível de a circunscrição político-administrativa de onde as Autoridades Tradicionais são oriundas (1989). (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(131) A lista original de a Renamo foi a que inicialmente fora submetida a a Comissão Nacional das Eleições e ela havia sido elaborada antes de Daviz Simango ser preterido por a liderança de a Renamo. Uma vez Daviz preterido, a Renamo **entendeu** elaborar uma nova lista onde a ordem de a primeira foi alterada de formas que todos os apoiantes de o candidato independente estavam em posições inelegíveis. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

Nos exemplos de (129) e (130), **entender** foi utilizado no sentido de ‘ter intento’, ‘propósito’, ‘tenção de’. Em (129), o falante/escritor declara que o CEAN (Centre d'Étude d'Afrique noire) não pretende fazer do congresso internacional de análise política sobre a África uma autocelebração, embora esse evento tenha sido planejado para marcar o cinquentenário desse centro de estudo. No contexto comunicativo de (130), o autor do texto aponta que, em nome de uma luta para se manter as tradições, os órgãos estatais sentem-se confrontados toda vez que decidem implementar determinados projetos. No exemplo (131), o falante/escritor relata que a Renamo resolveu elaborar uma nova lista de apoiadores após Daviz Simango ter sido preterido pela liderança do partido.

Nesses casos, **entender** é empregado como verbo modal e relaciona-se sintática e semanticamente aos verbos *fazer* (129), *implementar* (130) e *elaborar* (131), sobre os quais se organizam os sintagmas verbais; mais precisamente, nos três exemplos, **entender** expressa modalidade volitiva ao enunciado.

Constatamos que, no *corpus*, o uso de **entender** como verbo modal, atestado nas formas **entende** (129), **entendem** (130) e **entendeu** (131), já representa uma mudança categorial – verbo pleno > verbo modal – de **entender**, que perde *status* lexical e adquire função gramatical de modalização e valor volitivo.

(c) marcador discursivo

Como já explicitado na seção 4 desta dissertação, marcadores discursivos do tipo RAD são marcadores essencialmente interacionais, mas que também se destacam por sua multifuncionalidade, ou seja, sua atuação ocorre tanto no plano interacional quanto no plano textual. No grupo dos RAD, incluem-se algumas formas ou construções originárias de verbos (como é o caso de **entender**) que passam pela trajetória de mudança linguística verbo pleno > marcador discursivo.

Nos excertos de (132) a (137), citamos exemplos de **entender** como marcador discursivo do tipo RAD:

- (132) Mas foi o contrário, me pegou de surpresa. Ele foi o motivador, disse' vai em frente, batalha que você consegue', me motivou bastante. O deputado tem recebido forte pressão para abandonar a presidência de a Comissão de Direitos Humanos de a Câmara. Você acha que ele deve deixar o posto? Acho que não. Ele está lá para defender direitos humanos. Enfim, que seja, de homens, mulheres, homossexuais, qualquer pessoa, **entendeu?** (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)
- (133) O Juvenal, um grande tribalista como toda a Frelimo é, não disse NADA sobre este assunto que é a prisão de os manifestantes e, ponto final. Se ele quer diversão que faça isso em o seu blog e não em o Reflectindo. O professor que nem sei porque achou Juvenal que o devia mencionar aqui, vê- se que por o que ele anda a dizer é simplesmente como frelimista e não como professor. **Entendes?** Esse tal professor se quer discutir TRIBALISMO em Moçambique com bases cientificamente históricos que venha aqui identificado. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)
- (134) Ficou com a oficina por acaso e, entretanto, matriculou- se em o ISPU para fazer gestão de empresas. Concluiu o curso com sucesso e é aqui onde começa a história. Quando este meu amigo se graduou, procurou-me para pedir ajuda. O problema é que ele gostaria de trabalhar! **Está a entender** Professor? Um homem que emprega cerca de 20 pessoas acha que é um desocupado! Custou- me algum trabalho convences- lo de que ele poderia utilizar os conhecimentos que adquiriu em o ISPU para desenvolver a sua oficina, modernizas-la e tornas-la mais competitiva. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)
- (135) Carlos Carvalho e JZ01 disseram uma coisa certa q é biblico, jamais devemos nos esquecer de a Biblia! Apostasia, besta de o apoc 13, apagar a historia d Cristo por isso volto a escrever aqui: o conflito em o oriente medio é mais religioso de o q economico. pq? pq os globalistas satanicos querem apagar a vinda d Cristo, a o destruir o domo de a rocha, construiu o templo d salomão ai voltam a sacrificar animais com isso de a a entender q Cristo não veio pq Cristo veio para morrer por nos e parar os sacrificios d animais **entendem**. e com a guerra vira um dominador

q pora fim a guerra e sera adorado. Estão vendo pq JZ01 esta certo! Tudo esta em a agenda de os globalistas satanicos e tem gente q ainda não viu isso... pois so ficam em a globo e novela futebol e facebook.nada contra mas vamos ser mais expertos ne... (CP, http://ambicanos.blogspot.com/2013/09/a-russia-desmascarou-o-blefe-norte_3194.html)

(136) A mensagem que trago de Moçambique que o mundo esta a ouvir, o disco Kanimambo, não há nada em inglês, quer dizer que aqueles júris só ouviram a música e disseram pessoal' this is beatifull music, seríamos muito estúpidos para não nomear este disco. **Entendeste?** Sinto me orgulhoso um disco moçambicano a ser nomeado em a África=do=Sul com melhor engenharia! Eles ouviram, entenderam, então estamos a começar a exportar. Costumo a dizer a nova geração, que fazemos vídeos bonitos, gastam muito dinheiro. Mas tu consegues ouvir o teu próprio disco, estas a ver!?! (CP, <http://valoie.blogspot.com/2012/08/moreira-chonguica-kanimambo.html>)

(137) Quão inocente e's meu caro! Mais um em a rede. Mytho O Politicamente Incorrecto eu não vejo nada de sabio em essas palavras, ate porque a questão não é o facto de o senhor joão leopoldo ser membro de a frelimo, mas a falsificação de os tais documentos, isso é o que lhe rouba idoneidade para dirigir um processo eleitoral, **entende?** Luis Ah-Hoy Jr.=Só se fôr em a rede de a lucidez, meu caro. E o prob. nunca foi ser de a FRELIMO ou não, mas sim estar identificado e confirmado como alguém que dificilmente agiria com imparcialidade e independência. E o resto, é só lêr o Mytho. (<http://ambicanos.blogspot.com/2013/05/guebuza-aguarda-decisao-de-instituicoes.html>)

Nos exemplos apresentados anteriormente, **entendeu**, **entendes**, **está a entender**, **entendem**, **entendeste** e **entende** exercem o papel de marcador discursivo com a função de requisitar atenção do interlocutor e promover a manutenção da interação. Em (132), (133), (135), (136), (137), percebemos o uso de **entender** de forma isolada e independente sintaticamente; já em (134), o marcador discursivo é constituído por uma construção formada pelo verbo *estar* acompanhado de uma preposição e o infinitivo do verbo **entender**.

Nos exemplos (132) e (133), verificamos que o uso do marcador discursivo como recurso de interação está associado à opinião do falante, como propôs Valle (2001). Em (132), o falante/escritor parece buscar o apoio do interlocutor a respeito do seu posicionamento em relação ao fato de um dado deputado deixar ou não o cargo. Em (133), há uma busca por aprovação discursiva acerca da postura de um certo professor: fica evidente que o falante/escritor sustenta uma opinião negativa no tocante ao dito professor e busca a concordância do seu interlocutor ao fazer uso do marcador **entendes?**.

Já em (134), o autor do enunciado usa o marcador discursivo na tentativa de garantir a compreensão do interlocutor (no caso, o professor) sobre a sua atitude a respeito do amigo que

lhe pediu ajuda e de como ele tenta convencê-lo ao lhe sugerir uma alternativa de trabalho. No contexto comunicativo do exemplo (135), o falante/escritor, ao expor para os ouvintes/leitores, em um discurso religioso, o propósito da morte de Cristo, faz uso do marcador discursivo com o objetivo de checar a compreensão dos interlocutores a respeito da sua explanação. No exemplo (136), o falante/escritor, busca o apoio do interlocutor para a sua declaração a respeito do disco Kanimambo. Em (137), o autor do texto faz uso do marcador discursivo **entende?** tanto para requisitar o apoio do interlocutor ao se mostrar contrário à sua opinião, quanto para checar a sua compreensão ao explicar que o verdadeiro problema está na falsificação de documentos praticada por João Leopoldo e não pelo fato de este ser membro da Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO).

Os exemplos de (132) a (137) servem de evidência empírica da afirmação de Valle (2001; 2014) de que os marcadores discursivos do tipo RAD podem desempenhar distintas funções semântico-pragmáticas. A partir das explicações fornecidas anteriormente, verificamos que, no PM, **entender**, como marcador discursivo, pode ser empregado com as seguintes funções semântico-pragmáticas: (i) focalizar a opinião do falante/escritor (132), (133); (ii) checar a compreensão do ouvinte/leitor (134), (135); (iii) requisitar a aprovação do ouvinte/leitor (136), (137).

Apresentamos, na subseção seguinte, a distribuição quantitativa dos usos de **entender** nos dados examinados do PM.

6.1.1 Usos de entender e gramaticalização no PM: distribuição das ocorrências na amostra

Na pesquisa, tendo desconsiderado seis dados em uma expressão cristalizada (cf. subseção 5.2 da metodologia), partimos da análise de 495 ocorrências de **entender**. Tais ocorrências se encontram distribuídas em três usos (verbos pleno e modal e marcador discursivo), como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos usos de **entender** na amostra

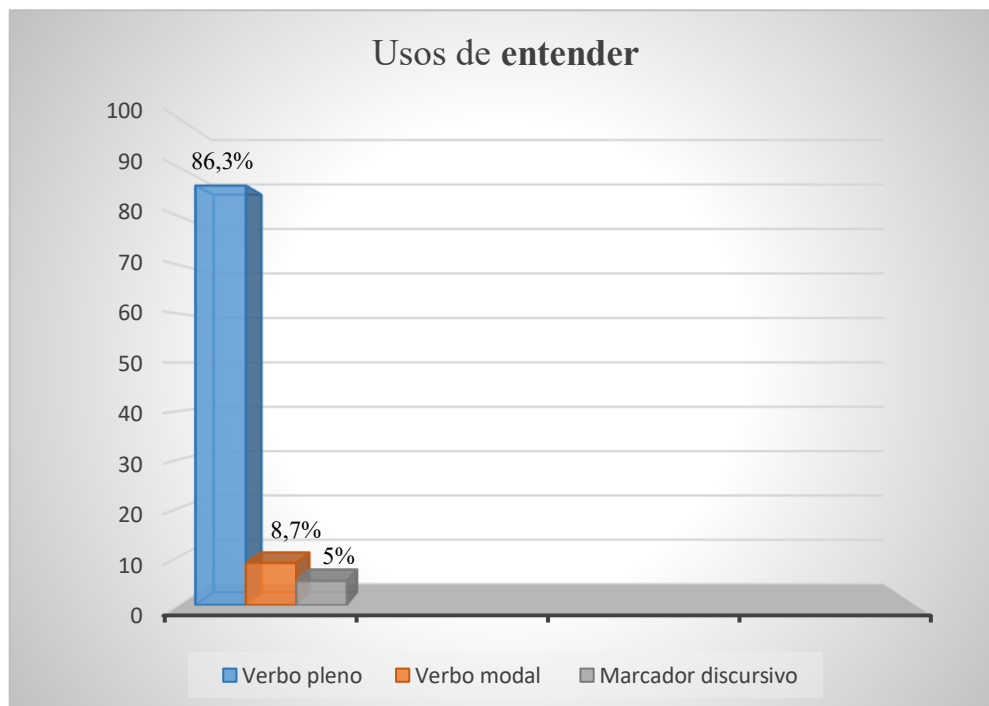
Usos de entender	Verbo pleno	Modal	Marcador discursivo	Total
N	427	43	25	495
%	86,3	8,7	5	100

Fonte: Elaboração própria.

Observando a Tabela 1, constatamos que há o predomínio de uso de **entender** como verbo pleno nos dados do PM: de um total de 495 ocorrências empíricas, 86,3% correspondem a esse uso (cf. exemplo 138). Essa alta frequência de uso talvez seja explicada pela complexidade semântica de **entender** como verbo pleno, isto é, pela sua diversidade de sentidos voltados à cognição (cf. subseção 2.3 desta dissertação). Já os empregos de **entender** como verbo modal e marcador discursivo, que representam diferentes instâncias de gramaticalização, apresentam um percentual baixo de ocorrência na amostra: 8,7% e 5%, respectivamente.

(138) Danito Nhamposse estará em o comando técnico de o Ferroviário de Maputo até final de a presente temporada, colocando- se, desta forma, as especulações que davam a entender que a direcção de o clube estava em o mercado a a procura de um treinador. Nhamposse já trabalha com Victor Magaia e Abdul Abdulá e conta com o apoio de o veterano ponta-de-lança Luís, tendo como meta ainda lutar por o título e ganhar a Taça de Moçambique. Em o final de a época de 2013, Armando Nacir colocava a toalha a o chão e reconhecia que não tinha conseguido fazer o Ferroviário de Maputo ser campeão nacional e que não havia outro caminho, senão seguir outros rumos, para outros desafios. O Ferroviário de Maputo **entendeu** as explicações dadas por o seu técnico e foi imediatamente a o mercado a a procura de o novo treinador para a presente época. De os disponíveis e com currículo em o futebol profissional português, estava Victor Urbano, que havia terminado o seu vínculo contratual com o HCB de Songo e a direcção de este clube não mostrou interesse em renovar-lo. (CP, <http://www.desafio.co.mz/index.php/reportagem/752-danito-nhamposse-vai-orientar-o-ferroviario-ate-final-da-epoca>)

Sintetizamos os resultados obtidos para os usos de **entender** no Gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição dos usos de **entender** no PM (percentuais)

Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos resultados expressos tanto na Tabela 1 como no Gráfico 1, a primeira consideração a ser feita é que, mesmo exibindo percentuais bem mais baixos para os usos gramaticalizados (verbo modal e marcador discursivo) em relação ao uso fonte (verbo pleno), a coexistência desses três usos no PM já ilustra a atuação do princípio da divergência (Hopper, 1991) na gramaticalização de **entender**. Como mencionado na subseção 3.2.1, tal princípio estabelece que, mesmo passando pelo processo de gramaticalização, a forma/construção fonte pode continuar autônoma na língua. É o que verificamos com a permanência do verbo pleno, com altíssimo percentual de ocorrência no PM. Como já mencionado, assumimos, nesta pesquisa, que o verbo pleno é o uso fonte dos demais gramaticalizados em duas diferentes trajetórias: verbo pleno > verbo modal e verbo pleno > marcador discursivo.

A segunda questão a considerar tem a ver com o fato de que os resultados aqui obtidos contrariam um postulado básico da gramaticalização, que estabelece uma correlação entre forma/construção gramaticalizada e aumento de frequência de uso: “a frequência seria um dos principais fatores que contribuem para a gramaticalização, constituindo uma força ativa que impulsiona mudanças que ocorrem nesse processo (cf. Bybee, 1984, 2003)” (Carvalho, 2004, p. 181). A contraevidência do postulado supracitado já foi observada para usos gramaticalizados de verbos no português do Brasil, a saber: *ver*, na construção **vai ver que** como advérbio de

dúvida (Carvalho, 2004); **estar**, no emprego como advérbio de afirmação (**tá, tá certo, tá bom** etc.) e marcador discursivo do tipo RAD (**tá?, (es)tá entendendo?**) (Silva, 2021).

6.2. ATUAÇÃO DE PARÂMETROS LINGUÍSTICOS

Nesta subseção, discutimos os resultados obtidos na análise empírica com base nos parâmetros linguísticos controlados nesta pesquisa: tempo e modo verbais; pessoa gramatical do sujeito; explicitude/omissão do sujeito; contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta; presença e tipo de complemento verbal e tipo de sequência linguística.

6.2.1 Tempo e modo verbais

Como já dito na seção de metodologia, o contexto morfossintático exerce importante influência no processo de gramaticalização. Além de ser considerado fonte desse processo, pode interferir no resultado da forma gramaticalizada. Um dos contextos morfossintáticos considerados nesta pesquisa tem a ver com o tempo e o modo verbais das formas/construções de **entender**. Ao controlarmos esse parâmetro linguístico, buscamos verificar sua relação com os usos de **entender** bem como com o processo de gramaticalização desse verbo no PM.

Na amostra, registramos os usos do verbo **entender** nos seguintes tempos e modos verbais: presente do indicativo, nas formas **entende** (139), **entendes** (140) e **entendem** (141); presente progressivo, nas construções **tá entendendo** (142) e **está a entender** (143); pretérito perfeito do indicativo, nas formas **entendeu** (144) e **entendeste** (145).

(139) Esta nossa maldita mania de querermos falar sempre através de os outros; de usarmos os outros como os mensageiros de as nossas angústias; de acreditar que os outros é que farão o nosso trabalho; que cumprirão com o nosso dever. Em o mundo de a mudez, quem **entende** a lingua de os mudos, vira martir. Todavia, não pretendo com esta observação retirar o mérito a o AZAGAIA. Bravo Azagaia! Porque alguém ha-de pensar que Azagaia não tem merito de pensar e escrever, o ve e o que sente? (CP, <http://circulodesociologia.blogspot.com/2007/11/as-verdades-da-mentira-do-senso-comum.html>)

(140) procure a gênese das presidências abertas/contacto directo entre o líder e os liderados e poderas ter um bom ponto de partida. Aprofunde o teor de descentralização e desconsentração e alie-os a nossa realidade. Não basta a racionalidade, é preciso coerência e conhecimento de causa na abordagem dos assuntos. As vias de acesso são o vector principal para facultar as demais transações entre e intra povos. Logo, perceba quando digo que promessas falsas não enchem barriga, pois, as promessas feitas por Machel são as mesmas que Guebuza fez

ontem. Passados quantos anos? Não estamos a discutir a pessoa e sim a Instituição PR *entendes*? (CP, <https://ambicanos.blogspot.com/2013/06/guebuza-e-os-seus-helicopteros.html>)

- (141) O estabelecimento de um quadro de referências de qualificações em a UEM em direcção a o esforço feito a o nível nacional e a criação de oportunidades de percursos flexíveis de aprendizagem e processos de reconhecimento de aprendizagens anteriores são outros objectivos em a mira de a reforma académica cujo processo é dirigido por Firmino Mucavele. A fonte voltou a negar a existência de desinteligências em torno de a reforma. "« Há opiniões de pessoas que não *entendem* o que é reforma académica "», disse, reiterando que só pode "« criticar o nosso trabalho quem é doutor "». Para ele, só pessoas com aquele grau académico estão habilitadas e em condições de interpelar criticamente a reforma em curso, pois passaram de os três ciclos. (CP, [http://comunidademocambicana.blogspot.com /2009/02/que-se-pretende-com-revisao.html](http://comunidademocambicana.blogspot.com/2009/02/que-se-pretende-com-revisao.html))
- (142) Quando descobre que Gustavo está prestes a pegar um avião e sumir em o mundo, Rose não pensa duas vezes: corre até o aeroporto para tentar impedir o amado de viajar. Só que, a o tentar entrar em a sala de embarque, ela é barrada por uma funcionária, que explica que todos os passageiros já embarcaram e o avião já vai decolar. "« Por o amor de São Deus, moça! Você não *tá entendendo*! Eu não posso deixar o amor de a minha vida partir! ", implora a morena. Mas a funcionária se mantém impassível. Nervosa, Rose tenta entrar a a força, mas é impedida por seguranças. Ela ainda chega a roubar um rádio de a mão de um de eles e tenta se comunicar com Gustavo, em vão. (CP, [http://camadegato.globo.com /Novela/Camadegato/Fiquepordentro/0,,AA1709617-17475,00.html](http://camadegato.globo.com/Novela/Camadegato/Fiquepordentro/0,,AA1709617-17475,00.html))
- (143) Por formação, este meu amigo graduou- se como técnico de mecânica em o Instituto Industrial, após o que trabalhou como Director Oficinal em uma grande empresa de construção civil, de aquelas que acabaram por fechar. Ficou com a oficina por acaso e, entretanto, matriculou- se em o ISPU para fazer gestão de empresas. Concluiu o curso com sucesso e é aqui onde começa a história. Quando este meu amigo se graduou, procurou- me para pedir ajuda. O problema é que ele gostaria de trabalhar! *Está a entender* Professor? Um homem que emprega cerca de 20 pessoas acha que é um desocupado! Custou- me algum trabalho convences- lo de que ele poderia utilizar os conhecimentos que adquiriu em o ISPU para desenvolver a sua oficina, moderniza- la e torna- la mais competitiva. (CP, [http://oficinadesociologia. blogspot.com/2007/02/o-grande-informaldesmoambicaniza-se.html](http://oficinadesociologia.blogspot.com/2007/02/o-grande-informaldesmoambicaniza-se.html))
- (144) Mas é a má-língua que preocupa, pois, repórteres e técnicos de a tal "« espectacular "» andam de costas voltadas com a Família Unida por esta não fazer valer um de os desígnios que diz defender, que é a justiça, sobretudo em o quesito salários e carga horária. Tem repórteres que "« carregam o piano "» mas, a o final de o mês, têm um salário que faz lembrar um suborno, de aqueles que só se levanta de uma vez em o ATM e em o mês seguinte já não há como se lembrar de o PIN. Enquanto isso, outros trabalham com luvas brancas e ganham para férias em o Caribe. Certo adágio reza que " em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão " e vai de aí que, sem fazer barulho, a rapaziada *entendeu* criar uma

frente sindical a a sua maneira, denominada por "« serviços mínimos "» e caracterizada por a troca de peças em o famigerado Jornal da Noite. O pivot ou âncora, que em linguagem televisiva significa jornalista que apresenta o noticiário, com cara simpática anuncia uma peça e o telespectador vê outra. Em o final vem aquele enfadonho pedido de desculpas. (CP, <http://desafio.co.mz/index.php/bula-bula/1440-em-casa-de-ferreiro-espeto-de-pau>)

(145) Mas em todo caso deixo para o irmão Tayeb resolver o que é melhor ser feito em este sentido. Obrigada por a atenção Olá Lay Acho que não *entendeste* o objectivo de a minha critica, ela é de todo em um sentido possitivo. Ou seja, imagina, juntamente com mim, que ês um leitor que vêm a o site, vê um tópico que é interessante, entrar em esse tópico e começa a ler, mas depois começar a verificar que para além de ser um texto muito comprido, têm mais..., o que geralmente acontece, e estou a falar por experiência propria, como se realmente pensares bem, veras que tenho razão, é que o leitor desiste. (CP, <http://myciw.org/forums/archive/index.php/t-616.html>)

Podemos verificar, na Tabela 2, os resultados quantitativos quanto à correlação entre tempo e modo verbais e usos de **entender**.

Tabela 2: Distribuição dos usos de **entender** de acordo com tempo e modo verbais

Usos de entender Tempo e modo verbais	Verbo pleno		Modal		Marcador discursivo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Presente do indicativo	311	72,8	5	11,6	14	56	330	66,7
Presente progressivo	3	0,7	0	0	1	4	4	0,8
Pretérito perfeito do indicativo	113	26,5	38	88,4	10	40	161	32,5
Total	427	86,3	43	8,7	25	5	495	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme demonstra a Tabela 2, verificamos que ocorre uma predominância do presente do indicativo em dois dos usos de **entender** atestados no *corpus*: verbo pleno, com um percentual de 72,8%, e marcador discursivo, com 56%. Já para o uso como modal, observamos um maior percentual de ocorrência do pretérito perfeito do indicativo (88,4% dos dados).

Consideramos que, no que diz respeito aos usos gramaticalizados de **entender**, pode haver uma correlação entre os resultados obtidos para os parâmetros tempo e modo verbais e

tipo de sequência linguística (cf. subseção 6.2.6). Sendo assim, associamos o predomínio do pretérito perfeito (no uso modal) e do presente do indicativo (no marcador discursivo) à sequência linguística que também prevaleceu nesses dois usos, nos dados examinados do PM: sequência narrativa (verbo modal) e argumentativa (marcador discursivo) (cf. Tabela 8).

Esses resultados nos permitem estabelecer uma correlação entre esse parâmetro linguístico e o processo de gramaticalização de **entender**. No que concerne ao emprego como modal (um dos estágios de gramaticalização de **entender**), parece começar a haver uma especialização (Hopper, 1991) do pretérito perfeito do indicativo nesse uso. Quanto ao caso do marcador discursivo, embora esse uso possa estar atrelado aos contextos morfossintáticos de presente progressivo e pretérito perfeito do indicativo, podemos dizer que, no PM, a gramaticalização de **entender** como marcador discursivo tem se instanciado mais no contexto de presente do indicativo, o que pode ser um indício de uma futura especialização (Hopper, 1991) desse tempo verbal. O interessante é que, na amostra, esse é também o tempo verbal em que mais ocorre o uso fonte (verbo pleno) do marcador discursivo.

No que concerne ao parâmetro tempo e modo verbais, podemos dizer que a hipótese de que o uso como marcador discursivo ocorreria mais no presente do indicativo (140) foi confirmada. Exemplos como (140) ilustram contextos comunicativos em que o marcador discursivo do tipo RAD no presente do indicativo (**entendes**) reforça, no momento da interação, a busca, por parte do falante/escritor, de aprovação do interlocutor em relação a algo enunciado: mais especificamente, em (140), busca-se uma adesão quanto ao posicionamento do falante/escritor sobre a discussão que faz a respeito da instituição Presidente da República (PR) e não a figura da pessoa.

Na Tabela 3, expomos os resultados quantitativos referentes às formas/construções de **entender** nos três tempos verbais atestadas no *corpus*.

Tabela 3: Distribuição dos usos de **entender** de acordo com formas/construções relacionadas ao tempo e modo verbais

Usos de entender Forma/construção	Verbo pleno		Modal		Marcador discursivo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Entende	142	33,2	2	4,6	3	12	147	29,7
Entendes	25	6	0	0	10	40	35	7
Entendem	143	33,5	3	7	1	4	147	29,7
Está a entender	2	0,5	0	0	1	4	3	0,6
Tá entendendo	1	0,2	0	0	0	0	1	0,2
Entendeu	103	24	38	88,4	9	36	150	30,3
Entendeste	11	2,6	0	0	1	4	12	2,5
Total	427	86,3	43	8,7	25	5	495	100

Fonte: Elaboração própria

Com base na Tabela 3, podemos constatar que, quanto aos usos de **entender**, há uma distribuição diferente das formas/construções encontradas na amostra: (i) como verbo pleno, temos um maior percentual de **entendem** (141) e **entende** (139): 33,5% e 33,2%, respectivamente; (ii) para o uso como verbo modal, predominou a forma **entendeu** (144), com 88,4% das ocorrências; (iii) em relação ao uso como marcador discursivo, percebemos um maior emprego da forma **entendes** (140), com um percentual de 40%.

No que tange ao resultado obtido para o uso de marcador discursivo, o maior registro de ocorrência para a forma **entendes** confirma, parcialmente, a nossa hipótese de que **entender** como marcador discursivo deveria ocorrer mais com as formas **entende** e **entendes**. Consideramos que o predomínio de **entendes** pode estar relacionado a uma outra característica morfossintática do PM, no caso, a alta frequência do pronome **tu** e de formas verbais associadas a esse pronome.

6.2.2 Pessoa gramatical do sujeito

O segundo parâmetro linguístico considerado na pesquisa, pessoa gramatical do sujeito, também remete ao contexto morfossintático que pode motivar a gramaticalização de uma forma/construção verbal. Na análise dos dados, a partir desse parâmetro, buscamos correlacioná-lo ao processo de gramaticalização do verbo em estudo e evidenciar em qual(is)

pessoa(s) gramatical(is) do sujeito instanciam-se mais os usos gramaticalizados de **entender** como verbo modal e marcador discursivo.

Encontramos, nos dados analisados, usos de **entender** com sujeitos nas seguintes pessoas gramaticais: P2 – segunda pessoa do singular (146); P3 – terceira pessoa do singular (147); P5 – segunda pessoa do plural (148) e P6 – terceira pessoa do plural (149).

(146) Lee Daniels, director de "« Preciosa "» e "« Paperboy "», aproveitou a história de Eugene Allen -- falecido em 2010 a os 90 anos -- para criar um novo personagem, Cecil Gaines, em uma viagem biográfica que vai de os campos de algodão de a Geórgia segregacionista até a eleição de Barack Obama em 2008. Sob o olhar de o personagem plácido, discreto e silencioso ("« *Você não entende nada, não vê nada, apenas obedece* "», escuta em o primeiro dia de trabalho em a Casa Branca) acontece a grande história de a luta de classes de os afro-americanos por os seus direitos civis. Segregação, Freedom Riders, Martin Luther King, os Panteras Negras, grandes manifestações: o filme cita as grandes etapas de o movimento, às vezes com o risco de parecer superficial, mas consegue ancorar o seu discurso em os personagens de carne e osso. (CP, <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/recreio-e-divulgacao/1195-o-mordomo-estreia-com-os-olhos-nos-oscares>)

(147) A o palácio de Hassan, em Rabat, chegou um emissário de os serviços secretos franceses para o avisar de que Khomeini ordenara o rapto de membros de a sua família para os trocar por os seus hóspedes. Ainda que o anfitrião se mostrasse solidário, *Farah Diba entendeu* a gravidade de a situação. "« Era urgente encontrar outro asilo "», afirma em a autobiografia, mas "« todos viraram as costas "». A França recusou, alegando que não podia garantir a segurança de os imperadores caídos em desgraça. O mesmo aconteceu com a Suíça e o Mónaco. O México e o Canadá não responderam. "« Talvez mais tarde "», foi a resposta de os EUA. Margaret Thatcher, que prometera ajudar se ganhasse as eleições, mudou de ideias quando se tornou primeira-ministra, porque "« seria nocivo para os interesses de a Grã-Bretanha "». De as Baamas a o México Hassan II colocou a a disposição de os Pahlavi o seu avião particular, e foi em este que o Xá, a Xabanu e os filhos (Reza, Fahrenaz, Ali-Reza, Leila)? (CP, <http://myciw.org/forums/showthread.php?t=2633>)

(148) O pessoal adora um Lucas e Mateus, Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, etc... Mas também adoram Ivete Sangalo, Adriana Calcanhotto, Ana Carolina... Há IMENSOS brasileiros a viver em o país, principalmente em a província de Tete, onde está instalada a Rio Doce Muitos moçambicanos vão para o Brasil estudar (licenciatura, mestrado ou doutoramento) A nossa pronúncia é um pouco parecida com a de os brasileiros (mais depressa *vocês* nos **entendem** a nós do que a os portugueses!) Nós também falamos "« Oi! ", hehehe Muita gente vai a o Brasil comprar produtos para vender aqui, principalmente roupa, calçado, bolsas e acessórios (ou pensavam que os muambeiros eram só vocês? (CP, http://catlajuca.blogspot.com/2010_10_01_archive.html)

(149) A imundice tomou conta de o município onde o lixo passou a existir a os montões em quase todas as artérias. Reacções em volta de a decisão Pio Matos, edil de

Quilimane A decisão a nível central de esta medida segundo nossas fontes, foi tomada em a última semana de Julho, e mexeu com muitos frelimistas sobretudo os que menos trabalham, que no entanto viveram de receios. *As mesmas fontes entendem* que a medida devia ser extensiva a outros municípios de o País incluindo a alguns governadores provinciais que se mostram inoperantes. Para os membros de a Frelimo que preferiram não ser identificados, o caso de Cuamba "« é o resultado de a imposição de candidatos para certos quadros, ou ainda, a venda de vagas para acomodar esquemas "». (CP, http://quivismo.blogspot.com/2011_08_01_archive.html)

Na Tabela 4, exibimos os resultados quantitativos dos usos de **entender** quanto à pessoa gramatical do sujeito.

Tabela 4: Distribuição dos usos de **entender** de acordo com a pessoa gramatical do sujeito

Usos de entender	Verbo pleno		Modal		Marcador discursivo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
P2 (segunda pessoa do singular)	67	15,7	1	2,3	24	96	92	18,6
P3 (terceira pessoa do singular)	215	50,3	39	90,7	0	0	254	51,3
P5 (segunda pessoa do plural)	8	1,9	0	0	1	4	9	1,8
P6 (terceira pessoa do plural)	137	32,1	3	0,7	0	0	140	28,3
Total	427	86,3	43	8,7	25	5,0	495	100

Fonte: Elaboração própria.

Observando a Tabela 4, notamos que: (i) embora possa ser empregado com todas as pessoas gramaticais registradas na amostra analisada (cf. exemplos de (146) a (149)), o uso fonte de **entender** (verbo pleno) ocorre mais com sujeitos na terceira pessoa do singular (50,3%), como podemos ver em (147) e (150); (ii) os usos gramaticalizados de **entender**, verbo modal (151) e marcador discursivo (152), estão atrelados à terceira pessoa do singular (90,7%) e à segunda pessoa do singular (96%), respectivamente.

(150) [...] Francisco Campira Momboya, líder de o referido grupo, é citado por o jornal Notícias a dizer que o encontro com Dhlakama surge em a sequência de a audiência

por estes solicitada em o âmbito de os esforços que vêm sendo feitos em o país com vista a amainar a tensão político-militar prevalecte e que já provocou a perda de vidas humanas e destruição de bens materiais. "« Também abordamos sobre a desmilitarização de a Renamo, *Dhlakama entendeu* tal necessidade, mas, segundo ele, para que isso ocorra, é necessário que se cumpram os protocolos 4 e 5 de o AGP, nomeadamente sobre a integração de os seus ex-militares em o Exército e em a Polícia que foi feita mas não em a sua totalidade. (CP, [http://comunidademocambicana.blogspot.com /2013/07/dhlakama-condiciona-desmilitarizacao-da.html](http://comunidademocambicana.blogspot.com/2013/07/dhlakama-condiciona-desmilitarizacao-da.html))

- (151) Em a verdade, como é que um comandante que se preze age como agiu em o fatídico 17 de Outubro? Segundo conta o grupo, "« durante o tiroteio de 17 de Outubro de 1979 em a Gorongosa, apercebendo- se de a presença de um tanque militar governamental que ia disparando a torto e a direito, escudando- se os atacantes em o interior de ele, *Matsangaíce entendeu* pegar em uma granada e correr com ela para introduzir- la em a escotilha de aquela máquina, de modo a imobilizar- la. Exactamente em o momento em que ia atirar o engenho para o interior de o tanque, uma bala disparada por um soldado governamental atingiu- o mortalmente "»". (CP, http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/uria_simango/)
- (152) Se como visados, prejudicados por a falta de serviços públicos nos organizarmos como grupo de pressão seríamos mais eficazes do que quando cada um de nós vai atrás de uma audiência, fosse com Vereador fosse com o próprio PCM. Cidadania requer- se. Movimentos cívicos que nasçam em os bairros, em os quarteirões e em a vizinhança mais próxima que pressionem os poderes públicos. *Entendes?* Mutisse Sobre o que tens escrito, please mande ASSINADO se faz favor. Dentro de o espírito de este blog, se for material que pode ser debatido (como já fiz com Elísio Macamo, Obed Khan, Amosse Macamo e muitos outros), sem ataques pessoais gratuitos, não tenha dúvida. Vou publicar. (CP, <http://ideiassubversivas.blogspot.com/2012/03/uando-o-xico-nhoca-toma-o-poder.html>)

Um comentário a ser feito em relação aos resultados obtidos no que diz respeito à pessoa gramatical do sujeito, é que, no PM, existe uma aproximação entre o verbo pleno e o verbo modal quanto ao fato de ocorrerem mais com sujeitos na terceira pessoa do singular.

Os resultados obtidos a partir da análise da pessoa gramatical do sujeito nos dados do PM também nos confirmam que, de fato, esse parâmetro correlaciona-se com o percurso de gramaticalização de verbo pleno para marcador discursivo, revelando em que contexto morfossintático se instanciou a reanálise de **entender** para esse novo uso. Assim, os resultados reforçam o que assumimos, como hipótese, em relação a esse parâmetro: o contexto de segunda pessoa do singular tem motivado a gramaticalização de **entender** para marcador discursivo.

Além disso, conforme já dito na subseção 4.3 deste trabalho, é característica dos marcadores discursivos do tipo RAD a fixação de seus usos na segunda pessoa do singular

(Valle, 2001; Trapp, 2014). Nesse caso, por se tratar de um contexto comunicativo basicamente interacional, o contexto de segunda pessoa do singular influencia diretamente o uso do verbo como marcador discursivo. Nessa direção, diferentemente do que acontece com os outros usos de **entender** – verbos pleno e modal – que não apresentam restrição de pessoa gramatical, podemos dizer que há, quanto a essa propriedade morfossintática, uma decategorização (Hopper, 1991) de **entender** empregado como marcador discursivo voltado para o interlocutor.

6.2.3 Explicitude/omissão do sujeito

Outro parâmetro linguístico levado em consideração neste trabalho foi a explicitude/omissão do sujeito. Na nossa análise, observamos a influência desse parâmetro linguístico em relação aos usos e ao processo de gramaticalização de **entender** no PM e partimos da ideia de que o uso mais gramaticalizado tende a ocorrer com sujeito implícito assim como atestado em Silva (2021) ao analisar a gramaticalização de *estar* na fala popular de Salvador. Nesse trabalho, a pesquisadora atestou que o sujeito implícito favoreceu o uso da forma reduzida de *estar* (*tá*).

No *corpus* analisado, o verbo **entender** foi utilizado com sujeitos explícitos (153) e implícitos (154).

(153) O policial marroquino de a imigração ficou olhando o meu passaporte por uns 5 minutos. Olhava meus vistos, meus carimbos, olhava minha foto e ficava na dúvida de o meu nome. *Ele* não **entendeu** meu sobrenome Brasil. Mas depois ele virou a carimbou em uma de as ultimas páginas. Foi então que uma de as mexicanas se aproximou e pediu para eu tirar uma foto de as duas. Em a verdade tirei umas 4. E depois elas tiraram 3 fotos pra mim. Descobri que elas moravam em Coimbra. Achei muito estranho mas tudo bem. O que duas mexicanas Lésbicas estava fazendo em Coimbra? Nem perguntei, afinal de contas elas não perguntaram o que um brasileiro estava fazendo em Lisboa. (<http://alamut.blogs.sapo.mz/tag/limbo>)

(154) Tu és um insignificante, não és nada. Nunca foste. Não tens olfacto, muito menos tacto para perceberes que eu não sou de aqui, de este chão de merda que pisas todos os dias. -- De onde é que tu és? -- Olha, tu és como Nicodemus, se nem as coisas de a terra **entendes**, como é que vais entender as coisas celestiais? -- Queres- me dizer que tu és celestial? -- Eu sou uma orca. Debaixo de o meu ventre tenho uma quilha que controla este manancial que me habita. Sou um contratorpedeiro. Não tenho medo de nada, nem de ti, seu estúpido! -- Estás a violentar- me! -- A violência não faz parte de a minha formação. (CP, <http://www.charas.co.mz/vozes/37-horada-verdade/26822-no-dia-em-que-fui-fustigado-por-uma-crianca-sincera-temporariamente-cruel>)

Expomos os resultados obtidos quanto ao parâmetro explicitude /omissão do sujeito na Tabela 5.

Tabela 5: Distribuição dos usos de **entender** de acordo com a explicitude/omissão do sujeito

Usos de entender Explicitude/omissão do sujeito	Verbo pleno		Modal		Marcador discursivo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito explícito	314	73,5	36	84	0	0	350	70,7
Sujeito implícito	113	26,5	7	16	25	100	145	29,3
Total	427	86,3	43	8,7	25	5,0	495	100

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados expostos na Tabela 5 evidenciam que, no PM, há: (i) nos usos de **entender** como verbo pleno (153) e modal (155), mais ocorrências de sujeito explícito (73,5% e 84%, respectivamente); (ii) o emprego categórico do sujeito implícito no uso de **entender** como marcador discursivo (156).

(155) A par de o recrutamento de jovens locais, o CDN pretende modernizar as suas operações introduzindo sistemas informáticos que vão permitir que as mercadorias contentorizadas, que representam cerca de 75 por cento de a carga ali manuseada, sejam identificadas sem perdas de tempo e se evite o erro humano. Com recurso a os mesmos meios, pretende-se reduzir a utilização de o papel e, sobretudo, garantir a segurança de as operações financeiras afins. Mas um investimento de cinco milhões de dólares não é suficiente para pôr o Porto de Nacala a funcionar com eficiência e produtividade, por o que *o Governo entendeu* fazer uma intervenção de grande vulto que será consumada através de o investimento de 400 milhões de dólares angariados junto de a Agência de Desenvolvimento do Japão, que está disposta a financiar a reabilitação e ampliação de todo o recinto portuário. (CP, <http://www.snoticias.co.mz/index.php/ultima-hora/896-porto-de-nacala-recria-rotas-para-a-eficiencia>)

(156) não invoque o nome de o sr. professor em vão. Estamos em o período de a Páscoa, respeite as auto-estradas de a bíblia já que em o resto parece ignorar. Eu adoro Mugabe por as mesmas razões que V. adora seus ídolos. Se ele matou, mata, etc., que as autoridades nacionais zimbabweanas o julguem por isso. Mas também não invoque o TPI, porque estes deixam o seu belo filho a "« curtir "» o verão em Texas ou algures depois de provado que agiu com as calças em o joelho. Se a minha sobrinha me mandou "« passear "»? Só se ela fosse escroque. Ainda bem que ela saiu de a toca. Hoje está a a salva. Deve compreender chamuale José que os mísseis de a minha família destroem tudo que fere com a herança e valores de esta. Ø

Entendeu? (CP, <http://oficinadesociologia.blogspot.com/2010/03/tsvangirai-e-mugabe-aliados-contr.html>)

Desse modo, confirmamos a hipótese levantada na pesquisa para o parâmetro explicitude/omissão do sujeito: a de que o uso mais gramaticalizado de **entender** (como marcador discursivo) tenderia a ocorrer mais com sujeitos implícitos. Consideramos que atestar o uso categórico do sujeito implícito para **entender** como marcador discursivo já constituiria uma evidência da decategorização (Hopper, 1991) de **entender** quanto à propriedade sintática de admitir sujeitos explícitos e implícitos. Em outras palavras, o uso como marcador discursivo começa a apresentar uma restrição sintática de uma propriedade do uso fonte de **entender** (como verbo pleno).

6.2.4 Contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta

No que se refere a esse parâmetro linguístico, buscamos atestar, na análise dos dados, a existência de uma correlação entre o contexto interrogativo e a gramaticalização de **entender** como marcador discursivo. Isso porque concordamos com Araujo e Freitag (2010) quando afirmam que as perguntas são recursos que funcionam como estratégias de interação. Além disso, como já foi dito, o processo de mudança de verbo para marcador discursivo do tipo RAD, nos termos de Martelotta e Leitão (1996), inicia-se em um contexto interrogativo pleno, passando por um contexto semirretórico e chegando a um contexto totalmente retórico.

Na amostra, registramos usos do verbo **entender** no PM nos seguintes contextos: (i) não interrogativo (157); (ii) interrogativo com pergunta plena (158), com pergunta semirretórica (159) e pergunta retórica (160).

(157) [...] Nunca me esquecerei de a resposta de um de os meninos, ruivo e muito sardento, que, após alguns instantes de hesitação, respondeu pleno de convicção: "« O que é a cidadania? Cidadania é uma ilha! " *A sua resposta foi objecto de risota entre os colegas e irritou o professor que **entendeu** a resposta como uma brincadeira provocatória de um aluno que se queria fazer de "« engraçadinho "»*. É muito provável que o professor estivesse certo, mas a resposta de a criança fez sentido para mim, já que uma ilha é normalmente associada a um local paradisíaco, encantado, um local onde todos vivem em paz e são felizes... (CP, <http://milrazoes.blogs.sapo.mz/106732.html>)

(158) O escuro ainda chorava: -- Sou feio. Não há quem goste de mim. -- Mentira, você é lindo. Tanto como os outros. -- Então porque não figuro nem em o arco-íris? -- Você figura em o meu arco-íris. -- Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo de o escuro. -- Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós. -- Não

entendo, Dona Gata. -- Dentro de cada um há o seu escuro. E em esse escuro só mora quem lá inventamos. *Agora me entende?* -- *Não estou claro, Dona Gata.* -- Não é você que mete medo. Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos. A mãe gata sorriu bondades, ronronou ternuras, esfregou carinho em o corpo de o escuro. E foram carícias que ela lhe dedicou, muitas e tantas que o escuro adormeceu. Quando despertou viu que as suas costas estavam de as cores todas de a luz. Metade de o seu corpo brilhava, arco-iriscando. (CP, <http://mozindico.blogspot.com/2008/10/o-gato-e-o-escuro-mia-couto-excerto.html>)

- (159) Alguns de os itens contidos em a estrutura de um site e que são tratadas em o web design são as seguintes. Arquitetura de a informação De acordo com o Wikipédia a Arquitetura da Informação é " a arte de expressar um modelo ou conceito de informação utilizados em atividades que exigem detalhes explícitos de sistemas complexos ". *Não entendeu? Tudo bem, eu explico.* De maneira bem simples é a forma de organizar a estruturação de as informações de o site bem como o acesso a elas, muitas pessoas nem percebem mas as informações contidas em uma página de a internet seguem regras de estrutura como posicionamento em a página, proximidade com informações semelhantes ou de igual interesse. (CP, <http://brshift.com/o-que-e-web-design/>)
- (160) Mas antes pesquisei a palavra ' Azanian ' descobri que era relevante, e, não podia intitular o meu álbum de ' South African Song Book ' mas sim ' Azanian ' isto porque constatei que os vários países de a região ou de a África tem um aspecto em comum. As terminações de os nomes de os países por exemplo encontram ' I, A ', Nigéria, Etiópia, Tunísia, Abissínia, Namíbia, Argélia. *Entendes?* E por outro lado países com a letra ' Z ' como Moçambique, Zâmbia, Tanzaniana por ai em diante e achei este aspecto relevante. Como descreves a África=do=Sul em os dias de Hoje? África=do=Sul é um país dinâmico em processo de mudanças que tiveram o seu começo em 1994 antes de a eleição de Nelson Mandela como presidente. (CP, http://valoie.blogspot.com/2009_11_01_archive.html)

Na Tabela 6, mostramos os resultados referentes à correlação entre os usos de **entender** documentados na amostra e o tipo de contexto e pergunta em que esses usos podem figurar.

Tabela 6: Distribuição dos usos de **entender** de acordo com o tipo de contexto e pergunta

Usos de entender Tipo de contexto e pergunta	Verbo pleno		Modal		Marcador discursivo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Contexto não interrogativo	399	93,4	43	100	0	0	442	89,3
Contexto interrogativo com pergunta plena	22	5,2	0	0	0	0	22	4,5
Contexto interrogativo com pergunta semirretórica	6	1,4	0	0	0	0	6	1,2
Contexto interrogativo com pergunta retórica	0	0	0	0	25	100	25	5
Total	427	86,3	43	8,7	25	5	495	100

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados expostos na Tabela 6, observamos que: (i) **entender** como verbo pleno (157) tende a ocorrer mais no contexto não interrogativo (93,4%); (ii) esse contexto é categórico (100%) para o emprego de **entender** como modal (161); (iii) já para **entender** como marcador discursivo (160), há ocorrência categórica do contexto interrogativo com pergunta retórica (100%).

(161) O longo tempo que o partido Frelimo leva em o poder cega- lhe, veda-lhe a visão real de as coisas e endurece- lhe o coração. *Somente com eleições livres, justas, transparentes e sem a perigosa FIR, que sempre sai em socorro de o partido em o poder quando a derrota eleitoral é iminente, podem ser uma solução para o povo se livrar de novos colonos de cor preta e os seus moleques classificam os seus ajudantes em "« patriotas »" e de "« anti-patriotas »" a os que **entendem** seguir outro caminho.* Thursday, 24 January 2013 O nível de a água de o rio Limpopo, em a zona de a cidade de Chókwé, sul de Moçambique, está a dois centímetros de as cheias de 2000, as piores registadas em a história de a região, informou hoje a Direcção=Nacional=de=Águas. [...]. (CP, http://debatesdevaneios.blogspot.com/2013_01_01_archive.html)

Em relação aos demais contextos considerados na pesquisa, devemos observar que, dos três usos de **entender**, o verbo pleno, mesmo com índices percentuais baixos, é o único que também é registrado nos contextos interrogativos com pergunta plena (158) e com pergunta semirretórica (159): 5,2% e 1,4%, respectivamente.

Uma vez que assumimos que, no PM, a gramaticalização de **entender** para MD se dá a partir da trajetória verbo pleno > marcador discursivo, consideramos que os resultados exibidos na Tabela 6 para esses dois usos constituem um forte indício de que o processo de gramaticalização do verbo **entender** se inicia em um contexto interrogativo pleno, passa por um contexto intermediário de pergunta semirretórica e finaliza em um contexto interrogativo totalmente retórico (Martelotta; Leitão, 1996; Freitag, 2007). Nesse caso, **entender** segue a mesma trajetória de outros verbos (por exemplo, **saber**), que também migraram para a categoria de marcador discursivo do tipo RAD, conforme propõem Martelotta e Leitão (1996) ao analisar o verbo **saber** no PB.

6.2.5 Presença e tipo de complemento verbal

Com a mudança categorial de um verbo via gramaticalização, conforme previsto pelo princípio de decategorização (Hopper, 1991), pode haver, na forma/construção gramaticalizada, perda de propriedades sintáticas da forma fonte. Mais especificamente, quanto ao parâmetro presença e tipo de complemento verbal, pode ocorrer uma mudança nas relações sintáticas entre a forma/construção gramaticalizada e os seus constituintes à direita. É nessa perspectiva que a atuação desse parâmetro linguístico tem sido considerada em estudos sobre gramaticalização de verbos (Carvalho; Silva, 2013; Silva, 2021 etc.). Desse modo, ao analisar os dados considerando esse contexto linguístico, buscamos observar se, nas trajetórias de gramaticalização de **entender** (verbo pleno > verbo modal e verbo pleno > marcador discursivo), houve alteração ou restrição na seleção de complemento verbal.

Nos dados examinados, encontramos usos de **entender** com os seguintes complementos verbais: sintagma nominal (162); sintagma preposicionado (163); objeto nulo (164); oração encaixada finita justaposta (165); oração encaixada finita introduzida pela conjunção **que** (166) ou pronomes/advérbios interrogativos (167); oração encaixada não-finita (168) e sem complemento (169).

- (162) Ou somos uma coisa ou outra. Abel Djassi Amado E, como sempre, a tese de o excepcionalismo caboverdiano e apresentado de forma refrataria. Claramente não **entendeu as comparações** -- daí a sua escrita dizer que não existe a logica. O que foi comparado e para mostrar a diversidade de o continente e que não obstante a falta de homogeneidade entre as varias culturas, tal não deve ser o ponto de partida para afirmar que CV não faz parte de Africa. A tese de que somos Cabo Verdianos e so, tem uma longa historia. (CP, http://ambicanos.blogspot.com/2013/06/voces-acham-que-cabo-verde-e-africa_16.html)

- (163) Para o devido adeus, o treinador alemão entendeu que fosse suficiente um "« e-mail "» para Feizal Sidat, ele que também **entende de tecnologias de comunicação**. OBJECTIVOS E SONHO PROIBIDO Quando foi apresentado a os jornalistas em Maputo, em Outubro de 2011, Gert Engels tratou de dizer que mais do que qualificar Moçambique a o CAN ou "« Mundial "», pretendia deixar o país em 2014 com uma selecção ganhadora e respeitada por o continente fora. (CP, <http://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/desporto/1434-fmf-e-gert-engels-divorcio-era-inevitavel>)
- (164) Os arabes pre islamicos tinham o habito de matar crianças de o sexo feminino, já que a mulher não tinha muita utilidade em a sociedade de eles. Quando uma camêla estava perto de dar a luz (por volta de 10 meses), eles faziam festa porque camêlo era sinal de lucro. Após a leitura de todos este texto, você passará a entender o alcorão de forma como nunca **entendeu** Ø, porque eu mesmo levei um tempo para entender todos os processos que o alcorão propõe, e lembre-se: " É impossível que este AlCorão tenha sido elaborado por alguém que não seja Deus. Outrossim, é a confirmação de as (revelações) anteriores a ele e a elucidação de o livro indubitável de o Senhor de os mundos (universo). " [AlCorão10: 37] Confesso que me habituei a gostar de ler o Karls, mesmo que tenha reservas em relação a parte de o que diz. A própria escrita, muito peculiar, é rica. Além de pitoresca, é metafórica e quase poética; e não seca e doutrinária. (CP, <http://myciw.org/forums/showthread.php?t=2566>)
- (165) O projecto Escola Amiga do Género foi concebido por o Fórum da Mulher Africana Educadora (FAWE) e iniciou 1999 em diferentes países de a África nomeadamente Quênia, Ruanda, Senegal, Tanzania, Namíbia, Gâmbia, e Burquina Fasso. *Em esses países, a experiência mostra que o modelo tem melhorado a participação de raparigas em a educação*, **entende** Cristina Tembe, presidente de o Conselho de direcção de a FAWEMO. Com este projecto pretende-se que o ambiente académico, social e fisico incluindo a comunidade circunvizinha de a escola estejam de acordo com as necessidades específicas quer de as raparigas, quer de os rapazes. [...] (CP, <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/2729-ambito-academico-social-e-fisico-secundaria-da-moamba-rumo-a-amiga-do-genero>)
- (166) É justamente aqui onde reside o "« pomo de a discórdia "» que pretendemos aqui analisar e deixar a nossa opinião. Peguemos, por exemplo, o fundamento apresentado por os partidos considerados injustiçados que é o de a alegada falta de previsão legal sobre a possibilidade de rejeição de listas. **Entendem** estes *que a lei somente prevê a exclusão de candidaturas e não de listas inteiras*. Tal argumento é questionável justamente porque o artigo 176 de a lei n.º 7/2007, de 26 de Fevereiro é suficientemente claro quanto a a questão de a rejeição de listas a o estabelecer que findo o prazo referido em os artigos 174 e 175 de a presente lei, se não houver alteração de as listas, o Presidente de a CNE manda afixar a a porta de a Comissão Nacional de Eleições as listas admitidas ou rejeitadas. (CP, <http://vozdarevolucao.blogspot.com/2009/09/os-equivocos-de-certa-oposicao-e-da.html>)
- (167) [...] A obra em causa foi adjudicada a JJR & Filhos, seleccionada através de uma adjudicação directa, isto é, embora se trate de uma obra financiada por fundos

públicos, cujos requisitos de adjudicação es-tão definidos em o decreto 16/2010, o empreiteiro foi seleccionado sem concurso público. A polémica es-trada está a indignar os residentes de o Fomento, que não **entendem** como é que a HCB disponibiliza fundos para a reabilitação de uma estrada que dá acesso a a casa pessoal de o ministro de um governo que diz que o país é pobre. É verdade que a estrada também nos beneficia, mas este tipo de ati-tudes é condenável. [...] (CP, <http://ambicanos.blogspot.com/2013/06/a-deriva.html>)

(168) [...]Procurado por o UOL, o banco não quis se manifestar sobre o caso. Gerente tenta reintegração há oito anos O funcionário tenta a reintegração desde a sua dispensa, em 2005. Em a reclamação trabalhista, julgada em 2008 por a 26ª Vara do Trabalho de São Paulo, o juiz **entendeu** ter havido discriminação de o Bradesco, devido a o fato de o bancário ser soropositivo, e mandou reintegrar- lo. Já o TRT (Tribunal Regional de o Trabalho) de a 2ª Região (SP) considerou que o fato de a rescisão se dar em o mesmo dia ou três dias após o Bradesco ter tido conhecimento de a doença não era significativo. [...] (CP, <http://redevihsidanoticias.cidadaosdomundo.org/?p=39784>)

(169) Em aqueles palcos vi os K10, o Moreira Chonguissa, Ivan Mazuze entre outros despontarem. Desde então nunca mais ví um show de esta banda, hoje, alguns de os elementos que a compunham ja saíram, sinceramente esse é um de os motivos por os quais nunca mais os fui a os shows (se bem que fazem muito poucos), é que prefiro ficar com aquela imagem de eles em os tempos áureos **entendes?** Agora vendo o teu post, e de a forma aliciante como nos convidas a ir sei lá... deu uma vontade... Amigo Mutisse, odeio quando andamos em esta de concordar um com o outro, porém, não posso mudar os factos em nome de a contradição. (CP, <http://modaskavalu.blogspot.com/2009/02/ha-ghorwane-amanha-na-rua-de-arte.html>)

Apresentamos os resultados obtidos para o parâmetro presença e o tipo de complemento verbal na Tabela 7.

Tabela 7: Distribuição dos usos de **entender** de acordo com a presença e o tipo de complemento verbal

Usos de entender Presença e tipo de complemento verbal	Verbo pleno		Modal		Marcador discursivo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sintagma nominal	210	49,1	0	0	0	0	210	42,4
Sintagma preposicionado	10	2,4	0	0	0	0	10	2
Objeto nulo	38	8,9	0	0	0	0	38	7,7
Oração encaixada finita justaposta	3	0,7	0	0	0	0	3	0,6
Oração encaixada finita introduzida por conjunção integrante ou pronome/advérbio interrogativo	151	35,4	0	0	0	0	151	30,5
Oração encaixada não- finita	15	3,5	43	100	0	0	58	11,7
Sem complemento	0	0	0	0	25	100	25	5,1
Total	427	86,3	43	8,7	25	5	495	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme os resultados explicitados na Tabela 7, observamos que, no uso como verbo pleno, há ocorrência dos seis tipos de complementos verbais atestados na amostra (de (162) a (169)), com um maior registro do tipo sintagma nominal (162), o qual apresentou a frequência percentual de 49,1%. Em seguida, temos o uso como verbo modal (170) em que a presença de complemento restringe-se a um único tipo – a oração encaixada não-finita (100% dos dados). O emprego como marcador discursivo (169) ocorre categoricamente sem complemento (100%).

(170) [...] O Governo, segundo Pacheco, levou de novo a mesa a questão de o desarmamento de a Renamo como elemento prévio, como medida que vai levar a eliminação de incidentes como é o caso de os ataques protagonizados por os homens armados de este partido em Sofala que já resultaram em a morte de inocentes e destruição de bens, para além de atentarem contra as liberdades individuais. "« O Governo tem amor a vida por isso **entendeu trazer este ponto de novo a debate** »", adiantou Pacheco, vincando que o Executivo reiterou a disponibilidade de o

Presidente Guebuza em se reunir com o líder de a Renamo, em Maputo. (CP, <http://www.folhademaputo.co.mz/001.aspx?dqa=0:0:4104:2:0:0:-1:0:0>)

Podemos dizer que os resultados supracitados servem de evidência da atuação do princípio da decategorização (Hopper, 1991) na gramaticalização de **entender**, uma vez que, no percurso desse processo, **entender**, nos seus novos usos, foi perdendo propriedades morfossintáticas. Como modal, conforme já mencionado, passa por uma restrição sintática quanto ao tipo de complemento verbal. No uso como marcador discursivo (considerado o uso mais gramaticalizado de **entender**), percebemos a perda do atributo sintático de subcategorizar complemento, o que confirma a hipótese aventada na seção 5 deste trabalho de que, com o uso de **entender** como marcador discursivo, ocorreria restrição em relação ao complemento verbal.

6.2.6 Tipo de sequência linguística

No que concerne a esse parâmetro, analisamos os empregos de **entender** de acordo com o tipo de sequência linguística, que, como já mencionado, tem sido considerado, na literatura linguística (Rost, 2002; Freitag, 2012) de fundamental importância para trabalhos que analisam processos de mudança linguística, em especial aqueles relacionados ao âmbito discursivo.

Nos dados do PM, identificamos usos de **entender** em sequências narrativas (171), descritivas (172), expositivas (173), argumentativas (174), injuntivas (175) e conversacionais (176).

(171) Sr Manuel entendia logo e logo tratava de entregar o produto e corrigir a o Madala Ernesto. "« oh Ernesto, isto chama- se castanho, açúcar castanho "». Ernesto agradecia a explicação e como sempre a guardava em seu dicionário interior. Se todos os brancos fossem como o sr Manuel, ele nem teria pensado em pegar em armas. *Mas quando chegou a guerra civil Madala Ernesto teve de fugir, a guerra foi renhida, quase nada sobrou de a antiga Mercearia e o Sr Manuel foi obrigado a fugir para o seu País. Foram 16 anos de sangue e gritos de dôr em Moçambique. Desta vez ele não **entendeu** o motivo de a Guerra, antes eles lutavam contra um estrangeiro, mas depois era de irmão contra irmão, lutando por sei lá o quê. O pouco que havia em Moçambique foi destruído, até que se chegou a uma fase crítica, a fase de o peixe e repolho, não havia mais nada em o país além disso e isso era luxo.. [...] (<http://www.noticias.mozmaniacos.com/2012/05/o-sabor-da-ingratidao.html>)*

(172) A pobreza cola- se- lhe a a pele, mas nunca a o sorriso. A sua fortuna cabe inteirinha em uma caixinha de lata azulcelestes, "« Milgro "» inscrito a dourado, onde arrecada notas e moedas. *Nasceu camponesa em uma localidade em o interior de Manjakaze (Gaza), mas é em Maputo onde vive. Não sabe ler, caderno e caneta*

são pedaços de vida que não entende. Estranha os jovens, o barulho, os assuntos, as roupas... O seu mundo pertence a outros costumes. "« Tsh! Massinguito! ", fecha os olhos a o ver uma jovem com uma saia relativamente curta, não se acostumou ainda a as excentricidades de o século XXI. Às vezes, confessa pensamentos a os cereais, conversa de velhos, coisas de atrasados. (CP, <http://www.meusalario.org/mocambique/main/campanha-meu-salario/o-salario-e-a-vida>)

- (173) Ainda assim, Deus pode rejeitar- los. Nem mesmo Maomé sabia ao certo se Alá iria admitir- lo a o paraíso (Surata 46:9; Hadith 5,266). *Uma Avaliação de o Islamismo Em relação a o Cristianismo, o Islamismo tem algumas semelhanças, mas também diferenças significantes. Assim como o Cristianismo, o Islamismo é monoteísta. No entanto, os muçulmanos rejeitam o conceito de a Trindade -- ou seja, que Deus se revelou como um em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. O Islamismo clama que Jesus era apenas um profeta -- não o filho de Deus. Os muçulmanos acreditam que Jesus, embora nascido de uma virgem, foi criado como Adão. Muitos muçulmanos não acreditam que Jesus morreu em a cruz. Eles não **entendem** por que Alá permitiria que o Seu profeta Isa (a palavra islâmica para "« Jesus ") sofresse uma morte torturante. Contudo, a Bíblia mostra como a morte de o Filho perfeito de Deus foi fundamental para pagar por os pecados de os crentes (Isaías 53:5-6, João 3:16, 14:6, 1 Pedro 2:24). O Islamismo acredita que o Corão seja a autoridade final e a última revelação de Alá. [...]. (CP, <http://www.cristao.mocambicano.net/2012/05/o-islao-e-biblia.html>)*
- (174) Ainda não entendi a sua posição em relação a Jesus: Ele é um profeta ou filho de Deus? Se ele não foi o filho de Deus a sua postura seria buscar provas fora de a bíblia, assim seria mais coerente. Erivelton 11-08-2007, 21:56 Ainda não respondeu a "« pergunta essencial "». Onde diz Jesus em a Bíblia que ele é Deus? Já dei alguns exemplos Oh erivelton, o que é uma coisa tem haver com outra? Tente falar sem misturar as coisas. *Não estou misturando, voce não **entendeu** meu ponto de vista. Como disse, não estou aqui para pregar minha doutrina e sim para entender porque os islâmicos não acreditam que Jesus seja o filho de Deus. Será que Deus revelou isto para maomé? Se revelou milhões de cristãos estão sendo enganados. Não acham?: revirando: Tayeb 11-08-2007, 22:23 Ainda não respondeu a "« pergunta essencial "». Onde diz Jesus em a Bíblia que ele é Deus? Já dei alguns exemplos Oh erivelton, o que é uma coisa tem haver com outra? Tente falar sem misturar as coisas. (CP, <http://myciw.org/forums/archive/index.php/t-1375.html>)*
- (175) Tudo o que você disser, será usado para formular uma opinião a seu respeito. Prepare- se para responder as seguintes perguntas: O que é que sabes sobre esta empresa / organização? É muito importante que você investigue sobre a empresa. Saiba qual é a sua missão, seus valores, os produtos / serviços que vende e como vende. *Entre em o website leia e tente escrever com suas próprias palavras o que você **entendeu** e volte para o site e verifique a informação. Se puder, vá a empresa antes de a entrevista, peça informações sobre a empresa ou telefone e faça perguntas informativas. Ir a entrevista em uma empresa que você nada sabe sobre ela reduz consideravelmente as suas chances de se dar bem; Porque é que se candidatou a esta vagas? A resposta a esta pergunta não deve ser "« porque estou a procura de emprego "». (CP, <http://martamadeirarh.blogspot.com/2011/06/o-que-esperar-numa-entrevista-de.html>)*

(176) O escuro ainda chorava: -- *Sou feio. Não há quem goste de mim. -- Mentira, você é lindo. Tanto como os outros. -- Então porque não figuro nem em o arco-íris? -- Você figura em o meu arco-íris. -- Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo de o escuro. -- Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós. -- Não entendo, Dona Gata. -- Dentro de cada um há o seu escuro. E em esse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me **entende**? -- Não estou claro, Dona Gata. - - Não é você que mete medo. Somos nós que enchemos o escuro com nosso medos.* A mãe gata sorriu bondades, ronronou ternuras, esfregou carinho em o corpo de o escuro. E foram carícias que ela lhe dedicou, muitas e tantas que o escuro adormeceu. (CP, <http://mozindico.blogspot.com/2008/10/o-gato-e-o-escuro-mia-couto-excerto.html>)

Na Tabela 8, explicitamos os resultados obtidos para a correlação entre usos de **entender** e tipo de sequência linguística.

Tabela 8: Distribuição dos usos de **entender** de acordo com o tipo de sequência linguística

Usos de entender / Tipo de sequência linguística	Verbo pleno		Modal		Marcador discursivo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Narrativa	71	16,6	21	48,9	3	12	95	19,2
Descritiva	11	2,6	1	2,3	0	0	12	2,4
Expositiva	187	43,8	17	39,5	2	8	206	41,6
Argumentativa	142	33,2	4	9,3	17	68	163	32,9
Injuntiva	8	1,9	0	0	2	8,0	10	2
Conversacional	8	1,9	0	0	1	4	9	1,8
Total	427	86,3	43	8,7	25	5	495	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme apontam os resultados expostos na Tabela 8, podemos fazer algumas observações. A primeira delas é que, embora o uso de **entender** como verbo pleno possa ocorrer nos seis tipos de sequência linguística registrados na amostra (cf. exemplos de (171) a (176)), evidencia-se um percentual maior (43,8%) da sequência expositiva (173). Já no uso como verbo modal (177), observamos que há uma predominância da sequência narrativa, com um percentual de 48,9%. Por fim, destacamos que, no uso como marcador discursivo (178), predominou a sequência argumentativa, com a frequência percentual de 68% das ocorrências.

(177) Trata-se de Amina João Amade, de 31 anos de idade, natural de Metocheria, distrito de Monapo, mãe de seis filhos, que vai ser julgada hoje em o Tribunal Judicial distrital de Monapo, em a província de Nampula, por ter infligido com graves queimaduras a os referidos seus filhos como forma de repreensão por se terem "« atrevido "», sem o seu consentimento, colhido um bocado de amendoim de a machamba localizada próximo de a casa afim de aliviarem a fome que os apoquentava em a altura. *O caso ocorreu, concretamente, em a localidade de Nacololo, em o passado dia 10 de Março, em que Amina Amade **entendeu**, amarrar as mãos de os referidos filhos menores, os quais, entretanto, viriam a confirmar ter, de facto, retirado uma pequena porção de amendoim de a tal machamba para aliviarem a fome que os apoquentava em uma altura em que os pais se encontravam distantes.* Depois de nos queimar as mãos, a mamã pôs-nos fora de a casa, onde permanecemos bandonados e sem qualquer espécie de tratamento hospitalar durante quatro dias. (CP, <http://www.recac.org.mz/por/Actividades/Noticias/Mae-que-queimou-as-maos-de-dois-filhos-vai-hoje-a-julgamento>)

(178) Meu caro Anónimo, Eu não tenho problemas com o número de Vereadores que o PCM de a Matola exonera. O meu problema está em os resultados que devem ser alcançados. Para que fosse nomeado e tomasse posse alguém foi exonerado. *A análise que deve ser feita é: o que é que mudou desde que entrei até que sai? Outros farão essa análise; diria o mesmo em as actividades económicas, em as obras, em as finanças etc.. Como estavam as coisas e como ficaram depois de a saída de essas pessoas? Quando comparados o antes e o depois de a exoneração de uma pessoa, o que é que releva mais? Aspectos negativos ou positivos? Pensar de outra forma sobre o que refiro acima pode ter o condão de reduzir pessoas sem analisar o seu trabalho. **Entendes?** Também, não pode achacar todas as saídas a o PCM.* (CP, <https://ideiassubversivas.blogspot.com/2012/03/quando-o-xico-nhoca-toma-o-poder.html>)

Ao analisar os dados considerando o parâmetro tipo de sequência linguística, o nosso objetivo era de observar a correlação entre o contexto linguístico e os usos de **entender**. O resultado obtido para o uso de **entender** como marcador discursivo confirma a nossa hipótese de que o contexto argumentativo favorece esse uso, como já foi atestado em trabalhos como o de Valle (2001).

6.2.7 Síntese dos resultados

Ao empreender a análise dos dados do PM para a descrição dos usos de **entender**, pretendíamos responder, entre outras questões de pesquisa, a seguinte: quais contextos linguísticos motivam a gramaticalização de **entender** no PM? Após ter discutido os resultados da análise conforme cada parâmetro linguístico considerado na pesquisa, sintetizamos, no Quadro 4, os contextos em que mais ocorrem os usos de **entender** na variedade em estudo.

Quadro 4: Contextos em que mais se instanciam os usos de **entender**

Parâmetros de análise	Contextos em que mais se instanciam os usos de entender		
	VERBO PLENO	VERBO MODAL	MARCADOR DISCURSIVO
Tempo e modo verbais/Forma ou construção	Presente do indicativo / entendem; entende	Preterito perfeito do indicativo / entendeu	Presente do indicativo / entendes
Pessoa gramatical do sujeito	P3	P3	P2
Explicitude/omissão do sujeito	Explícito	Explícito	Implícito
Contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta	Não interrogativo	Não interrogativo	Interrogativo com pergunta retórica
Presença e tipo de complemento verbal	Sintagma nominal	Oração encaixada não-finita	Sem complemento
Sequência linguística	Expositiva	Narrativa	Argumentativa

Fonte: Elaboração própria.

Com base no Quadro 4, podemos observar que os usos de **entender** – verbo pleno, verbo modal e marcador discursivo – atestados no PM ora se aproximam, ora apresentam comportamento distinto no que diz respeito aos seis parâmetros de análise controlados na pesquisa.

Quanto ao tempo e modo verbais, verificamos que os usos de **entender** como verbo pleno e marcador discursivo instanciam-se mais no presente do indicativo; a divergência está nas formas mais empregadas: **entendem** e **entende** (verbo pleno) e **entendes** (marcador discursivo).

Em relação à pessoa gramatical do sujeito, constatamos que **entender** como verbos pleno e modal tendem a ser mais empregados com sujeitos de terceira pessoa do singular enquanto o uso como marcador discursivo tende a ocorrer mais contexto de segunda pessoa do singular.

Quanto ao parâmetro explicitude/omissão do sujeito, observamos que, mais uma vez, há uma convergência entre os verbos pleno e modal ao figurarem mais em sentenças com sujeitos explícitos. Inversamente, no uso como marcador discursivo, só há ocorrência de sujeito implícito.

No que concerne ao tipo de contexto e pergunta, verificamos que prevalece o contexto não interrogativo nos usos de **entender** como verbos pleno e modal. Já no uso como marcador discursivo, predomina o contexto interrogativo com pergunta retórica.

Quanto ao tipo de complemento, notamos a predominância do sintagma nominal no uso de **entender** como verbo pleno, enquanto no uso como modal, o verbo **entender** seleciona como complemento a oração encaixada não-finita. Já o uso como marcador discursivo não seleciona nenhum tipo de complemento, comprovando, assim, o pressuposto de que o uso mais gramaticalizado tende a sofrer restrições quanto à seleção de complemento.

No que se refere ao contexto de sequência linguística, nos usos de **entender** no PM, evidenciamos o predomínio de sequências linguísticas diferentes: a sequência expositiva para o uso como verbo pleno; a sequência narrativa para o uso como modal; a sequência argumentativa para o uso como marcador discursivo.

Dos comentários feitos anteriormente, podemos perceber que os contextos linguísticos relativos à pessoa gramatical do sujeito, à explicitude/omissão do sujeito e ao contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta sinalizam convergências entre os empregos de **entender** como verbos pleno e modal, usos fonte e gramaticalizado, respectivamente. No entanto esses usos exibem um padrão distribucional distinto quando se trata do tempo e modo verbais, do tipo de complemento verbal e da sequência linguística mais empregados.

No que diz respeito aos parâmetros correlacionados ao uso como verbo modal, verificamos que **entender** é mais empregado no pretérito perfeito do indicativo (na forma **entendeu**), com sujeito explícito na terceira pessoa do singular (P3), em contexto não interrogativo, com oração encaixada não-finita como complemento e em sequências narrativas.

O uso como marcador discursivo só se aproxima do verbo pleno quanto ao fato de ser mais instanciado no contexto do presente do indicativo. Diverge de **entender** como verbos pleno e modal em todos os outros contextos linguísticos. Os contextos atrelados ao presente do indicativo (na forma **entendes**), a sujeito implícito na segunda pessoa do singular (P2), ao contexto interrogativo com pergunta retórica, a não subcategorização de complemento verbal e a sequência argumentativa configuram-se como aqueles em que mais ou só se instancia o uso mais gramaticalizado de **entender** (marcador discursivo), o que também evidencia uma decategorização (Hopper, 1991) desse uso.

6.3 O VERBO ENTENDER: USOS E POSSÍVEIS TRAJETÓRIAS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Levando em conta os usos atestados nos dados do PM, consideramos que, na gramaticalização do verbo **entender**, há duas trajetórias de mudança categorial: (i) verbo pleno > verbo modal; (ii) verbo pleno > marcador discursivo. Em outras palavras, em consonância com Braga e Paiva (2003, p. 211), em nossa proposta, admitimos que “uma mesma forma-fonte pode dar origem a duas trajetórias diferentes de gramaticalização”. Assim, teríamos um caso de poligramaticalização, como já evidenciado para outros verbos no PB: **deixar** (Pinto, 2011) e **acabar** (Travaglia, 2007)⁴⁵.

Na primeira trajetória (verbo pleno > verbo modal), verificamos uma mudança de **entender** item lexical para item gramatical, a qual indica uma reanálise dentro da categoria de verbo. Essa trajetória ilustra os dois primeiros estágios do *cline* de gramaticalização proposto por Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 103): item lexical de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional. Como verbo modal (179), **entender** perde *status* lexical e adquire função gramatical e valor volitivo.

- (179) Em pânico generalizado, as populações trocaram a noite por o dia e, empunhando apitos, catanas, varapaus e até enxadas e machados, protagonizando autênticas operações de caça a os criminosos anónimos. "« Grupo Vinte "» ou simplesmente "« G20 "» é a denominação que a população **entendeu** atribuir a os protagonistas de o ambiente que se vive em as cidades de Maputo e Matola, com principal incidência para os bairros suburbanos, onde até então se convivia com pequenos furtos de fundo de quintal, roubo de piscas, espelhos e baterias de viaturas, entre outros fenómenos menores. Entretanto, e num ápice, a partir de o mês passado, Julho, a criminalidade começou a assumir contornos de puro terrorismo, com masoquismo a a mistura pois, os criminosos arrombam portas e janelas, introduzem- se em as residências empunhando armas. (CP, <http://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/ultima-hora/1731-caca-aos-engomadores-na-matola-e-maputo>)

No que se refere ao percurso de gramaticalização de **entender** para verbo modal, observamos uma relação com a trajetória de gramaticalização proposta por Lehmann (1988), que, ao considerar o parâmetro gramaticalização do verbo principal, propõe o seguinte percurso: verbo lexical > evidencial > modal > auxiliar > afixo derivacional / gramatical. Assim, o uso de **entender** como modal nos dados do PM pode ser posicionado no terceiro ponto desse

⁴⁵ Conferir os exemplos desses verbos apresentados na subseção 4.1 deste trabalho, que trata da gramaticalização de verbos.

continuum. No caso da gramaticalização de **entender**, devemos ressaltar, no entanto, que a mudança se deu de verbo lexical para modal, sem passar pelo estágio de verbo evidencial.

A nossa hipótese para a emergência de **entender** modal com valor volitivo é que o processo de gramaticalização se deu a partir de uma projeção metafórica: ter conhecimento > ter intento de. Consideramos que, quando temos o intento de/decidimos fazer algo, faz-se necessário ter algum tipo de conhecimento para isso. Para confirmarmos essa hipótese, seria preciso fazer um estudo diacrônico que permitisse observar e mapear os estágios dessa mudança, uma vez que, como lembram Gonçalves et al. (2007b, p. 93, grifo nosso), a metáfora é um mecanismo “de natureza cognitiva que consiste na projeção, **em passos discretos**, de significados de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato”.

No segundo *continuum* (verbo pleno > marcador discursivo), constatamos, conforme explicado na seção 3 desta dissertação, uma mudança do nível representacional (de referência a dados do mundo bio-psíquico-social) para o interpessoal (“que engloba as expressões [...] cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora o seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso”) (Martelotta, 2011, p. 90). Como marcador discursivo do tipo RAD (180), (181), **entender**, empregado no nível interpessoal, apresenta, entre outras, a função de checar a compreensão do ouvinte/leitor na interação comunicativa. Nesse caso, a gramaticalização incide tanto em formas (180) como em construções (181) com **entender**.

(180) O anónimo que pensa que solução é diálogo, porque não vai para Muxunguè para trazer- nos o resultado militar? Há muito que eu disse que tu só escreves e escreverás em anonimato porque reconheces que só escreves asneiras. És um fantoche de tal sorte que não podes um dia te identificares e falares essa baboseira em frente de um moçambicano com cabeça. Esses militares, agentes de a polícia que morrem em Muxunguè em defesa de os TEUS interesses são filhos de seus pais, maridos de as suas mulheres, pais de seus filhos. **Entendes?** Deixa de entregar- los a a morte quando tu andas aqui a abusé- los usando anonimato. Ainda este tipo diz que o seu problema é o MDM. O que o MDM fez? Há algum de o MDM em esse conflito armado? O que o tipo deve estar a dizer é de que faz parte de o grupo que está a mobilizar este conflito pensando que só assim é que vai continuar a sugar as riquezas de o país. Meu caro anónimo, eu admito ser maluco, como alegas. Contudo, gozo de uma lucidez em o pensamento. (CP, <https://comunidademocambicana.blogspot.com/2013/08/forcas-armadas-e-homens-da-renamo.html>)

(181) Por formação, este meu amigo graduou- se como técnico de mecânica em o Instituto Industrial, após o que trabalhou como Director Oficinal em uma grande empresa de construção civil, de aquelas que acabaram por fechar. Ficou com a oficina por acaso e, entretanto, matriculou- se em o ISPU para fazer gestão de

empresas. Concluiu o curso com sucesso e é aqui onde começa a história. Quando este meu amigo se graduou, procurou-me para pedir ajuda. O problema é que ele gostaria de trabalhar! **Está a entender** Professor? Um homem que emprega cerca de 20 pessoas acha que é um desocupado! Custou-me algum trabalho convencê-lo de que ele poderia utilizar os conhecimentos que adquiriu em o ISPU para desenvolver a sua oficina, modernizá-la e torná-la mais competitiva. E que qualquer emprego que ele pudesse arranjar, sempre lhe pagaria menos do que os rendimentos que obtem de a oficina. (CP, <http://oficinadesociologia.blogspot.com/2007/02/o-grande-informal-desmoambicaniza-se.html>)

Com a gramaticalização de **entender** para marcador discursivo, observamos, com base em Freitag (2007), que ocorreu uma trajetória de mudança de pergunta plena > pergunta retórica. A respeito dessa trajetória, Martelotta e Leitão (1998 apud Görski; Valle, 2013) “sugerem que a ocorrência de **entendeu?**, sem resposta direta do interlocutor, evidenciaria um ponto intermediário de abstratização entre pergunta plena e marcador” (Görski; Valle, 2013, p. 115). Ressaltamos que esse mesmo processo é descrito por Martelotta e Leitão (1996) em um estudo sobre o verbo **saber** em que analisam o processo de abstratização desse verbo para marcador discursivo. Os autores propõem uma trajetória que vai de um contexto totalmente interrogativo, passando por um estágio intermediário de contexto semirretórico a um contexto interrogativo totalmente retórico.

Neste trabalho, assumimos, com Freitag (2007), Martelotta e Leitão (1996, 1998 apud Görski; Valle, 2013), que **entender**, no seu processo de gramaticalização de verbo cognitivo para marcador discursivo, passou pela seguinte trajetória de gramaticalização: pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica. Ilustramos, em (182), (183) e (184), um exemplo dessa trajetória com o verbo **entender**, na forma **entendeu?**:

(182) Explica pra esse garoto o que é ressurreição pra eu poder ler o meu jornal. -- Bom, meu filho, ressurreição é tornar a viver após ter morrido. Foi o que aconteceu com Jesus, três dias depois de ter sido crucificado. Ele ressuscitou e subiu a os céus. **Entendeu?** -- *Mais ou menos...* Mamãe, Jesus era um coelho? -- Que é isso menino? Não me fale uma bobagem de essas! Coelho! Jesus Cristo é o Papai do Céu! Nem parece que esse menino foi batizado! Jorge, esse menino não pode crescer de esse jeito, sem ir em uma missa pelo menos a os domingos. Até parece que não lhe demos uma educação cristã! Já pensou se ele solta uma besteira de essas em a escola? Deus me perdoe! Amanhã mesmo vou matricular esse moleque em o catecismo! (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

(183) Algo como é isso e pronto não me agrada, acho que tudo tem a sua resposta e se o profissional é tão qualificado e informado o suficiente, ele saberá explicar o porquê de aquilo. Além disso, é muito melhor você explorar o aprender do que aprender sem aprender. Não **entendeu?** Imagine-se entrando em a web e querendo saber fazer algo, algo que apesar de simples, você não sabe fazer. É simples ir em

o Google e digitar "« como fazer [...] ", mas aprender por si só não é melhor? Já foi tentando muito que consegui multiplicar meus conhecimentos muitas vezes. Você vai a um lugar em busca de algo, e acha mais algo, mais algo e mais algo. Aprende e aprende muito mais. Além disso, quando você segue passos, você está seguindo dicas e não aprendendo com si mesmo. (CP, <http://sucessoblog.com/debates/eu-criaria-um-metablog-hoje/>)

(184) Segundo Aristóteles, todo Homem é um animal político. A política é a arte de vida em sociedade, uma de as poucas Ciências que podemos exercer sem uma formação específica. Repara amigo Dino, Lulas da Silva é Operário, Obama é Jurista, Savimbi graduou-se em Letras e Manguxi era Médico... Todos eles exercem a Política por consequência de o contexto, **entendeu?** De igual modo, eu uso o Rap como um veículo de partilha de os meus valores, princípios e educação. (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>)

Em (182), temos o uso de **entendeu** num contexto interrogativo com pergunta plena. O falante/escritor faz uma pergunta e espera uma resposta do interlocutor: no exemplo, o objetivo do falante/escritor, no caso, a mãe do garoto, é explicar para o filho o que é a ressurreição e ela quer saber se o filho entendeu sua explicação. Ao fazer a pergunta “Entendeu?” ao filho, logo recebe a resposta “Mais ou menos”.

Já em (183), vemos um contexto interrogativo com pergunta semirretórica. No momento em que o escritor/falante expõe o seu conceito sobre o ato de aprender e pergunta ao ouvinte/leitor se compreendeu a sua explicação, ele mesmo responde com uma explicação mais detalhada, por meio de uma situação hipotética: “Imagine-se entrando em a web e querendo saber fazer algo, algo que apesar de simples, você não sabe fazer. É simples ir em o Google e digitar "« como fazer [...] ", mas aprender por si só não é melhor?”.

Por fim, (184) ilustra um contexto totalmente retórico em que não se espera uma resposta do interlocutor. O contexto interrogativo é apenas um recurso de interação (Araujo; Freitag, 2010). Nessa situação comunicativa, o falante/escritor, citando expoentes políticos de diferentes países que não têm formação em Ciências Políticas, faz uso da pergunta retórica com o objetivo de requisitar a aprovação do ouvinte/leitor a respeito do seu posicionamento sobre o que é exercer política por influência do contexto social.

Quanto à trajetória verbo pleno > marcador discursivo, podemos dizer que também há a atuação da metáfora no processo de gramaticalização de **entender**. Partindo da trajetória espaço físico > espaço discursivo (Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991), consideramos que há uma expansão metafórica mundo físico > mundo discursivo, isto é, uma expansão de sentidos relacionados a uma atividade mental no mundo físico para sentidos relacionados à interação comunicativa: entender algo no mundo empírico é abstratizado para checar a compreensão no

contexto interacional. Nesse caso, acreditamos que a atuação da metáfora motivou a mudança categorial (de verbo cognitivo para marcador discursivo) de **entender**.

Após explicitar e discutir os resultados da nossa análise, seguimos para as considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos, na variedade moçambicana do português, os usos, gramaticalizados ou não, do verbo **entender**. Mais especificamente, buscamos: (i) identificar os usos do verbo **entender** nessa variedade; (ii) distinguir os usos menos e mais gramaticalizados do verbo **entender** na variedade em questão; (iii) descrever a trajetória de gramaticalização dos usos de **entender** no PM; (iv) verificar quais parâmetros linguísticos estão correlacionados à gramaticalização de **entender**.

Nesse intuito, direcionamos nossa atenção para as formas e/ou construções desse verbo nos contextos morfossintáticos de presente, presente progressivo e pretérito perfeito do indicativo e naqueles que também pudessem estar atrelados à segunda pessoa do singular e do plural: **entende**, **entendes**, **entendem**, **tá entendendo**, **está a entender**, **entendeu** e **entendeste**. Ao examinar essas formas/construções de **entender**, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, buscamos responder aos seguintes questionamentos: (i) Quais são os usos atribuídos às formas/construções do verbo **entender** aqui examinadas no PM? (ii) Dentre esses usos, quais se encontram mais ou menos gramaticalizados? (iii) Em que formas/construções do verbo **entender** ocorrem os seus usos mais gramaticalizados? (iv) Quais os parâmetros linguísticos que motivam a gramaticalização do verbo **entender**?

Para a descrição do nosso objeto de estudo, seguimos a linha teórica do Funcionalismo norte-americano (Hopper, 1987; Martelotta; Areas, 2003; Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003 etc.), sob a perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993] etc.). Nesse contexto teórico, compreendemos a gramaticalização como um processo de mudança categorial, através do qual elementos lexicais ou já gramaticais adquirem um *status* (mais) gramatical.

Na nossa investigação, assumimos também concepções mais ampliadas da gramaticalização: (i) a que passou a analisar não apenas itens mas também as construções nas quais tais itens estão inseridos (Hopper; Traugott, 2003 [1993]); (ii) a que incorporou a emergência de marcadores discursivos no escopo do paradigma da gramaticalização (Traugott, 1997; Freitag, 2009; Martelotta, 2011). Na discussão teórica, ainda nos valemos de estudos sobre marcadores discursivos (Marcuschi, 1989; Macedo; Silva, 1996; Castilho, 2004, 2016; Urbano, 2010; Risso; Silva; Urbano, 2015) e, mais precisamente, sobre os do tipo RAD (Freitag, 2008; Valle, 2001, 2014; Alcântara, 2018).

Quanto à metodologia, para análise dos usos de **entender** no PM, enveredamos por uma abordagem qualiquantitativa. Como *corpus*, utilizamos dados empíricos do PM do século XXI,

extraídos do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006). Quanto à observação dos dados, categorizamos os usos de **entender** no PM, partindo de acepções explicitadas em alguns dicionários de língua portuguesa (Ferreira, *on-line*; Aulete, *on-line*) e em estudos como os de Valle (2001, 2014), Trapp (2014) e Zanin e Gonçalves (2022) e, depois, descrevemos esses usos levando em conta os contextos comunicativos em que se encontravam. Controlamos seis parâmetros linguísticos na pesquisa – tempo e modo verbais, pessoa gramatical do sujeito, explicitude/omissão do sujeito, contexto interrogativo/não interrogativo e tipo de pergunta, presença e tipo de complemento verbal e tipo de sequência linguística – que foram descritos e correlacionados a hipóteses aventadas na pesquisa.

Na análise qualiquantitativa, efetuamos a descrição de **entender** quanto aos valores semântico-funcionais, correlacionando-os aos parâmetros linguísticos. Os resultados da análise atestaram os seguintes usos de **entender** no PM: verbo pleno, com diferentes acepções relacionadas à atividade mental (funcionando, portanto, como verbo cognitivo); verbo modal e marcador discursivo do tipo RAD. Dentre esses usos, o de verbo pleno apresentou um percentual expressivo de uso, fato que pode ser explicado devido à diversidade de sentidos cognitivos atrelados a esse verbo.

No que concerne ao processo de gramaticalização, a análise permitiu: (i) evidenciar uma mudança categorial de verbo pleno para verbo modal, uso em que **entender** deixa de ser elemento lexical e ganha função gramatical e valor volitivo; (ii) confirmar a hipótese de que o uso como marcador discursivo é o mais gramaticalizado e, por conseguinte, mais abstratizado ao desempenhar funções interacionais.

Ao analisar os usos de **entender** no PM com base nos parâmetros linguísticos controlados, buscamos verificar os contextos de uso que favoreceriam a mudança por gramaticalização. Assim, pudemos comprovar, parcial ou totalmente, as hipóteses aventadas no que concerne à correlação entre esses parâmetros e os usos de **entender** e o percurso de gramaticalização desse verbo na amostra analisada.

Em relação ao tempo e modo verbais, constatamos o predomínio do: (i) presente do indicativo para os usos de **entender** como verbo pleno (nas formas **entende** e **entendem**) e marcador discursivo (na forma **entendes**); (ii) pretérito perfeito do indicativo (na forma **entendeu**) no uso como verbo modal. Esse resultado confirmou a nossa hipótese de que esse contexto morfossintático influenciaria o uso mais gramaticalizado de **entender**, no caso, o de marcador discursivo. Para além dessa confirmação, a análise desse contexto linguístico possibilitou tecer importantes considerações: (i) a atuação do tempo e modo verbais nos usos gramaticalizados de **entender** no PM pode estar atrelada ao tipo de sequência linguística; (ii)

estabelecendo uma correlação entre o parâmetro tempo e modo verbais e a gramaticalização de **entender**, no PM, os resultados sugerem o início da atuação de um dos princípios da gramaticalização – o da especialização (Hopper, 1991). Nesse caso, parece que está começando a haver uma especialização do pretérito perfeito do indicativo para o verbo modal (uso que já corresponde a um dos estágios de gramaticalização de **entender**) e do presente do indicativo para marcador discursivo, embora a amostra tenha apontado instâncias desse uso também nos contextos morfossintáticos de presente progressivo e pretérito perfeito do indicativo.

Considerando a pessoa gramatical do sujeito, os resultados apontaram para uma convergência entre os usos de **entender** como verbo pleno e modal, havendo, em ambos os usos, uma maior ocorrência de sujeitos na terceira pessoa do singular. Já como marcador discursivo, a prevalência da segunda pessoa do singular reforça a ideia de correlação desse parâmetro com a reanálise de **entender** no uso como marcador discursivo, comprovando, assim, a hipótese que assumimos de que o contexto morfossintático de segunda pessoa tem influenciado a gramaticalização de **entender** para marcador discursivo. A tendência ao emprego dessa pessoa gramatical evidencia uma decategorização (Hopper, 1991) nesse uso de **entender**. É importante enfatizar que a fixação de usos na segunda pessoa do singular (direcionada ao interlocutor) tem sido uma característica atestada para marcadores discursivos do tipo RAD (Valle 2001; Trapp, 2014), uma vez que sua atuação é voltada para contextos comunicativos interacionais.

A análise do parâmetro explicitude/omissão do sujeito demonstrou o uso categórico, no PM, de sujeito implícito no emprego de **entender** como marcador discursivo, resultado que também aponta para uma decategorização (Hopper, 1991) de **entender** no PM. Além disso, confirma a hipótese aventada para esse parâmetro, ou seja, o uso mais gramaticalizado seria favorecido pelo sujeito implícito.

Outro parâmetro que se mostrou importante para os usos gramaticalizados de **entender** foi o contexto interrogativo e tipo de pergunta. Houve prevalência categórica do contexto não interrogativo para o emprego de **entender** como modal e o mesmo ocorreu com o tipo de pergunta retórica para marcador discursivo. Ademais, só **entender** como verbo pleno ocorreu em contextos interrogativos com pergunta plena e semirretórica. A combinação dos resultados obtidos para os usos (não) gramaticalizados permite ratificar a nossa assunção de que a gramaticalização de **entender** resultaria da trajetória pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica (Martelotta; Leitão, 1996; Freitag, 2007), assim como ocorreu com outros verbos (por exemplo, **saber**) que passaram por processo de mudança de verbo para marcador discursivo do tipo RAD.

O controle do parâmetro tipo de complemento verbal, nesta análise, nos permitiu constatar a atuação do princípio da decategorização (Hopper, 1991) nos usos gramaticalizados de **entender** (verbo modal e marcador discursivo) atestados na amostra. Os resultados revelaram que ocorreu restrição e perda de atributo sintático de **entender**: no caso do verbo modal ao selecionar apenas um tipo de complemento (sentença encaixada não-finita) e, como marcador discursivo, por deixar de subcategorizar complemento verbal.

Quanto ao parâmetro sequência linguística e aos resultados obtidos, verificamos o predomínio da sequência argumentativa para o uso mais gramaticalizado de **entender** (como marcador discursivo), o que comprovou a nossa hipótese de pesquisa. Em outras palavras, evidenciamos empiricamente uma relação entre o contexto argumentativo (em que se sobressai a expressão de pontos de vista) e o emprego de marcador discursivo do tipo RAD.

Em síntese, ao correlacionar os parâmetros linguísticos controlados na pesquisa aos usos gramaticalizados ou não de **entender** no PM, mapeamos os seus contextos de ocorrência mais relevantes: (i) como verbo pleno, **entender**, embora apresente um contexto bem amplo de ocorrência, tende a ser empregado no presente do indicativo (nas formas **entendem** e **entende**), com sujeito explícito na terceira pessoa do singular (P3), em contexto não interrogativo, com sintagma nominal como complemento e em sequências expositivas; (ii) como verbo modal, é mais utilizado no pretérito perfeito do indicativo (na forma **entendeu**), com sujeito explícito na terceira pessoa do singular (P3), em contexto não interrogativo, com oração encaixada não-finita como complemento e em sequências narrativas; (iii) como marcador discursivo, tende a ocorrer mais no presente do indicativo (na forma **entendes**), com sujeito implícito na segunda pessoa do singular (P2), em contexto interrogativo com pergunta retórica, sem complemento verbal e em sequências argumentativas.

O exame dos dados do PM sugere que, na gramaticalização do verbo **entender**, ocorrem duas trajetórias de mudança categorial: (i) verbo pleno > verbo modal; (ii) verbo pleno > marcador discursivo. A possibilidade de duas ou mais cadeias de gramaticalização, como as mencionadas anteriormente para o verbo **entender**, ilustra o que, na literatura funcionalista, tem sido chamado de construto de poligramaticalização (Braga; Paiva, 2003).

Em relação à emergência de **entender** para modal com valor volitivo, aventamos uma hipótese que poderia explicar esse percurso de gramaticalização. Acreditamos que ele pode ter iniciado a partir da expansão metafórica ter conhecimento > ter intento de. Ou seja, o ato de decidir algo perpassa pela necessidade de conhecimento para que isso aconteça. Sugerimos, então, que, para que se possa verificar a plausibilidade dessa hipótese, sejam feitos estudos

diacrônicos que possibilitem a observação e o mapeamento dos estágios de mudança do referido processo de gramaticalização.

No percurso verbo pleno > marcador discursivo, tomando por base a trajetória espaço físico > espaço discursivo (Heine; Claudi; Hünnemeyer, 1991), defendemos que também ocorreu projeção metafórica mundo físico > mundo discursivo à medida que, os sentidos relacionados à atividade cognitiva do mundo concreto se expandem para sentidos mais abstratizados, voltados à atividade interacional. Assim, concluímos que a mudança categorial de **entender**, de verbo cognitivo para marcador discursivo, foi motivada pela metáfora, representando uma mudança de elementos que atuam no nível representacional para o interpessoal (Martelotta, 2011).

Consideramos, com a análise e a discussão dos dados efetuadas, que alcançamos os objetivos traçados para este trabalho e, conseqüentemente, respondemos às questões de pesquisa levantadas para esta análise. Apresentamos, conforme proposto, a descrição dos usos gramaticalizados ou não de **entender** no PM bem como atestamos a correlação dos parâmetros linguísticos considerados na pesquisa com esses usos. Assim, acreditamos que a investigação aqui desenvolvida mostra-se relevante pelo fato de contribuir, de forma significativa, para a descrição e o mapeamento de um fenômeno linguístico no PM. A nosso ver, isso pode colaborar para a socialização, na comunidade acadêmica, de aspectos do funcionamento de uma das variedades africanas do português, representando, dessa forma, uma perspectiva decolonial (Barboza; Nicolini; Freisleben, 2023) de fazer ciência linguística. É nesse sentido que entendemos, como já mencionado na seção de metodologia, que esta pesquisa pode ser considerada uma soma aos esforços de descolonização no campo da linguística que buscam fortalecer “a ideia de valorização da diversidade das línguas [...]” (Barboza; Nicolini; Freisleben, 2023, p. 13), mais precisamente da diversidade das variedades africanas do português.

Por fim, destacamos também o caráter de originalidade desta pesquisa já que não encontramos registros de trabalhos com o verbo **entender** na variedade moçambicana do português e, mesmo na variedade brasileira, os que encontramos analisam esse verbo atrelado a outros que desempenham também a função de marcador discursivo do tipo RAD. Desse modo, esperamos que os achados deste estudo possam contribuir para a realização de pesquisas futuras relacionadas ao fenômeno e à variedade linguística aqui examinados.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Meiriany Cristina de Nascimento Souza. **Um estudo sociolinguístico dos requisitos de apoio discursivo utilizados por pessoas do sertão do Pajeú–Pernambuco**. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 176. 2018.

ARAUJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. Quem pergunta quer resposta! – perguntas como estratégias de interação na escrita. **Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 2, n. 2, p. 321-335. 2010. Disponível em: www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5421. Acesso em: 23 maio 2024.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Dicionário *on-line*, Lexikon. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BARBOZA, Gabriela; NICOLINI, Alessandra; FREISLEBEN, Larissa Colombo. Entre as línguas e o fazer linguístico: aproximações iniciais entre Benveniste e os estudos decoloniais. **Organon**, Porto Alegre, v. 38, n. 75, jan./jul. p. 1-21. 2023.

BARBOSA, Letícia de Almeida; FORTILLI, Solange de Carvalho. A analogia nos processos de mudança de verbos cognitivos no português brasileiro. **Caderno Seminal**, v. 30, n. 30, p. 225-247. 2018.

BRAGA, Maria Luiza; PAIVA, Maria da Conceição de. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2003. p. 206-212.

CARNEIRO, Antonio Ralf da Cunha. **Construções com verbos perceptivos e pronomes locativos como marcadores discursivos no português angolano: um enfoque centrado no uso**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) Universidade do Estado da Bahia. Salvador, p. 154. 2024.

CARVALHO, Cristina dos Santos. **Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista**. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP. Campinas, p. 248. 2004.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização e contexto morfossintático: o que *acham*, *olham* e *dizem* os soteropolitanos? In: LOPES, Norma da Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus (orgs.). **Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. **Estudos Linguísticos**, v. 40, n. 1, Campinas, p. 82-91. 2011.

CARVALHO, Cristina dos Santos; SILVA, Eliêda de Matos. Usos e Contextos do verbo *achar* na fala popular de Salvador: Gramaticalização e contexto morfossintático. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia P.; CARVALHO, Cristina dos Santos. (org.). **Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro** Sociolinguística paramétrica, Sociofuncionalismo. Feira de Santana: UEFS, 2013. p. 37-62.

CARVALHO, Cristina dos Santos; GOMES, Jande Cleia Capistrano. Olha, olhe e oh: Gramaticalização do verbo *olhar* na fala popular soteropolitana. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 57, p. 297-318, jul./dez. 2017.

CARVALHO, Cristina dos Santos.; LOPES, Norma da Silva; RODRIGUES, Angélica. Nas trilhas da sociolinguística e do Funcionalismo: à guisa de apresentação. In: CARVALHO, Cristina dos Santos.; LOPES, Norma da Silva; RODRIGUES, Angélica (org.). **Sociolinguística e Funcionalismo: Vertentes e interfaces**. Salvador: Eduneb, 2020. p. 7-20.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 4. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2022.

COSTA, Sheyla Patrícia Trindade da Silva; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A construção com verbos de cognição no português brasileiro: um estudo preliminar. **Gragoatá**, Niterói, n. 40, p. 250-272. 2016.

COSTA, Sheyla Patrícia Trindade da Silva. **A construção de estrutura argumental com verbos de cognição no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 157. 2017.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 17 maio. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aur%cc3%a9lio2/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. **Interdisciplinar: revista de estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão - Sergipe, v. 4. n. 4. p. 22-43. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1091>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko; Emergência e inovação na língua: explorando o paradigma funcional da gramaticalização. **Fólio - Revista de Letras, [S. l.]**, v. 2, n. 1, p. 143-161. 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3631>. Acesso em: 03 maio 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. **ReVEL**, v.7, n.13. p.1-13. 2009. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/artigos>. Acesso em: 18 mar. 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. **Revista do Gelne**, Vol. 10, nº 1/2, p. 21-32. 2008. Disponível em: www.gelne.org.br. Acesso em: 15 mar. 2024.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA; Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 29-55.

GOMES, Joelma Sena. **A gramaticalização do aí na fala popular de Salvador**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador, p. 147. 2020. Disponível em: http://www.ppgel.uneb.br/wpcontent/uploads/2020/12/gomes_joelma.pdf. Acesso em: 23 abr. 2024.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 67-90.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007a. p. 15-66.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Estudos de caso; In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007b. p. 91-156.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. Marcadores em competição no domínio funcional da “requisição de apoio discursivo”. In: CEZARIO, Maria Maura. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. p. 113-129.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. In: **Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 79-100.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, n.13, p. 139-157, 1987. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/1834/0> Acesso em: 05 mai. 2024.

HOPPER, Paul John. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 1991.

HOPPER, Paul John; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University, 2003 [1993].

INAGE. **Portal do Governo de Moçambique** <<https://www.portaldogoverno.gov.mz/>>
Acesso em: 10 jul. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS)**. Maputo, 2011.

JESUS, Amanda Almeida de. **Pronomes locativos propostos a sintagmas nominais: padrões funcionais e gramaticalização na fala popular de Salvador – Ba**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador, p. 169. 2022. Disponível em: http://www.ppgel.uneb.br/wpcontent/uploads/2023/03/amanda_jesus.pdf/. Acesso em: 23 abr. 2024.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria Benetti. Os gêneros textuais e a tipologia injuntiva. **Caderno Seminal**, [S.l.], v. 11 n. 11, p. 5-24, jan./jun. 2009.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gisele Machline de Oliveira. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira Tavares; RONCARATI, Claudia; MOLLICA Maria Cecília. **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 18-25.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1989. p. 281-321.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (org.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, 1996.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; LEITÃO, Márcio Leitão. Discursivização do verbo *saber*. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (org.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, 1996. p. 293-302.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 17-28.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, 12, v. 6, n. 26, 1912. Reimpr. In: MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique général**, 1. Paris: Champion, 1948. p. 130-148.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 1997.

PINTO, Priscila Júlio Guedes. A (poli)gramaticalização do verbo "deixar". **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 1-19. 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11479>. Acesso em: 03 set. 2024.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Gramaticalização – uma visão teórico epistemológica. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 9, n. 11, p. 1-18, 2010.

ROST, Cláudia Andrea. **Olha e veja: multifuncionalidade e variação**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 151. 2002.

ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andrea; GOSKI, Edair Maria. (Inter)subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instancias de gramaticalização. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 423-455. 2011.

SILVA, Rosângela Barros da. **Marcadores discursivos interacionais na fala de adolescentes escolares: acomodação linguística e identidade social**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, p. 88. 2016.

SILVA, Viviane Marcelina. **Usos de *está/tá* na fala popular de Salvador**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador, p. 149. 2021.

SOUZA, Ilana Guimarães. **Usos de onde em redações de vestibular da UNEB: Uma análise sociofuncionalista**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador, p. 141. 2018.

STEFFLER, Adriano. **Os verbos modais do português sob uma perspectiva de traços funcionais**. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 91. 2013.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, n. esp., p. 27-48, 2013.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, p. 318. 2013.

TIMBANE, Alexandre António; REZENDE, Meire Cristina Mendonça. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Revista Travessias**, vol. 10, N. 03, p. 388-408. 2016.

TRAPP, Kelly. **Os marcadores discursivos *sabe?* e *entende?* na fala de informantes do município de Chapecó/SC**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual da Fronteira do Sul – UFFS. Chapecó, p.143. 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbos gramaticais – Verbos em processo de gramaticalização. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção; MARTINS, Evandro Silva; MORAES FILHO, Waldenor Barros. (Orgs.). **Língua(gem): reflexões e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2016. p.138-224.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A (poli)gramaticalização do verbo acabar. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 21-56. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25177>. Acesso em: 03 set. 2024.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and construction grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.). **História do português paulista**. Campinas: UNICAMP/IEL, 2009, p. 91-101.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. **ReVEL**, v. 12, n. 22, p. 98-108. 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/9c040d169d41fdcd4d0d0c12f4fdbd02.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth C. role of the development of discourse markes in a theory of grammaticalization. **Paper from the ICHL**, XII, Manchester, 1997. Disponível em: http://www.wata.cc/forums/uploaded/136_1165014660.pdf . Acesso em: 2 mar. 2024.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 93-116.

VALLE, Carla Regina Martins. Marcadores discursivos e multifuncionalidade: atuações textuais de itens voltados para a interação. **Working Papers em Linguística**. v. 21, n. 1, p. 197-219, 2020.

VALLE, Carla Regina Martins. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos**: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 415. 2014.

VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe? Não tem? Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 172. 2001.

ZANIN, Isa Caroline Aguiar; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Sabe?* e *entendeu?* como marcadores de busca de aprovação discursiva: variantes de uma mesma variável? **Revista Prolíngua**, v 17, n. 1, p. 62-77. 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373769093>. Acesso em: 23 nov. 2023.